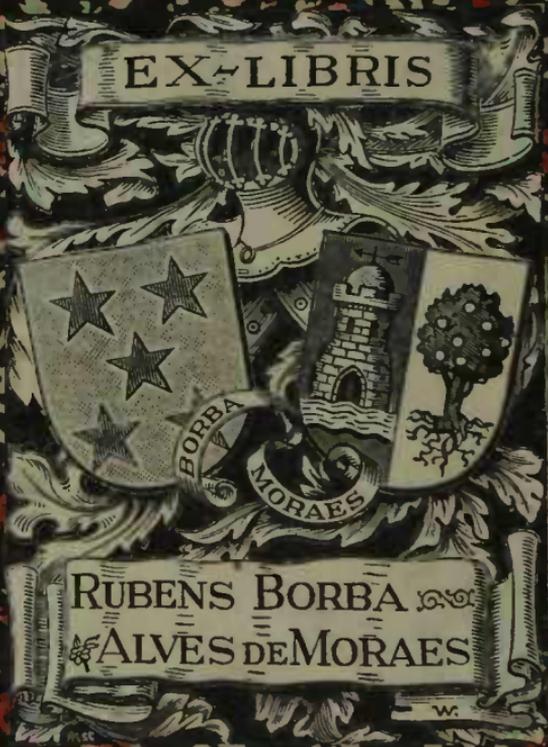




EX LIBRIS



RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



Antonio Gonsalves Teófilo e Sousa

Nasceu na cidade de Cabo Frio em 28 de Março 1812

A

INDEPENDENCIA

DO BRASIL.

A
INDEPENDENCIA DO BRASIL

POEMA EPICO EM XII CANTOS

DEDICADO, OFFERECIDO E CONSAGRADO

A Sua Magestade Imperial

O SENHOR

D. PEDRO II

E OFFERECIDO

ÀS AUGUSTAS, VIUVA E FILHAS

DO HEROE DO POEMA

POR SEU AUCTOR

Antonio Gonsalves Teixeira e Sousa.

TOMO PRIMEIRO.



RIO DE JANEIRO

TYP. IMPARCIAL DE FRANCISCO DE PAULA BRITO

1847.

A

SUA Magestade Imperial

A SENHORA DUQUEZA DE BRAGANÇA

—

A SUA Magestade Fidelissima

A SENHORA D. MARIA DA GLORIA

RAINHA DE PORTUGAL

—

A SUA ALTEZA

A SENHORA CONDESSA D'AQUILA

—

A SUA ALTEZA

A SENHORA PRINCEZA DE JOINVILLE

—

A SUA ALTEZA

A SENHORA D. MARIA AMELIA

—————

Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão. Vereis um novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos
Em versos divulgados numerosos.

CAM. LUSIAD. CANT. I, EST. IX.

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA E SOUSA.

AOS BRASILEIROS.

Vereis amor da patria não movido
De premio vil; mas alto, e quasi eterno :
Que não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.

CAM. LUSIAD. CANT. I, EST. X.

Entrego-vos o trabalho de quasi cinco annos, e nem porisso bom. Ninguem, como eu, alcança os defeitos desta minha pequena obra; mas ninguem menos que eu é capaz de a-corriger, pois que para tanto me-fallece o animo: em melhores tempos sim, o-faria; e talvez apparecesse este Poema illustrado de algumas notas historicas, e geographicas, onde precisas fossem; e até apontaria os logares em que imitei, e de quem: mas isto seria em outros tempos, quero dizer, de mais esperanças, e de menos temores, quando só viajava eu por este mundo, no qual, si o passado me-causava bem ternas saudades, nem porisso o futuro me-dava bem entendidos temores.

Hoje, por uma lei sancta, alguem viaja comigo, e, si só, podia eu dar-me ás lettras, ou melhor, podia não importar-me muito com os meios da existencia,

hoje os-devo preferir a tudo, para que não soffra aquella, que ao meu tem, para sempre, ligado o seu destino.

Tudo isto quer dizer que não posso distrahir com as lettras um precioso tempo, que empregar posso com mais proveito em favor de meus deveres, e dos commodos da vida, mormente na em que me-acho, de cujas occupaões pouco tempo me-sobra.

Ahi vae pois esta obra, que tantos descontentamentos me-tem dado; e della me não fica outro prazer senão o havel-a emprehendido; e, si isto é gloria, é a unica de que orgulhar-me posso; pois que

Eu desta gloria só fico contente
Que a minha terra ame, e a minha gente.

FERREIRA.

O Autor

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA E SOUSA.

A0

ILLM. E EXM. SNR. DEZEMBARGADOR

JOSÉ CLEMENTE FERREIRA

DO CONCELHO DE S. M. O IMPERADOR
DIGNITARIO DA IMPERIAL ORDEM DO CRUZEIRO, GRANDE DIGNITARIO
DA IMPERIAL ORDEM DA ROSA, CAVALLEIRO DA DE CHRISTO
SENADOR DO IMPERIO &c. &c. &c.

O monumento, que intentei erguer á Independência do meu paiz, Senhor, é este ; e para que meu intento apparecesse á luz publica, meus desejos foram protegidos por vossos esforços.

A lei de ser agradecido me-impõe o dever de aqui consignar vosso nome, como o de um protector das Lettras, e das Artes.

Deos vol-o pague.

O Autor

ANTONIO GONSALVES TEIXEIRA E SOUSA.

POEMA EPICO.

DOZE CANTOS.

Como **o** primeiro.

CANTO PRIMEIRO.

CANTO I.

ARGUMENTO.

O poeta inflammado pelo Anjo da Gloria, propõe-se a cantar o Heróe e a Independencia do Brasil. Invocação ao Anjo da Poesia. Saudação á Patria; ao Anjo Custodio do Brasil; ao Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, a quem particularmente se-offerece, se-dedica, e consagra-se este Poema; a Senhora D. Amelia Duqueza de Bragança, Viuva do Heróe do Poema; a Senhora D. Maria da Gloria, a Senhora D. Januaría, a Senhora D. Francisca, e a Senhora D. Amelia, filhas do Heróe.

Como Logar-Tenente de seu pae rege o Brasil o Senhor D. Pedro. A provincia de Minas. Nega-se ella obedecer ao Regente do Brasil. Parte D. Pedro para lá. Pernouta em caminho. De manhã, em quanto se apresta a cavaladura, entra em um bosque, onde se-perde. Encontro de um velho penitente; practica deste, e de D. Pedro; prophccias. Sahe D. Pedro do bosque, prosegue a viagem. A pedido dos companheiros dispõe-se a contar a historia d'America. Reflexões sobre a descoberta d'America.

A

INDEPENDENCIA DO BRASIL



CANTO I.

—

I.

U, d'egregios triumphos carregado
Adejando gentil, preñhe de ardores,
D'onde vens tão diaphano empenhado
Em gabos, em renomes, em louvores?
D'onde vens tão ameno, engrinaldado
Dessas ethereas, immurchaveis flores,
Cultor do templo da immortal Memoria,
Sacra luz dos Heróes, Anjo da Gloria?

II.

Por que vens accender n'um peito humano
 De teu Estro divino a sacra chamma?
 Por quem d'est'arte ostentas soberano
 Vicejando frondosa a laurea rama?
 Por quem, com tanto afan, vens tão ufano
 Pleno de troadora, e nobre fama?
 Quaes p'ra o teu monumento eternas bases?
 Que Heróe? que altas Acções? que Nome trazes?

III.

Enches meu peito de um ardor vehemente
 Cheio de teu supremo ministerio!
 Da facha que a teu lado está pendente
 Um lettreiro scintilla em fogo ethereo:
 Eu leio nesse espaço refulgente:
 Ao — FUNDADOR DO BRASILEIRO IMPERIO! —
 E em lettras coruscantes nesse meio:
 A' — INDEPENDENCIA DO BRASIL! — eu leio!

IV.

Vem pois tão cheio de immortal belleza
 De doces harmonias, e d'encantos!
 Vem proteger a fraca natureza
 Com teus celestiaes auxilios santos!
 Por que toda é de Gloria, é tua a empreza,
 Si pertendes de mim subidos cantos;
 Pois já não são amores, nem ciúmes,
 Brilhantes settas, fabulados Numes!

V.

Que santo enthusiasmo se-desata
Dentro em meu peito á Patria consagrado !
Que glorioso campo se-dilata
Ante meu estro em lavas arrojado !
Que poetico fogo me-arrebata,
Onde a gloria me-inspira, e arroubado
Em extasis poeticos eu vôo ;
Eia, me-inspira a Gloria, o canto então !

VI.

Deixem pois que me-lance impetuoso
Na de renomes nitida veréda !
Deixem pois que da Gloria cobiçoso
Me-consuma da Gloria a labareda !
Cahirei?...Recuar nunca-medroso,
Que inda cahido ganho em minha quéda !...
Da Patria o santo Escudo hoje me-cobre :
Em nobre empreza a mesma queda é nobre !

VII.

Musa de Homero, Musa de Virgilio,
Gentil deidade de ficção antiga,
Soffre que hoje a implorar o teu auxilio,
Em um tão grande empenho, em tal fadiga,
Reverente não vá cantor Brasilio !
Mais alta Musa dos christãos amiga,
Revestida de puro, e nobre encanto
Virá dos ceos reger da Patria o canto !

VIII.

Limpido mane da Castalia fonte
O licor dos cantores cobiçado ;
Embora avulte no bicolleo monte
Egregio louro a Apollo consagrado ;
Segar não vae o bardo para fronte
Esse louro aos poetas destinado :
Basta-lhe o premio d'á immortal Memoria
Haver da Patria remettido a Historia.

IX.

Vós, ó deuses do Ascreu, deuses de Homero,
Sacros delirios da pagã Camena,
Plutão, Neptuno, Jupiter severo,
Juno, Minerva, Cytheréa amena,
Baccho, Vulcano, Apollo, Marte fero,
Rhéa, Ceres, Diana, Hebe serena,
Ficæ no vosso Olympo em paz sele'ta ;
Tem outros deuses o christão poeta.

X.

A Musa cantará, si poder tanto,
O sublimado Heróe do Novo Mundo,
Que encheu a terra d'elevado espanto,
Calcando o Despotismo furibundo !
Digno d'eterno ser no epico canto,
Que espalhe seu louvor n'orbe rotundo !
Ministro o mais famoso da Egualdade,
Novo Apost'lo da humana Liberdade !

XI.

É elle o grande Heróe que de Ulysséa
Veio ao Brasil nos annos seus primeiros,
Para a effeito levar a illustre idéa,
Que ruminavam nobres Brasileiros;
Para então digno ser de uma Epopéa,
Entre grandes heróes mais verdadeiros,
Primeiro erguendo em echo ingente, e forte,
O brado heroico—INDEPENDENCIA, OU MORTE.

XII.

É pois aquelle que não viu soffrido
O turbido Congresso insidioso
Calcar santos direitos, fementido,
De um povo: antes altivo, e generoso,
De amor da Liberdade o mais subido
Todo inflammado, em impeto brioso,
Os ferros, que forjava a iniquidade
Transformou em tropheos da Liberdade!

XIII.

D'esse nobre Varão mais que affamado,
De uma immortal memoria gloriosa,
Que á uma Patria tão nova devotado
Livre a tornou, tornando-a venturosa;
O grande Nome á gloria consagrado
O' Patria, sempre lembrarás saudosa!
E ficará eterno em grato canto,
Si a Brasileira Musa poder tanto!

XIV.

Cantarás pois sublime, ó grave Musa,
Da Liberdade o amigo verdadeiro,
A fama sua tornarás diffusa
Fazendo-a clara pelo mundo inteiro !
Tua subida voz, voz não illusa,
Ha de escutar o povo Brasileiro ;
Por que da Fama o Anjo então ridente
Pelo Universo a-levará contente !

XV.

Damnado empenho de rancor interno,
Truculento furor de odio profundo
Do conjurado, pavoroso Inferno
Contra o famoso Heróe do Novo Mundo ;
As penas que soffreu seu peito terno,
Sem nunca murmurar, sempre jucundo,
Com altiloqua voz, que ao tempo affronta,
O' Musa do Brasil, ao mundo conta!....

XVI.

E os cuidados, e os males, e os apuros,
O seu sincero amor sempre á Eguualdade,
Para dar ao Brasil fados mais puros
No bem da suspirada Liberdade ;
Sem outro premio mais que nos futuros
O seu Nome mandar á Eternidade ;
O seu amor a um reino inda tão novo,
E a seu Brasilio, tão amante povo :

XVII.

E as viagens rapidas, que ousado
Fez per tantos desertos assombrosos,
De tão poucos dos seus acompanhado
Vencendo mil perigos affrontosos;
Em tempestades quasi sossobrado
Por ardil dos demonios rancorosos;
O seu liberalismo, a sua gloria,
E seu triumpho d'eternal memoria!

XVIII.

O' tu da terra morador longevo,
Mago filho do ceo, puro, e querido,
No ceo, dos Anjos immortal coevo,
E de lá felizmente a nós descido,
Do homem primitivo amigo equevo,
E incola da terra esclarecido;
Tu, que empunhas o Sceptro d'Harmonia,
Anjo sagrado da immortal Poesia!

XIX.

Tu, que sobre as paixões tens vasto imperio,
Que vês mysterios das regiões do Averno
Té os mais altos do assento etherio;
Tu, que á Virtude dás louvor eterno,
Cobrindo o vicio atroz de vituperio;
Tu, d'alma Melodia, ó rei superno,
Que da sacra Poesia a eximia palma
D'altos validos teus cultivas n'alma!

XX.

Tu, grão claviculario do thesouro
Em que Deos tem guardado almo talento;
Tu, que desdenhas a nobreza, o ouro
Si virtude não teem por ornamento ;
Tu, que de c'roas de virente louro
Eriges teus brasões, teu monumento ;
Tu, que nas azas da immortal Verdade
Conduzes teus heróes á Eternidade !

XXI.

Tu, que da humilde choça dos serranos
Caminho abriste ovante e denodado
Té esses pulchros paços soberanos ;
Tu, lá do ceo á terra só mandado
Para consolo, e gloria dos humanos;
Que alegre, ou triste, humilde, ou elevado,
Alterno a ti circumda a coma de ouro
Cypreste, ou myrto, ou a verbena, ou louro !

XXII.

O' Genio, ó Anjo, ó Numen da Poesia,
Vem propicio poisar dentro em meu peito !
Diffunde nelle a sacra Melodia,
Para um Patrio cantar sublime Feito ;
Derrama no meu canto alta Harmonia,
Consagra o estro meu a ti sujeito ;
Accende na minha alma epica chamma,
E dá meu canto á gloriosa Fama !

XXIII.

Sinto arroubar-me no meu pobre estado,
Para a Patria cantar, desejo ardente ;
Sinto-me em patrio amor todo abrasado ;
Tenho uma penna, e é della unicamente ;
Não me falta o desejo sublimado
De á Patria entretecer Capella ingente ;
So não tenho um talento numeroso,
Si me-foges esquivo, Anjo piedoso !

XXIV.

Faze que ás azas tuas abrigado
O teu vate feliz devolva os cantos ;
Dá-me estylo canoro, e bafejado
De fresquidão de harmonicos encantos ;
Dá-me um estro grandiloquo, arrojado,
Que dê á Patria gloria, ao mundo espantos ;
Unge-me a lingua n'uma unção divina,
Salva meu canto d'eternal ruina!

XXV.

Eu te-saudo, minha Patria amada !
Ahi tens meu canto, eu canto a tua gloria ;
Si desta grande empreza começada
O teu vate alcançar feliz victoria,
Te-verei, nos meus versos, consagrada
Ao sacro Templo da immortal Memoria ;
Pois o meu estro é meu Liberalismo,
A minha Tuba o meu Patriotismo !

XXVI.

Tu, Esp'rito do ceo, Genio ditoso,
Anjo-Guarda do povo Brasileiro,
Da sydereia mansão genio formoso,
Deste Brasil amigo verdadeiro,
Eu te-saudo, ó Anjo venturoso;
Desce do alcaçar teu, vem prazenteiro;
Me-ampare a tua invicta fortaleza,
E presta o teu favor á minha empreza.

XXVII.

Qual novel palinuro em longos mares
Ouço nas ondas trovejando a morte!
Os homens vejo aqui, alli azares,
Assim temo encontrar funesta sorte!
Que farei, si ora ignaro em taes logares
Tu me não levas a seguro norte?
Vem pois : em tanto mar, tanto perigo,
Meu batel faz levar um vento amigo!

XXVIII.

E Tu, Senhor, excelso Soberano,
Que de grandezas tantas ladeado
Entre os subditos Teus feliz, e ufano
Ao solio Imperial Te-vês alçado,
Solio Augusto do solo americano,
Por Teu Heroico Pae nelle plantado;
Inclina um pouco o rosto prazenteiro,
Ouve as preces do vate Brasileiro.

XXIX.

A Ti mais que a ninguem, Senhor, pertence
Meu canto, onde só falla a natureza;
Presta ouvidos á Lyra Fluminense,
Ajuda-me a vencer tamanha empreza!
Ah! que si o vate tanto esforço vence,
Maior honra não quer, maior grandeza!
Pois tenho o premio na elevada glória
De haver cantado ao mundo a Patria Historia!

XXX.

Da Patria minha modulando os feitos,
E de Teu grande Pae, Varão robusto,
E dos Brasillos, valerosos peitos,
A' sombra do Teu Nome, sempre Augusto;
Meu nome nos meus versos (sendo acceitos)
Do frio Lethes zombará sem susto;
Pois junto da Brasilia Liberdade
Irá tambem meu nome á Eternidade.

XXXI.

Meu poema, que a Ti vae dedicado,
Inda fraco, Senhor, tosco, e sem arte,
Coberto por Teu Nome respeitado
Com gloria correrá per toda parte!
De Ti dirá o mundo enamorado,
Para per este mcio mais louvar-Te:
—Quando o vate este canto deu ao mundo
Reinava no Brasil PEDRO SEGUNDO! —

XXXII.

Acceita pois, Senhor, o Monumento
Que á Patria erijo, si consigo tanto !
Não tenho para erguel-o outro instrumento
Mais que o amor da Patria, puro, e santo !
Tu serás immortal neste Moimento,
Eu eterno serei neste meu canto ;
Tu, pelo bem de o-teres acceitado,
Eu pela gloria de o-haver cantado !

XXXIII.

Tu, illustre Consorte, e carinhosa
Do amigo sem igual da Liberdade,
Hoje Viuva sua, e mui saudosa,
Aonde impera delle a Magestade !
Releva, si ora a Musa respeitosa
Aviva em Ti ternissima saudade !
Vê porem no meu Hymno glorioso
Qual o Renome do Teu grande Esposo !

XXXIV.

Do antigo Throno de immortal valia
Do grande Affonso, intrepido guerreiro,
O gesto (outr' hora cheio de alegria,
E hoje inda mimoso, inda fagueiro)
Inclina aos versos meus, gentil Maria,
Belleza deste solo Brasileiro !
A Teu Pae o meu canto só respeita,
Tambem pois Te-pertence; em parte o acceita.

XXXV.

Tu, Januaria, candida Princeza,
Tão bella, tão gentil, tão meiga, e pura ;
Tu, a quem tanto deu a Natureza,
Tão cheia de virtude, e formosura,
O' Brasileira Flor, maga belleza,
Tão rica de bondade, e de candura,
Meu livro encara com benigno trato,
Pois sei que o Nome de Teu Pae Te é grato!

XXXVI.

E Tu, Rosa do solo americano,
De tão saudosa, e tão grata lembrança,
Tão Joven, por Decreto Soberano,
Transplantada p'ra o chão da culta França,
Linda Francisca, o gesto doce, e humano
Inclina ao canto, e dá-me alta esperança :
Tu és discreta, és linda, és venturosa,
E's Filha de um Heróe, és de outro Esposa!

XXXVII.

Tu, que d'um outro amor puro, e jucundo,
N'outro solo, tão longe do Janeiro,
Nascida de um Heróe vieste ao mundo,
O' Filha do immortal Pedro Primeiro !
Para meu verso (embora não profundo)
Solta um doce sorrir com ar fagueiro ;
Pois me-olvidar seria maravilha
Da linda Amelia, d'outra Amelia filha!

XXXVIII.

Ah ! não por mim, clarissimas Princezas,
O meu livro acolhei benignamente,
Mas pelas tantas Paternaes Grandezas
Meus versos recebei suavemente!
Vós dareis ao meu hymno mais bellezas,
Eu por Vós cantarei mais docemente!
Dae ao meu estro pois maior encanto,
Canto um Heróe, um Pae, um Sposo canto!

XXXIX.

Os fados rege da Brasilia terra
O do Sexto João filho famoso,
P'ra quem a urna do Destino encerra
Amplu de glorias um porvir grandioso!
Nascido para ser grande na guerra,
E o povo do Brasil tornar ditoso;
Era Mancebo destemido, e ardente,
De uma serie de Heróes grão descendente!

XL.

No seu caro Brasil tinha-o deixado,
Qual seu Logar-Tenente o seu sob'rano,
Pois que cedendo á força de seu fado
Foi-se de novo ao reino lusitano;
Em ondivaga náu tendo embarcado
Transposto havia as ondas d'oceano:
E do bello Janeiro seu querido
Tinha p'ra sempre triste se-partido.

XLI.

Em seus atrozes furores encendido
Seguindo o plano tumido, int'resscuro
De Lisboa o Congresso enfurecido
Aniquilava o reino Brasileiro!
Era então seu proposito querido
O reduzil-o a extremo captiveiro!
E, tendo-o conquistado o Servilismo,
Nelle dar leis o negro Despotismo!

XLII.

Com sentir doloroso tinha visto
Pedro as desgraças do Brasílio Estado!
Era dos Brasileiros mui bemquisto,
E delles todos em geral amado!
Com animo de Heróe tinha previsto
O quanto o ceo lhe havia reservado;
Que seria, segundo a Providencia,
Heróe da Brasileira Independencia.

XLIII.

Os odios do Congresso se-augmentavam,
Intrigas de partidos progrediam;
Ora embaraços mil se-alevantavam,
E os males uns aos outros succediam!
Entre tantos perigos, que o-cercavam,
E faltas tantas, que per si cresciam,
Julgou dever no Americo hemispherio
Inaugurar per si um novo Imperio!

XLIV.

Europa nelle os olhos ja fitava ;
Portugal com suspeitas o-opprimia ;
Toda America em torno o-contemplava ;
Junto delle o Brasil se-reunia ;
Curto, e rapido o tempo se-escoava ;
Do perigo a imminencia esforço urgia !
E elle precisava, em tal justeza,
Obrar quasi milagres nesta empreza !

XLV.

Viu elle pois que o Brasileiro Estado
Convinha que entre si se-reunisse ;
E que n'um laço estreito assim ligado
A um fim supremo os passos dirigisse :
Para que, de inimigos atacado,
Como um só corpo a estranhos resistisse ;
Pois viu bem que um Estado accommettido
Não póde resistir sinão unido.

XLVI.

Ha um demonio fero, e horroroso
Dos abysmos talvez mais torpe, e feio :
Seu olhar atrevido é rancoroso,
Inspira o nome seu susto, e receio ;
Desgraças, e ruinas odioso
Transborda sempre do vipereo seio ;
Inimigo da paz, do bem da terra,
Per onde quer que passe, espalha a guerra.

XLVII.

Satan não tem ministro mais cruento
Mais impio, mais feroz, mais atrevido !
De todos odiado, é odiento,
Té dos outros demonios é temido !
Satan se-serve delle algum momento,
Mas é por elle mesmo abhorrecido !
Até no inferno está sempre em custodia,
Tanto lá mesmo teme-se a Discordia !

XLVIII.

Entre o Mineiro povo agita ousado
Este demonio as azas côr da morte :
Eis logo aquelle povo desviado
Do, que buscava, da verdade norte.
Peixoto excita o povo confiado ;
Matos se afouta então da mesma sorte :
Eram ambos assim em tanto excesso
Partidarios ficis do atroz Congresso.

XLIX.

De Minas pois a Junta soberbosa
A Pedro obedecer nega-se ardente :
A idéa dos Mineiros recciosa
De illudida cuidava ir mui prudente :
Mas a mente de Pedro, que zelosa
Véla na sorte da Brasilia gente,
O obriga a partir, e sem tardança,
Para pôr termo a tal desconfiança.

L.

Desprezando assim pois grandes perigos,
Escolheu entre certos Brasileiros,
Para o acompanhar alguns amigos,
Poucos sim, mas fieis, mas verdadeiros :
Negros recessos de sertões antigos
Só vistos pelos ardidos Mineiros
Visitados vão ser, n'aquella idade,
Pelo nuncio immortal da Liberdade.

LI.

Entre as Provincias da Brasilia terra
A das Minas se-encontra; assim chamada
Por que ricos metaes seu seio encerra
Sendo dos diamantes abastada :
Aqui do ouro preto ergue-se a serra,
Assim é por seu ouro appellidada,
Tem de todo terreno quasi a posse
O-regando amplamente o Rio-Doce.

LII.

Aqui todo paiz é montanhoso,
E coberto de serras soberbosas ;
O Itacolomi todo orgulhoso
Aos ceos eleva as cimas ufanosas :
Quer dizer esse nome sonoro
O Menino de pedra. As horrorosas
Melenas encrespando em ameaças
Ergue-se umbroso o horrido Caracás'

LIII.

É pelos flancos todos escarpado
Tendo um grosso rochedo por encosto ;
Crê-se no cume seu petrificado
Um enorme, um medonho, humano rosto !
A serra negra o collo tem alçado
Alli, sendo de ferro um grão composto,
Do Itacolomi ao meio-dia
O Ouro-Branco de flores se-atavia.

LIV.

Como um gigante, que abraçar aspira
Um turbilhão de nuvens sobranceiro ;
Ou Atlante que as mãos para os ceos vira
P'ra dos Numes suster o peso inteiro ;
Lá se-alevanta a serra de Itabira,
Um dos portentos do paiz Mineiro ;
A-extremam pelos lados dous penedos
Altos, ingentes, conicos rochedos.

LV.

Ingrimes serras, caudalosos rios
Se-dilatam aqui neste terreno ;
Aves umas cantando em desafios,
Quando outras voam pelo ar sereno.
Ha geadas aqui, ha longos frios,
Bem que o solo é uberrimo, é ameno :
E' de fructos, e flores abundosa,
Toda a vegctação é soberbosa.

LVI.

Pernambuco, e Bahia são ao norte
O seu certo limite demarcado ;
Pela parte do sul da mesma sorte
São Paulo, e o Janeiro está sentado ,
Pelo lado do oeste é o seu corte
De Goyaz o terreno dilatado :
Pelo éste seus termos são por tanto
A tão vasta Bahia, o Esp'rito-Santo.

LVII.

Tourinho foi, de audaz, que aventureiro
Inflammado de empenhos afanosos,
Em seu grande ardimento elle primeiro
Que vira estes desertos assombrosos !
Aos mêdos, e aos sustos sobranceiro
Percorreu esses ermos pavorosos ;
E após de viagem tão medonha,
Subiu valente até Jequitinhonha.

LVIII.

Deste feito atrevido a fama soa !
Té que Aderno, não menos afoutado,
Tambem á nova descoberta voa ;
Vae Marcos de Azevedo, que arrojado
Chega á Vupabussú, vasta logoa ;
Partiu depois Rodrigues confiado ;
Bucno por fim, e Almeida se-partiram
Para terra, que os outros descobriram.

LIX.

Seguiram outros p'ra o paiz achado,
Tal era a fama, que por lá corria
De que o flavo metal ambicionado
Em ondas per alli se-diluia!
Era todo paiz então ligado
Ao de São Paulo, e delle dependia :
Destê após separou-se o solo immenso,
E o governou primeiro um Dom Lourenço.

LX.

Cidade ao noroeste do Janeiro
Legoas setenta e seis vê-se afamada :
Alça sobre ella o collo sobranceiro
A serra d'Ouro Preto, em que encostada
Aba meridional por travesseiro
Tem ; é por longos montes circumdada ;
E tal cidade, que em tal ponto fica
Era, n'aquelle tempo, a Villa Rica.

LXI.

Pelos arduos Mineiros foi fundada ;
E quando nella entrára o Principe illustre
Um sec'lo, e onze annos que creada
Era em villa, das Minas esse lustre :
Cada vez mais brilhante, e povoada
Cresceu em suas glorias sem deslustre ;
E sendo hoje cidade egregia em fama,
Cidade d'Ouro Preto assim se-chama.

LXII.

Par'aqui pois partiu. Eil-o apressado
Sobre a das Minas montanhosa estrada.
Que nobre pensamento agigantado
Se-agita na sua alma assoberbada,
Pelo paiz que lhe-era confiado,
Pela terra por elle tão amada!
Oh ! que porvir em feitos grandioso
Transluz na mente deste Heróe famoso !

LXIII.

Entre o frescor de amenas louçanias
D'esses longos desertos intractaveis,
Densas, prehes de angelicas magias
Do recender de flores tão amaveis,
Vinde, gratas por doces harmonias,
Auras, de serros mais que inconversaveis ;
E brandas entornae nos meus ouvidos
Sons, que bebestes, que não são perdidos !

LXIV.

O grupo destes nobres companheiros
Em todo dia percorreu a estrada:
No mar do sol sumiram-se os luzeiros,
Chegou a noute, e se-tomou pousada :
Mas quando dubios os clarões primeiros
Foi trazendo a irrorante madrugada,
As camas logo rapidos deixaram,
E para proseguir se-prepararam.

LXV.

Em quanto a cavalgada se-aprestava,
 Pedro nos fados do Brasil pensando
 Dos fieis companheiros se-apartava
 Per um espesso bosque se embrenhando ;
 Como si um genio, ou fada o arrebatava,
 Vae sempre pela selva se-entranhando :
 E não achando mais caminho certo
 Ao acaso vagava em tal deserto.

LXVI.

Estava per immensos recortado
 Desta mata caminhos o recinto ;
 Dirieis que alli novo fabricado
 Dedalêo fôra um outro labyrintho !
 Certo um caminho embalde era buscado
 Perdido nesta mata, que vos-pinto !
 Traça foi do funesto Despotismo
 O-fazendo abysmar-se em tal abysmo !

LXVII.

Velhos jyquitibás aos ceos erguiam
 Esgalhos, que entre si davam-se abraços,
 Cujos enormes troncos não prendiam
 De seis homens, ou outo abertos braços !
 Ipês, g'raúnas, ramos estendiam
 Os quaes ligam cipós com fortes laços ;
 E desdobram no ar a copa ufana
 O vinhatico, o oyty, e a cangirana.

LXVIII.

Aqui não ha de luz nem clarões tardos,
Nem se-penetra a selva sem fadiga!
Crescem extensos, abrolhosos bardos,
Que estrepam duras, lancetaes espigas!
Dos seculares troncos pendem cardos,
Cobrem o solo as asperas ortigas!
Vencem as arv'eres com revoltos galhos
Do bosque Dodonêo aos grãos carvalhos!

LXIX.

Aqui do sol um raio não flammeja,
Nem-uma aura adejando aqui susurra;
A lua sobre um tronco nunca alveja,
Nem-um brando regato aqui murmura!
Medonha, eterna sombra aqui negreja,
Parece a estancia ser da noute escura!
Nem-uma flor aqui abre seu seio,
Qual si preside ao bosque agro receio!

LXX.

Aqui um só caminho não tem norte,
Não canta, não adeja ave do dia!
Estridula uma Strige um guincho forte!
Sepulchral Noutibó gemendo pia!
No venefico chão, neste ar da morte,
Não ondula um só raio d'alegria!
Bramam mosqueados tigres mais que horrendos,
Escamosos dragões silvam tremendos!

LXXI.

Nuvens d'insectos pelos ares erram,
Que após d'esvoaçar nos ramos vagos
Nas negras folhas ávidos se aferram!
Assombram verdes, peçonhentos lagos,
Aonde coaxam rãs, e sapos berram,
E fazem serpes pavoroso estrago!
Que tremendo logar! E nem supponho
O bosque de Marselha mais medonho!

LXXII.

Assim pois suspendendo o dévio passo
No ínvio bosque, que trilhava a custo,
Viu furtivo clarão brilhando escasso,
E o buscou com animo robusto!
Não ha p'ra aquelles pés um embaraço,
Não ha p'ra aquelle peito o menor susto!
Aquella alma, tão cheia d'energia,
Perigo, por maior, não conhecia!

LXXIII.

Vae direito ao clarão... eis uma aberta!
Agora ante elle a claridade cresce!
Cobiçando a-encontrar o passo aperta;
Aberto um amplo trilho se-lhe-offerece;
Per entre os ramos sua luz enxerta
No bosque, donde o sol mal apparece.
Bolsa a terra de si, causando medo,
Alto, impendente, íngreme rochedo!

LXXIV.

Quasi mal percebida entre a verdura
 Se-escala no rochedo estreita fenda,
 Que dava angusta, tetrica abertura
 Para morada tábida, e horrenda!
 Silenciosa em pé triste figura
 Se-recosta na gruta tão tremenda,
 E, immovel, em Pedro tem cravados
 Dous vidracentos olhos encovados!

LXXV.

São as cascas das arv'res seus vestidos,
 E pelo corpo cahem confusamente
 Cabellos da cabeça encanecidos!
 Até a cinta a barba está pendente,
 Cujos cabellos tão embranquecidos
 Alvejam, como a neve transparente!
 E tem no seu aspecto magestoso
 Um ar divino, um ar mysterioso!

LXXVI.

Apenas Pedro o vê, ligeiro pára!
 Sem temer, mas assás maravilhado,
 Com elle rosto a rosto firme encara!....
 O velho, sem mudar de ponto ou estado,
 A Pedro diz com voz robusta e clara,
 — Bem vindo sê, ha tanto suspirado!....
 O Anjo do Senhor não me-enganava,
 Vem, Mancebo, que ha muito eu te-esperava.

LXXVII.

PEDRO.

— Quem és ? porque aqui estás, misero ente ?!
Serás um peccador, que compungido,
Neste sombrio serro penitente
Choras peccados teus arrependido ?—

VELHO.

— Dentro deste rochedo pro'minente
Ha annos trinta e tres vivo escondido :
E então dos meus sessenta estava perto,
Quando me recolhi neste deserto !

LXXVIII.

— Sou um desses da misera sociedade,
Que em Minas hastear já quiz outr' hora
O Pendão da suprema Liberdade,
Que morreu suffocada em sua aurora !
A justiça da regia magestade
Co'a força atróz, que rapida devora,
Um raio desfechou de sua ira,
E nos abysmos nosso plano atira !

LXXIX.

— Cobre-se então de luto o piereo côro,
Quando a pena aos Cantores seus esmaga !
Escuta-se de Apollo o triste choro
Por Alvarenga, um Costa, e um Gonzaga !
Calliope da frente arranca o lo'ro,
Erato com seu pranto o rosto alaga !
E no carc're, apezar de seus horrores,
Geme inda hoje a lyra dos amores !

LXXX.

— Ai!.... um no cadafalso encontra a morte!....
 Outros a bebem na prisão sombria!....
 Outros la vão soffrer funesta sorte
 Sobr'o inhospito chão da Libia impia!....
 Outros pelos desertos vão sem norte
 Fugindo dos mandões á tyrannia!
 E todos perseguidos pelos fados
 Ou vivem, ou morreram desgraçados!

LXXXI.

— Desd'então este bosque pavoroso
 Esconde ao mundo inteiro o meu sigillo!
 Sem me-dar desse nome, que famoso
 Por sciencias ganhei, vivo tranquillo!
 Penitente, e orando fervoroso,
 A Deos eu me-encommendo neste asylo!
 E sempre em minhas preces se-continha
 A liberdade, e o bem da Patria minha!

LXXXII.

As minhas orações, e penitencias
 Acharam afinal compadecida
 A Suprema, Eternal Intelligencia!
 Pois mostrou-me (oh que gloria)! em minha vida
 A patria minha em doce independencia
 Como livre nação per si regida!
 Eu vi.... eu vi que um aujo me-guiava
 O magnanimo Heróe, que a libertava.—

LXXXIII.

PEDRO.

— Homem sancto, si um anjo a ti me-guia
Na graça do Senhor tua alma existe!
Com tua voz tão cheia d'energia
Arranca de minh'alma idéa triste!
Derrama nella pois doce alegria,
Tu, que os futuros do Brasil já viste!
Dize porque destino caprichoso
Me-vejo eu neste bosque embaraçoso?—

LXXXIV.

VELHO.

— Do Brasil um demonio impio inimigo
Te-fez per esta selva andar perdido;
Mas do Brasil o Anjo, teu amigo,
No laço, qu'elle urdiu fel-o cahido!
Elle se-aproveitou do teu perigo,
E tu por elle a mim foste trazido;
Mas sobre o do Brasil futuro imperio
Quanto te-vou dizer tudo é mysterio!

LXXXV.

Des do dia em que a America foi vista
Té quando no Brasil teu filho impere,
Independencia e rapida conquista,
Quanto nella de bem, ou mal se-opere
Pelo guerreiro, ou pelo publicista,
Tudo a meus olhos n'um só ponto fere!
E em quadro grandioso, e transparente
Tudo agora á minha alma está presente!—

LXXXVI.

PEDRO.

— Alma pura do ceo! homem tão santo,
De contar-me o que vês faze-me graça...—

VELHO.

Dos fados do Brasil não posso tanto....
Que outro maior do que eu será quem faça.
Dice: e como abatido n'um quebranto
De seus olhos se-torna a luz escassa!....
E falla:— Porem sabe satisfeito
O que breve verás a teu respeito!

LXXXVII.

Correm os tempos, se-resolve a sorte,
Mudanças soffre das nações o fado;
Renova a face do universo a morte,
Desapparece, ou surge um novo Estado:
Seja pois das nações qual fôr o norte,
Cumprir-se-ha quanto Deos tem decretado!
Ó Patria, arrastarás ferros tyrannos
Tros soc'los, quatro lustros, e dous annos!

LXXXVIII.

Bradar ha-de o Janciro sem receio,
E a que viu de Bueno a lealdade
Para prender o Heróe no patrio seio,
Ambas cheias de ardor, de heroicidade!
Tu, de poetas mãe, que outr' hora o freio
Quizeste espedaçar da magestade,
Seguirás tal exemplo d'heroismo
Para lançar por terra o Despotismo!

LXXXIX.

— Tyrannos do Brasil com vil pretexto
 Quererão extremado o captivoiro !
 Suas plagas deixou saudoso um Sexto,
 Quem era Quarto, se-tornou Primeiro !
 La negreja da guerra o fero apresto,
 A Patria s'-ergue, como um só guerrciro !
 Dirije, a frente della, o seu destino
 La d'outro clima o Joven Bragantino !

XC.

— O sacrosancto grito, o grito forte
 De liberdade, que troar primeiro,
 Sublime em tudo—INDEPENDENCIA, OU MORTE—
 Não hade ser em ti, nobre Janeiro.
 Eis um Imperio !... assim o-quer a Sorte !
 Eis já Pendão fluctua Brasileiro !
 E vingativo então per toda parte
 Troveja irado o Brasileiro Marte !

XCI.

— Tu serás, tu serás, Joven famoso,
 O grão Libertador da Patria cara !
 E no vindouro um nome glorioso
 Já te-reserva a Fama a mais preclara !
 Esta gloria, este fado grandioso
 Para ti, ó Mancebo, se-prepara !
 Pois será deste solo Brasileiro
 O grão Libertador— PEDRO PRIMEIRO !—

XCII.

— Mas em quanto esta obra meritoria,
Que tu terás d'erguer, entre perigos,
Não conclues, que hade ser a tua gloria,
Te-guarda de teus feros inimigos!
Quererão empecer tua victoria
Calumniando teus fieis amigos!
Mas tu arrosta aos males incessante,
Sê generoso, energico, e constante!

XCIII.

— Minhas preces a Deos foram levadas
Pelo Anjo, que guarda inda meus dias!
Graças aos Ceos! pois foram escutadas
Minhas preces devotas, e tão pias!
Patria! as tuas algemas stão quebradas!
Calcaste ufana horriveis tyrannias!
Viram meus olhos o Heróe famoso....
Posso agora morrer.... morro ditoso!

XCIV.

— Vae pois a terminar tão grandê empreza....
Adeos p'ra sempre, ó Joven tão querido!
Ah!.... sahe, deixa este abysmo da tristeza....
Por aqui acharás trilho corrido!....—
Fallou: e se-sumiu com tal p'resteza,
Que não foi mais de Pedro percebido!
Pois mal seus sôns extremos exhalára,
Em sua negra gruta se-entranhára!

XCV.

Lá do fundo da gruta resoava
 Voz, que feria ao Joven Bragantino :
 E, bem que fraca, e tremula, soava
 Claras notas de um cantico divino!
 O Heróe, como pasmo inda escutava
 A vagarosa voz do sancto hymno!
 Louvando a Deos em candida alegria
 A voz do Solitario assim dizia:

XCVI.

— Á ti, o Sempiterno Deos louvamos
 Com subido respeito o mais profundo!
 A ti, Senhor Supremo, confessamos!
 A teu Eterno Pae adora o mundo!
 Como os Anjos, Senhor, nós te-cantamos!
 A ti adora o Ceo venerabundo!
 E adoram a tua Magestade
 O ceo, a terra, e toda potestade!

XCVII.

— Cheios de gloria, de respeito tanto
 Seraphins, Cherubins a ti proclamam
 Omnipotente, Sancto, Sancto, Sancto!
 Senhor Deos dos exercitos te-chamam!
 De tua magestade, e teu encanto
 Os ceos, a terra.... com prazer se inflamam!
 O choro dos Apostolos.... te-adora
 De Martyres, e Prophetas..... toda hora....—

XCVIII.

Aqui a voz mui debil do propheta
 Se-foi sumindo já.... de tal maneira
 Que dirieis do sancto anachoreta
 Lhe-ser chegada a hora derradeira !
 E sumiu-se.... Talvez da vida a meta
 Tocou; fugindo á patria verdadeira !
 E Pedro espera, escuta.... o bosque é mudo !
 Silencio sepulchral reinava em tudo !

XCIX

Volveu da seva o Heróe: seus companheiros
 O-esperavam já, já cuidadosos:
 Todos promptos estão, montam ligeiros,
 Proseguem sua marcha impetuosos.
 Alguns contavam casos prazenteiros,
 Outros alguns successos lastimosos:
 Estas cousas a todos mui convinham,
 Que entre todos assim bem se-entretinham.

C.

Pedro então para elles se-voltando
 Lhes-diz:— Talvez mais cabimento achasse
 Que alguém por intreter fosse contando
 Alguma historia, que melhor soasse,
 Sobre o nosso Brasil nos-ensinando,
 Ou mesmo sobre a America fallasse.—
 Sobre America então—bradam a esmo:
 E outro a Pedro diz:— Sereis vós mesmo —

CI.

PEDRO.

—Muito exijis de mim neste momento :
Ler de historia abastados escriptores
Convinha, p'ra cumprir-se um tal intento,
E nisto um tanto escasso eu sou, senhores.
Do novo-mundo o grão descobrimento,
E tambem os primeiros moradores,
Que se-encontraram pois neste hemispherio,
Bem sabeis que até hoje inda é mysterio !

CII.

—Comtudo, contarei ligeiramente
Quanto fôr me-ocorrendo neste ensejo,
E uma descripção rapidamente
D'America farei : mas, no que vejo,
Corresponder não pôde certamente
De quem ouve, e quem conta ao bom desejo :
Porem qual vosso amigo eu vos-venero,
Vós pois m'-o exijis, servir-vos quero.

CIII.

—Muitos de vós a americana historia
Sabem tanto, como eu, é bem verdade ;
Nem hoje mostro de a-saber vangloria,
Pois orgulho não tenho, e nem vaidade :
Mas a muitos de nós falta a memoria,
Outros não teem p'ras lettras mór vontade :
Por tanto desculpae ; pois até cabem
Muitas cousas aqui, que muitos sabem.

CIV.

—E então agora que ambição ardente
Luctando contra nós em furias vemos ;
E que o Congresso fero, e vehemente
Como inimigo denodado temos ;
A todos nos convem sinceramente
Que americana historia recordemos ;
Visto que hoje o Brasil com anciedade
Vae lutar em favor da liberdade.

CV.

—E' bem o vêmos desta vasta terra
Que povos de governos teem mudado ;
Que gentes em seu seio a paz encerra ;
Quaes os ferros não teem inda quebrado ;
Quaes luctam por livrar-se em dura guerra ;
Quaes teem o jugo atroz aos pés calcado :
Quaes finalmente, nesta pulchra edade,
Tem conquistado a sancta Liberdade !

CVI.

—Das frias, boreaes ondas polares
Até do polo austral não mui distante,
Tendo fim nos do sul gelados mares,
Estende-se um paiz vasto, e brilhante !
Sob o influxo de diversos ares
Em quasi todo uberrimo, abundante ;
Do antigo tempo foi sonho formoso,
Do moderno é cuidado ambicioso !

CVII.

—Ilha, do antigo mundo separada,
 Vê-se este mundo, n'outra idade agreste :
 Pela parte do norte é limitada
 Pelo mar glacial arctico ; a este
 Do mesmo, e do atlantico é banhada ;
 O Pacifico mar pelo oéste,
 Arctico oceano, estreito de Behringue ;
 E ao sul pelo austral la se-distingue.

CVIII.

—De Americo Vespuccio, improvisado
 Por seu descobridor, impropriamente
 Foi o nome de America lhe-dado !
 Quem sabe si Colombo exactamente
 Viu primeiro este solo abençoado?
 Mas si a historia dos dous se não desmente,
 Do Genovez que fique a honra pura,
 E caiba ao Florentino essa impostura !

CIX.

—Mas sem que de Colombo negue a gloria,
 Entre os casos famosos do passado
 Pesquisando successos a memoria
 Revestida da critica, e cuidado,
 Que mercede a moderna, e antiga historia ;
 Quem sabe si tão grande, e fausto achado
 Das antigas nações já foi sabido,
 Ou só pelas modernas conhecido ?

CX.

—Quem sabe si afouto navegante,
Que de audaz se-atrevêra a tantos mares,
Na propria patria tido por pedante ;
Que soffreu paciente eguaes dezares
De Portugal, de emprezas tão amante,
O primeiro não foi que taes logares,
Fazendo aos seus contrarios vituperio,
Ardido descobriu n'outro hemispherio ?!

CXI.

—Certo não era a descoberta terra
Essa com que Platão tanto sonhára ;
Não era o solo, ~~que tanto~~ ouro encerra
Esse em que Diodoro já fallára ;
Pois que si a ~~sabia~~ historia hoje não erra,
O paiz venturoso, que se-achára,
Não era a ilha Atlantida fallada,
Junto a herculeas columnas collocada.

CXII.

—Mas qual terra no meio d'oceano
Pelo carthaginez já foi sabida,
O qual deixando o seu mediterrano,
Per estrada por elle só batida
Ao atlantico vinha todo ufano
Demandar essa terra conhecida ;
Donde levava n'um constante gyro
Altas riquezas á soberba Tyro ?

CXIII.

—Seria acaso a ilha em que fallaram
 Platão, e Diodoro n'outra, edade,
 Á qual enfurecidos devoraram
 Vulcões, chuvas, e mar, e tempestade?
 Quem sabe! e, si do estrago só restaram,
 No meio dessa equorea immensidade,
 Mesquinhos restos de fataes horrores,
 As vulcanicas ilhas dos Açores?!

CXIV.

—Mas essa longa terra, cuja offerta
 A natureza fez á humanidade,
 Apenas ha tres sec'los descoberta,
 Por forte, varonil temeridade,
 Roma de glorias, e tropheos coberta
 Ignoraria em sua f'licidade?
 Seria acaso divinal a idéa
 De Seneca inspirada na Medéa?

CXV.

—Certamente me-deixa a antiguidade
 Sobre o novo paiz mais duvidoso;
 Ella creu, confirmando com verdade,
 Que da tórrida o solo caloroso
 Abrazaria a triste humanidade,
 Si habitasse esse clima, o mais fegoso!
 Porem que povo tu convulso vias
 Em tão remota edade, ó Isaias?!

CXVI.

—Mas acaso será fallaz novella
 Aquella de um paiz longo apartado,
 Estrangeiro, do qual affirma Mella
 Ser em occidentaes costas lançado?
 Existiria acaso a terra bella,
 Onde o ouro se achava amontoado,
 A quem nem-um em vegetaes eguala
 Rico paiz do qual Etien falla?!

CXVII.

—Não é sem fundamentos de verdade
 Que as glorias de Colombo duvidosas
 Tu nos-tornas um tanto, ó meia-edade!
 Pois de Bianchi as Cartas tão famosas
 Impugnam de Colombo a auctoridade!
 E torna a essas duvidas forçosas
 De Nuremberg o globo esclarecido
 Por Behain n'outro tempo construido!

CXVIII.

—Nos fins do sec'lo decimo achada
 Pelo dinamarquez Gumbiorn ousado
 A Groelandia foi asp'ra, e gelada;
 Nessa terra onde o gelo jaz coalhado,
 D'eternos caramellos coroadas,
 Mui pouco tempo havendo se-passado,
 Veio de seu paiz ardente, e bravo
 Fundar uma colonia o Escandiavo.

CXIX.

—Que ia o decimo quarto sec'lo junto
De tocar ao seu fim (os insulares
Inglezes dizem com orgulho munto)
Quando, rompendo não rompidos mares
Gaboto (dessa gloria todo assunto)
Aportando em incognitos logares,
Foi então que por elle fôra achada
Terra, que Terra-Nova foi chamada !

CXX.

—Mas p'ra oriental povo syberio,
Antes o povo choukchi chamado,
Não era esse paiz já de mysterio :
Pois de Behring o estreito atravessado,
Nesse das ondas tormentoso imperio,
Vinha sobre tal solo, inda ignorado,
Na calmosa estação do acceso estio,
Um clima procurar mais doce, e frio.

CXXI.

—Mas o primeiro, que abicou á terra,
Terra da natureza abençoada,
Que metaes preciosos tanto encerra,
Achara-a de nações já povoada,
Que entre si quasi sempre eram em guerra :
Essa gente, tão longe assim achada,
Oriunda da America seria,
Ou do antigo mundo então viria ?

CXXII.

Ahi foram achados os Mixteques,
Abypons, Aymarás, Araucanos,
Guaraunos, Oyapis, Zopoteques,
Esquimáos, Abbitibes, Peruanos,
Guaranis, os Muskohges, Chapaneques,
Kachinqueles, Apaches, Mexicanos,
Dacotas, Shoshonées, Moscos, Miamis,
Mandanes, Moxos, Kachis, e Othogamis :

CXXIII.

E muitos outros desta casta vária,
Que cobria esta terra tão extensa :
Eram alguns familia originaria,
E outros ramos de familia immensa ;
Uns tinham social vida ordinaria,
Outros a vida social infensa ;
Uns tinham na cidade um viver certo,
Outros erravam nús pelo deserto.

FIM DO CANTO I.



CANTO SEGUNDO.

CANTO II.

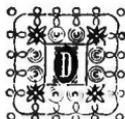
ARGUMENTO.

Descripção da America: America Dinamarqueza. Russa. Nova Bretanha, ou America ingleza. Estados-Unidos. Mexico. America-Central. Grandes Antilhas: Guanahani, Cuba, Hayti, e Jamaica. Pequenas Antilhas. America do Sul: Columbia. (Venezuela, Cundinamarca, Quito). Religião, e costumes: Guerras de Independencia: Festas da Liberdade: Hymnos: Festas dos Indigenas: Semana-Sancta: Terremoto da Columbia: Guerras de Independencia. As Guianas. Perú: Religião, e costumes. Bolivia. Chile. Arauco. Patagonia. Terra do fogo. Buenos-Ayres, ou Reunião do Prata. Uruguay. Paraguay. Brasil, seu descobridor, seu primeiro nome, mudança para o segundo; seus habitantes.

CANTO II.

—

I.

 Emora sobre as partes lá do norte
D'America porção dinamarqueza ;
É rapido o estio alli, é forte,
É terra pouco grata á Natureza :
Do centro ainda de nem-uma sorte
Teem os exploradores grãa certeza
Crê-se não terra firme a Groenlandia,
Mas ilha, ou grupo, e outro grupo a Islandia.

II.

—Opposta sobre o estreito de Behringue,
De archipelagos, d'ilhas rodeada
Essa America russa se-distingue,
Fria, d'eternos gelos coroada :
Não é mais grata a terra, nem mais pingue
Por Esquimãos, ou Koluches habitada :
Si alli passasses, entre os mais verias
Chammas lançando aos ceos o Santo-Elias.

III.

—Lá se-vê sobre um, e outro oceano,
Banhando-a o estreito de Divis extenso
Nova Bretanha do árdido insulano :
Lá per ella discorre o São-Lourenço,
Que do Ontario sahe tumido, e ufano ;
E ao depois de tragar, n'um curso immenso,
Mil tributarios, que em seu seio some,
Entra no golpho de seu proprio nome.

IV.

Estende-se um paiz de gloria, e fama
Dessa Bretanha ao golpho mexicano ;
Lá da nova Brunswick ao mar de Bahama ;
Do Atlantico ao Pacifico oceano ;
Lá do paiz, que Florida se-chama,
Ao Sabina, limite desse plano :
E hoje esse paiz rico, abastado
Por Estados-Unidos é chamado.

V.

—Que immensos rios entre si contrarios
Correm per esse solo, tão famoso,
E uns d'outros humildes feudatarios !
Outros ha, que com feudo soberboso
Vão levar seus thesouros, tributarios
Do Mississipi ingente, e magestoso,
Que entra por muitas boccas, todo ufano,
Após seu delta, o golpho mexicano.

VI.

—Nesta terra aportaram n'outra edade
Gaboto, e Ponce de Leão, famosos.
Muito foi tal paiz propriedade
Dos povos de Albion ambiciosos :
Por fim brilhou a luz da liberdade
Para os Americanos valerosos !
Guardam elles, e o tempo não consome,
O' Otis, ó Varren, vosso renome !

VII.

—Quem dar pode o sangrento, atroz summario
Dos horrores ! Em cinzas cahem cidades,
Digna acção só de um barbaro corsario !
Levam rios de sangue as crueldades
Ao Ohio, Missouri, Erié, Ontario !
Entre outras soffrem taes iniquidades
Maine, Vermont, Virginia : e sangue humano
Volve, em vez d'agoa, o golpho mexicano!

VIII.

Aqui ganharam nome glorioso
P'or nobres feitos d'immortal memoria
Franklin o grande, e Washington famoso !
São famas perennaes, que alta victoria
Eterna teem do tempo ambicioso !
Hull, Harrison, e os mais astros de gloria !
Nomes, a quem o tempo se-submette,
Qual sabio Penn, e o bravo Lafayette !

IX.

—Collocado no americano hemispherio
 Salve povo feliz, povo primeiro !
 Teu nome, tua gloria, teu império
 Brilhará, té ao século derradeiro !
 Ergue, (tremulem pelo espaço aerio)
 Teus louros de heroismo verdadeiro !
 Desfructa pois ditoso, egregio, e ovante
 O nobre fructo recolhido em Gante !

X.

—Sobre esse golpho de seu proprio nome
 Estende-se um paiz, onde deixára
 Guatimosino infausto um grão renome !
 Alli o fero Hispano saciára
 D'ouro, e de saugue humano horrivel fome !
 O intrepido Cortez o-conquistára
 Com animo, trahição, e astucia summa,
 Tendo immolado ao triste Montezuma.

XI.

—Era um imperio rico, e florescente,
 Talvez do novo mundo o mais polido;
 Montezuma o-regia felizmente
 Lá quando por Cortez fôra invadido:
 A costa descobriu Colombo ardente,
 Chamou-lhe Mexico o Hespanhol ardido:
 E, cedendo ao seu barbaro destino,
 Desgraçado o-perdeu Guatimosino!

XII.

—Seja á Hespanha d'eterno vituperio
 Dos seus o proceder mais que tyranno!
 Tudo acabou no miserando imperio
 O ferro, e o fogo do feroz Hispano!
 E o triste resto, baldo de criterio,
 Raridades do imperio Mexicano,
 Com fanatismo atroz, que tudo estraga,
 Ás chammas manda expôr um Zumarraga!

XIII.

—Anahuac o paiz já se-chamára ;
 Té que da California em fim surgira
 O bravo Mexicano e o-conquistára!
 Nezahualcoyolt, que o-polira,
 Melhor do que outro, em lettras o-elevára!
 Talvez por não poder, não abolira
 A fera religião do Mexicano,
 O rito, impio, o sacrificio humano!

XIV

—Nesta do novo mundo immensa terra
 Para fazer á Liberdade injuria. . .
 Oh lembrança cruel, que inda hoje atterra,
 Pela desolação, horror, penuria!
 Passou o faicho da terrivel guerra
 Precedido de atroz, sangrenta furia!
 Immortaes se-fizeram neste solo
 Fidalgo, Allende! Aldana, e Abasolo!

XV.

—Estes aqui aos ceos alevantaram
O grito americano:—INDEPENDENCIA!—
Estes aqui primeiros pleitearam
Contra a Hespanha, e despotica influencia!
Estes aqui primeiros tremularam,
Em sua liberal effervescencia,
Pendões brancos, e azues, antigas côres
Dos de Anahuac outr' hora imperadores!

XVI.

—Quantos foram aqui sacrificados
Só pelo bem da patria liberdade!
De Zitacuaro, ó tectos abrasados,
Accusae do Hespanhol a crueldade!
O' campos de Cuaulta semcados
De victimas da hispana feridade,
Maldições retumbae! Maldito sejas,
Ó nome horrendo do infernal Callejas!

XVII.

—Ó Morélos, teu nome respeitado
Seja ahi memorando, e com estrondo!
E pelas gerações sempre execrado
Teu nome atroz, ó perfido Elisondo!
Após certame tal tão disputado
Do Mexicano, e Hespanhol hediondo,
Pòde aquelle, cançado, e quasi exangue,
Firmar a liberdade com seu sangue.

XVIII.

—Áquem, vencidos mil arduos perigos,
Banhada a terra pelo sangue humano,
Já debellados tantos inimigos
Do sempre combatido Mexicano;
Quiz frustrar os esforços seus antigos
Um novo usurpador, novo tyranno!
Mas acha a queda após da nova lide,
Seu justo premio o perfido Iturbide!

XIX.

—De Panamá no isthmo 'stá sentado
Um outro bello Estado americano:
Ao norte em mar de Antilhas limitado,
Chiapa, Yucatan do Estado mexicano:
O mesmo mar, columbiano Estado,
Do isthmo, a éste: o Pacifico oceano
Ao sul: e o mesmo a oeste, e em grande mappa
Do Mexico, se-vê Oaxaca, e Chiapa.

XX.

—Antiga Guatemala aqui se-assenta,
Que conquistada foi por Alvarado;
Tambem Honduras este Estado augmenta,
Que Gil Gonsalves conquistára ousado:
A esta Nicaragua se-acrescenta,
Conquista foi de Ponce, e de Furtado:
Alv'ro levou á Costa-Rica os damnos,
E a Peten os feros Franciscanos.

XXI.

—Aqui dos naturaes a heroicidade
Empenhou seus esforços sobre-humanos,
Por defender a sancta liberdade
Contra ambição feroz d'impios Hispanos!
Aqui marcára a hesperia crueldade
Com ferrete servil a Americanos!
E o rio, que captivos vira os bravos,
Inda se-châma — o rio dos escravos!

XXII.

—Si na conquista tua, ó Guatemala,
Theatro foste de crueis horrores ;
Si teu humido solo inda hoje exhala
Do sangue de teus filhos os vapores ;
Si a historia tua á humanidade falla
Contra os do Hespanhol crueis furores ;
Ês livre ao menos, sem contenda crua,
Que em paz fizeste a INDEPENDENCIA tua!

XXIII.

—Cobertas de brilhantes maravilhas,
Ladeadas do Atlantico oceano,
Em grupos divididas bellas ilhas,
Encantos desse mar americano,
'Stão as pequenas, 'stão grandes Antilhas :
Estas, antes que, o golpho mexicano
O mar que fôrma, sobre as costas suba,
São: Porto-Rico, Hayti, Jamaica, e Cuba.

XXIV

—Foi Guanahani, e uma das Lucayas
A que Colombo descobriu primeiro ;
Ancoraram aqui boiantes faias
Do d'Europa fatal aventureiro ;
E encontrára álem das curvas praias
Um povo pobre, mas hospitaleiro :
E d'aqui suspendendo, mais ditoso,
Foi em Cuba surgir esperançoso.

XXV.

Ás ordens de Colombo aqui fundára,
Muito ao depois, Vellasques atrevido
Uma colonia ; aqui pois pleiteára
Contr'elle um Hatuey, que mal-soffrido
No Haiti a hespana tyrannia olhára,
E quiz antes das chammias consumido
Ser, como dice ao fero franciscano,
Do que no ceo se-ver como duro hispano !

XXVI.

—Victima triste d'ambição, que arrasta
A innocencia, e que á morte atroz condemna,
Dos indigenas quasi toda casta
Soffreu da emigração, ou morte, a pena !
É das grandes Antilhas a mais vasta,
Bem como Porto-Rico a mais pequena :
A ambas o Atlantico é quem banha,
Ambas dominios são da velha Hespanha !

XXVII.

—Eras, Haiti, o empenho dos hespanos,
E Porto-Rico, que Colombo achára,
No abandono ficou dezeseis annos!
Ponce então cubiçoso o-conquistára,
Sem ter opposição de americanos:
Fama foi que essa gente conspirára,
Mais tarde, contra os seus perseguidores...
E nessa guerra então... oh que de horrores!

XXVIII.

—É outra ilha o Haiti mui celebrada
Fertil seu clima, doce, e prazenteiro:
Por Colombo Hespanhola foi chamada,
Quando nella aportára aventureiro:
Depois foi São-Domingos nomeada;
Nella habitára o europeu primeiro:
Foi mais cel'bre depois pelos seus bravos,
Heroicos cidadãos, d'antes escravos!

XXIX.

—Nessa terra pagou Jacob com a vida,
E Christovão tambem seus desatinos!
De Petion a fama merecida
Guardarás, ó Haiti, nos teus destinos!
Mostra ao mundo, ó Boyer, com fama erguida
Como os direitos se-mantêm divinos!
Que a questão não é còr, nem qualidade,
É questão mais sublime, é liberdade!

XXX.

—A Jamaica tambem aqui se—conta,
Que possuiu primeiro o fero hispano :
O falso inglez, que assim só se—remonta,
A conquistára ao hespanhol tyranno :
Aqui á humanidade horrenda affronta
Fez d'Albion o barbaro insulano,
Contra esses Simarrones desgraçados,
Sendo, quaes feras, pelos cães caçados !

XXXI.

—Distantes poucas, ou immensas milhas,
Ve-se, por estes mares espalhadas,
Formando assim o grupo das Antilhas,
Dos dons da natureza coroadas,
Grandes, pequenas, abundantes ilhas :
Entre outras estão Nevis, as Barbadas,
Guadalupe, Granada, Dominica,
Trindade, Antigua, Bahâmas, Martinica.

XXXII.

—America do Norte aqui termina,
Esse bello paiz, que n'outra edade,
Carcomido de estragos, e ruina,
Gemeu sob a européa crueldade !
Das colonias porem seguindo a sina
Ja grande parte exulta em liberdade !
E ao mais que inda soffre a tyrannia,
Tu, Liberdade, descerás um dia !

XXXIII

—Do Sul a grande America se-estende
Para as partes do Antartico correndo :
America do Norte aqui se-prende
Na do Sul, onde logo se-está vendo
O Estado, cujo nome a ouvir-se, entende
Quem ouve, o grande nome do estupendo,
D'Europa primitivo aventureiro,
Que seu nome a tal solo deu primeiro !

XXXIV.

—Banhada pelo Atlantico oceano
Assentada aqui está Venezuela ;
Colombo com esforço sobre-humano
As costas descobriu da terra bella,
Quando a terceira vez do solo hispano
Para o recente mundo deu á vela :
Entrou tambem no hespanhol recinto,
E depois a vendera um Carlos-Quinto !

XXXV.

—Sobre o grande oceano, e mar de Antilhas
Outra bella provincia se-demarca,
Olhando em frente p'ra as mais vastas ilhas
A antiga se vê Cundinamarca ;
Esta terra de gratas maravilhas
Tambem ganhou o hespanhol monarcha :
Colombo a vira, vindo a vez terceira
A esta bella terra hospitaleira !

XXXVI.

— Aqui das Muiscas a nação vivia
Aonde o Bogotá mais se-remonta ;
Na civilisação, e valentia
Por terceira, em tal tempo, esta se-aponta :
Antes de sua religião corria
Os bosques sem medida, peso, ou conta,
Das estações soffrendo agros insultos,
Sem civilisação, sem leis, sem cultos !

XXXVII.

— La quando em apartado tempo a lua
Da terra inda não era companheira
Era desta nação a vida crua,
Ou vida de selvagem verdadeira ;
Eis que no meio da ignorancia sua
Sahio da de Chingaza cordilheira
Venerando ancião resplandecente
Dessas altas montanhas procedente.

XXXVIII.

— Seu rosto, como o sol, era formoso ;
Tinha celestial, gentil semblante ;
Eriçado o cabello, bem que airôso,
A barba sobre o peito fluctuante .
Havia nelle um ar mysterioso :
A vista era segura, e penetrante :
A Historia com tres nomes o indica
De—Zubé, Nemguetheba, e de Bochica.—

XXXIX.

—Aos homens a vestir-se elle ensinava,
E a construir a choça, ou choupana;
E a terra a lavar, que não lavrava
Aquella gente bruta, ou pouco humana:
Mui formosa mulher o-acompanhava,
Tão formosa porem quanto tyranna:
Por tres nomes tambem se-conhecia,
De—Jubcayguaya, de Huithaca, e Chia.—

XL.

—De tantos bens que aos homens pois fazia
A Zubé tão benefico, e humano,
Huithaca imperiosa reprehendia
Com modo ingrato, de um humor tyranno:
Conseguiu, com malefica magia,
Que então o rio Funzha cheio, e ufano
Por suas margens tumido subisse,
E o grande valle em Bogotá cobrisse!

XLI.

—As agoas sobre os valles se-elevaram
Até o cume d'elevados montes;
Logo do rio as agoas se-mesclaram
Por todo valle com as outras fontes;
E, crescendo com impeto, galgaram
Até das serras as sublimes fontes;
E neste atroz diluvio, que soffreram,
Quasi todas as gentes pereceram!

XLII.

—Houve um cume de um monte preservado,
 Que as agoas por milagre respeitaram ;
 No cimo desse monte venerado
 Poucos desse naufragio se-salvaram !
 As gentes, que ao diluvio já passado
 A sua dura fé, duras negaram,
 Vejam pois nesta terra, bem que escura,
 Tradição do diluvio da Escriptura !

XLIII.

—Com magoa viu Zubé o tão malvado
 Feito de Huithaca contra a humanidade,
 E de bom, e sentido, eis que irritado,
 Para lhe-castigar tanta maldade,
 Fez qu'ella algumas routes do elevado
 Ceo dêsse á mesma terra claridade,
 E dest'arte mudando a forma sua
 Sobre o ceo a elevou, mudada em lua !

XLIV.

—Os males reparou que ella causára ;
 E para ás grandes agoas dar sahida
 É fama que as montanhas separára :
 Uniu de novo a gente desunida,
 E dous chefes aos homens nomeára,
 Que viver lhes-fizesse em melhor vida ;
 O religioso Zippa então chamou-se,
 E o civil por Zaque nomeou-se.

XLV.

—O génio, a quem os homens devem tanto,
Tão cheio de doçura, e de bondade,
Que com taes beneficios fez o encanto
Da triste, e desvalida humanidade,
Partiu-se ao Indavalle, monte santo,
E cem sec'los passou de sua idade :
E d'ahi este ser miraculoso
Despareceu emfim mysterioso !

XLVI.

—Dos Muiscas era esta pois a crença
Baseada em principios mais que humanos !
Notae o quanto vae de differença
Á dos terriveis numes mexicanos ;
Aquella na doçura, e bens immensa,
Esta cheia de ritos so tyrannos ;
Aquella tendo um deos todo bondades,
E esta endeosando as crueldades !

XLVII.

—Sobre o grande oceano se-vê Quito
Soffrendo do equador altos ardores ;
Este bello paiz tambem afflicto
Outr'hora foi por hespanhoes furores,
E descoberto fôra em tal conflicto
Por esses do Perú conquistadores :
Estes Estados tres foram do hispano,
E são hoje o paiz colombiano.

XLVIII.

—Luctando por tornar-se independente
 A Colombia inda existe em nossa idade :
 Quanto tem combatido, e tão vehemente
 Para alcançar a doce liberdade !
 Oh ! quanto do furor da Hespanha ardente
 Soffrido tem a triste humanidade !
 E dividiu-se o chão colombiano
 Em partido hespanhol, e americano !

XLIX.

—Pelejava constante o americano
 Aqui, por ter a liberdade sua ;
 Regava o patrio solo o sangue humano,
 Era travada a lucta, insana, e crua :
 A guerra, que sustenta o fero hispano
 Sexo, idade, logar, não exceptua ;
 Mas era inda o esforço assás pequeno
 De Miranda, de Toro, e de Moreno.

L.

—Tudo soffreu em tão mortal querela
 Do cruel Despotismo, e Liberdade !
 Cundinamarca, Quito, Venezuela,
 Gemeram entre tanta crueldade !
 O' Religião Christã, ó Sancta, ó bella,
 Tu viste os teus ministros nesta idade,
 Um bispo, e todo clero, em grupo forte
 Alistados no *Exercito da Morte* !

LI.

—Após fadigas, e trabalhos tantos
Pareceu que n'um ponto desta terra
Farto de sangue, horrores, e de prantos,
Um pouco descansava o Anjo da guerra !
Renasciam de novo almos encantos,
Que a natureza americana encerra;
Em Caracas então se-reunia
Todo o seu povo, ardente de alegria.

LII.

—Decimo-nono o sec'lo havia entrado,
Seu decimo primeiro anno corria ;
Do calor minorando o ardente estado
O sol d'ante o Cordeiro se-partia ;
Buscava as pontas do animal ousado,
No qual á Europa um nune se-escondia :
Passava o tempo de aventuras farto,
Era o decimo dia, o mez o quarto.

LIII.

—Eis da revolução da Independencia
Solemnisava o povo o anniversario !
Era grande o prazer, grande a affluencia,
O festejo era grato, doce, e vario :
No meio de tão sancta effervescencia
Sahia do sagrado sanctuario,
P'ra onde caminhára mais que ardente
A dar graças a Deos tão boa gente !

LIV.

—Pelas ruas depois vagam contentes
 De sonoras musicaç seguidos,
 Á Liberdade soltam vehementes
 Vivas, do coração vivas sahidos :
 O lindo sexo, edades mui ardentes
 Repetem estes vivas tão queridos !
 E retumbam os echos da cidade
 Com este hymno sagrado á Liberdade :

HYMNO LIBERAL DOS COLOMBIANOS.

LV.

—Eia, Patricios, lance-se hoje em terra
 O altar da proterva crueldade ! . . .
 Alto Patriotismo desencerra
 Os mysterios da sancta Liberdade !
 Aos tyrannos da Patria morte, guerra !
 Exulte na Colombia a humanidade !
 « Nunca mais, nunca mais do fero hispano
 « O jugo soffra o bravo americano !

LVI.

—Eis sobre o altar da Patria ensanguentado
 Juremos odio eterno á tyrannia !
 Se excede o num'ro seu por avultado,
 O nosso excederá por bizzarria !
 P'ra não ver seu paiz escravizado
 Heroes sabem morrer com alegria !
 « Nunca mais, nunca mais do fero hispano
 « O jugo soffra o bravo americano !

LVII.

—Os estandartes seus aos pés calquemos ;
Punamos de uma vez crueis aggravos !
Da Liberdade o chão todos reguemos
Com sangue, e os fructos seus serão seus bravos !
Ou vencer, ou morrer todos juremos ;
Morrámos antes do que ser escravos !
« Nunca mais, nunca mais do fero hispano
« O jugo soffra o bravo americano ! »

LVIII.

—P'ra festa singular da Liberdade
Os indigenas todos concorreram,
Das brenhas, e suburbios da cidade,
E das serras tambem alguns desceram :
Dos usos da polida sociedade,
Na festa menos-preço então fizeram ;
Pois tambem festejando, sem abusos,
So fizeram as festas de seus usos.

LIX.

—Adornada de pennas multicores
A multidão indigena alli estava ;
Arcos nas mãos cobertos de mil flores,
Dos hombros lhes-pendia a dura aljava :
Traziam seus collares de mil cores,
Cuja vista mais bellos os tornava :
Formam-se em grande círculo, e dentro
D'entre elles o mais velho occupa o centro.

LX.

— Arde bem junto deste uma fogueira,
 Cujos calores todo circ'lo alcançam ;
 Em roda della, em singular maneira,
 Com vivo passo, e gracioso, dansam :
 Do meio desta turba prazenteira
 Settas, e flores para os ares lançam :
 As palmas batem, gritam—Liberdade !
 Prostrados erguem mãos á Divindade !

LXI.

— P'ra o ar do centro o velho as mãos estende,
 E toda turma, que o signal esp'rava,
 De rigido silencio então se-prende :
 O velho sobre a turba os olhos crava,
 Como quem em seus peitos lê, e entende ;
 Parece que a fallar se-destinava,
 E ao depois que um suspiro aos ceos exhala,
 Aos filhos dos desertos assim falla :

LXII.

« — Onde a familia está colombiana?
 Onde essas bravas, bellicosas gentes?
 Aonde os shoshonees, que a gente hispana
 Deram outr' hora o nome de serpentes?
 Aonde os tuchepaus? aonde a ufana
 Familia de quichua? onde os ardentes
 Tamanaques, caribes? immolados
 Foram pela cobiça dos malvados !

LXIII.

— Que liberdade vossos filhos gozam?
 Quem os senhores são da vossa terra?
 Que gentes vossas filhas hoje esposam?
 Quem de longe vos trouxe o crime, e a guerra?
 Patricios, vossos paes onde reposam?
 Já não é vosso o valle, o monte, e a serra!
 Nem sabeis onde existe... (oh sorte dura)!...
 De vossos tristes paes a sepultura!

LXIV.

— Tocou a todos a funesta sorte
 Na terra, que nos-deu quem dar podia!
 Beberam nossos paes cruenta morte
 Pelas mãos d'inaudita tyrannia!
 O que escapou!... miserrimo!... e sem norte
 Errante, e sem consolo lá se via!...
 E outros, para mais crueis aggravos,
 Vendidos foram, como vis escravos!

LXV.

— Nossos bravos heroes foram queimados!
 Foram nossas esposas espancadas!
 Nossos filhos no berço espedaçados!
 E foram nossas crenças insultadas!...
 Os nossos leitos foram profanados!
 Foram nossas cabanas abrasadas!
 E por gosto, e prazer, em crua guerra
 Um diluvio de sangue houve na terra!

LXVI.

— Nas neves do elevado Chimboraso
O sol cobrio a face soberana
P'ra não presenciar tão duro caso
Da miseranda gente americana!
Sem de descanso ter um breve prazo,
Ás nuvens abrasava o Antisana,
Pedindo em seu assombro á Divindade
Vingança contra tanta iniquidade!

LXVII.

— D'onde vieram pois esses tyrannos
Tão máos, de sangue humano, e ouro esfaimados?
Ah! que nada podiam ter de humanos
Peitos aos crimes só affeçoados!
E eram nossos males, nossos damnos
Esses metaes por nós tão desprezados!
Não! religião não tinha, e divindades,
Quem de barato fez taes crueldades!

LXVIII.

— Si os Genios que com ouro nos brindaram,
P'ra nossa perdição, p'ra nosso damno,
O ferro nos legassem, que legaram
A esse ambicioso, horrido hispano;
Si os trovões com que tudo conquistaram
Possuisse o infeliz americano,
Não nos-trariam de tão longe terra
O exterminio, o roubo, o crime, e a guerra!

LXIX.

—Cáhia por terra seu cruel imperio,
 E seja seu poder aniquilado ;
 Vejam por seu eterno vituperio
 Seu dominio n'America acabado !
 Nunca mais, nunca mais neste hemisferio
 Seu terrivel pendão seja asteado !
 E os filhos dos primeiros desgraçados
 Vinguem seus pais té hoje não vingados !

LXX.

—Assim o velho indigena fallava
 Dos males, que em seu solo se-passavam ;
 Fallando, o pranto o rosto lhe-inundava ;
 Os indigenas todos pranteavam ;
 E tudo pranteou quando alli estava !...
 O velho, para quem todos olhavam,
 Este hymno cadencêa per mil modos,
 E o estribilho após respondem todos :

LXXI.

HYMNO DOS INDIGENAS COLOMBIANOS.

VELHO.— « Trouxeram monstros das nações do norte
 Em seus navios o exterminio, e a guerra !
 Armados dos trovões, raios, e morte
 Desolaram com ira a nossa terra !
 Longo tempo correu ! mudou-se a sorte
 Quem aterrado foi, também aterra !
 CORO.— « E os filhos dos primeiros desgraçados
 Vinguem seus pais té hoje não vingados !

LXXII.

VELHO. — « Cheio d'ira, e de dôr, nem cantar posso
 Os males, que nos-trouxe o impio hispano !
 Cahio do mexicano o grão colosso,
 O imperio cahio do peruano !
 Lavaram suas mãos no sangue nosso,
 Venderam, como escravo, o americano !
 CHORO. — « E os filhos dos primeiros desgraçados
 Vinguem seus pais té hoje não vingados !

LXXIII.

VELHO. — « Filhos quizeram ser da divindade,
 Sup'riores ao tempo, ao fado, á morte !
 Zombaram da infeliz humanidade
 Se-dizendo de um ser mais nobre, e forte !
 Passaram dias, e mostrou a idade
 Que subjeitos estão á nossa sorte !
 CHORO. — « E os filhos dos primeiros desgraçados
 Vinguem seus pais té hoje não vingados !

LXXIV.

VELHO. — « Eia, filhos dos bosques, é chegado
 O tempo de vingar nossas injurias ;
 Soffra o duro hespanhol de nosso lado,
 Quaes soffremos do seu, crueis penurias !
 Sobre o conquistador duro, e malvado
 Espalhemos da guerra horriveis furias !
 CHORO. — « E os filhos dos primeiros desgraçados
 Vinguem seus pais té hoje não vingados !

LXXV.

VELHO. — Velhos, moços, mulheres, e meninos,
 Todos teem que vingar, ligados todos
 Pelas mesmas desgraças, e destinos !
 Liguemos nossas furias per mil modos
 Contra os sangrentos hespanhoes ferinos :
 Á guerra demos sanguentados bodos !
 CHORO. — E os filhos dos primeiros desgraçados
 Vinguem seus pais té hoje não vingados !

LXXVI.

VELHO. — Não pouparam nem sexo, e nem idade,
 Nem idade, nem sexo, nós poupamos !
 Pague seu sangue a antiga crueldade,
 E seu sangue nos craneos seus bebamos !
 Vinguemos nossa antiga liberdade,
 Já que vingal-a aqui todos juramos !
 CHORO. — E os filhos dos primeiros desgraçados
 Vinguem seus pais té hoje não vingados !

LXXVII.

VELHO. — Odio, rancor eterno ao fero hispano
 Eternos em nossa alma conservemos !
 Guerra eterna ao algoz do americano,
 Já que braços tambem, como elle temos !
 CHORO. — « E odio, e eterna guerra, eterno damno
 Juremos. . . sim juremos, . . sim juremos !
 E os filhos dos primeiros desgraçados
 Vinguem seus pais té hoje não vingados ! »

LXXVIII

—Passou-se em festas todo sancto dia
Consagradas á sancta Liberdade ;
Porem tanto prazer, tanta alegria,
Tão grande regozijo, e f'licidade,
Mudaram-se depois em agonia;
Tal é teu fado, ó triste humanidade !
Um dia em risos, com prazer cantando,
E dias tres em dores pranteando !

LXXIX.

— Tu, que assentado no sublime cume
Do frigido, nivoso Chimboraso,
Onde do noto o horrído queixume
Da procella ao bramir dá força, e azo ;
Onde do raio o coruscante lume
Desata horrores em ligeiro prazo,
Onde estoura o trovão, o raio lasca,
Geme a selva, arde o ar, muge a borrasca !

LXXX.

— Tu, que envolvido em nebuloso manto,
Que esses topos obumbra eternamente,
O' Genio das ruinas, e do pranto,
Que a natureza em furias toda ardente
Armada dos horrores viste, em quanto
Louvava ao Deos Eterno a triste gente ;
Dicta-me a feia miseranda scena,
Dicta-me tu, e a-contarei com pena !

LXXXI.

— Já tinha um anno inteiro se-passado
Ao depois destas festas memoraveis ;
O povo era tranquillo, e socegado,
Ganhavam mais respeito as leis saudaveis ;
Caminhava feliz em paz o Estado
Da Liberdade os bens gozando amaveis ;
E as lembranças das penas já passadas
Eram nos bens presentes adoçadas!

LXXXII.

— O vello aureo, que atroa a fama dória
Que Phryxo á Jove em Colchos immolára,
Brilhante em sua luz, em sua gloria,
Ha pouco tempo o sol soberbo entrára :
O mez de Marte, si não mente a historia,
Ao dia vinte e seis feliz tocára :
A lua quasi no seu ponto aphelio
Recta gozava a luz do claro Delio.

LXXXIII.

— Era o tempo em que aos filhos diz a Igreja :
« Penitencia fazei ! » Ao fim tocava
O tempo em que do pulpito troveja
A voz do Sacerdote. Meditava
Na Paixão, que louvada sempre seja,
O Christão, que nos templos se-ajuntava :
Celebravam-se as festas sem receio,
la. a Santa Semana em mais de meio.

LXXXIV.

—A grande ceremonia Sacrosanta,
Pasma da humanidade, e da natura,
Humildade sem par, que enleva, encanta
Ao coração mais fero, alma mais dura!
Ante a qual o feliz Christão se-espanta...
Prostrado o Creador á creatura,
Lavar-lhe os pés, beijar-lh'-os... oh que exemplo!
Tinha logar no venerando templo.

LXXXV.

—Neste momento o Templo era cercado
Pelo povo, que rapido affluia;
Todo seu interior era apinhado
De gente, que p'ra o culto concorria;
De ardor, de pura fé todo pejado
Que povo tão constricto alli se-via!
P'ra acompanhar, com devoção inteira,
A procissão da Sancta Quinta-Feira!

LXXXVI.

—Bello tinha surgido n'oriente,
Rodeado de luz, e magestade
Do sol d'aquelle dia o limbo ardente:
Cheio de doce paz, e suavidade
Tinha corrido o dia docemente;
O sol já minorando a intensidade,
Beijando frouxo o cume ao Chimboraso
Tocava, e inda bello, ao seu ocaso.

LXXXVII.

—Repentino atroou ribombo horrivel
Nas entranhas da terra. Parecia
Que com força a ranger, mais que temivel
A terra arrebetava, e que se-abria
Com pavoroso com fragor terrivel!
Após tanto terror, tanta agonia
Prestes medonha noute se-destende,
E a cega treva á natureza prende!

LXXXVIII.

—Dirieis que soltára o Anjo dos ventos
As furias suas, que em abysmo encerra!
Que disparando em rapidos momentos
Pareciam levar com sigo a terra!
O Anjo das borrascas os tormentos
De negra tempestade desencerra!
Que todos os demonios, parecia,
Satan do Inferno então soltado havia!

LXXXIX.

—Aos dos astros terrificos desmaios
Succede todo horror da natureza!
Os coriscos sibilam, troam raios,
Rolam trovões per toda redondeza!
O mar mugindo em hórridos ensaios
Se arroja contra a terra com fereza!
A copiosa chuva a tudo alaga,
Insoffrivel saraiva a tudo estraga!

XC.

— Disperso corre o povo sem destino
 Por varias ruas da infeliz cidade;
 Parecia este instante tão ferino
 O derradeiro ser da humanidade!
 Cresce per toda parte o desatino,
 Cresce per toda parte a tempestade!
 E n'um medonho, horrendo paroxysmo
 Troa o ceo, treme a terra, echoa o abysmo!

XCI.

— Em um arranco o globo n'um mugido
 Parece que dos eixos se-desprende,
 Que deslibrado já, sem leis, perdido
 Em mil partes se-estala, e que se-fende!
 Tal um tremor de terra foi sentido;
 Tal negro horror á natureza prende!
 E nesta scena só propria do inferno
 Por flammivomas boccas troa o Averno!

XCII.

— Neste funesto horror, que a tudo encerra
 Debalde implora o povo a Deos superno!
 Fugir buscam da scena que os-aterra,
 Per toda parte os-segue o medo interno!
 Debaixo de seus pés se-rasga a terra,
 Debaixo de seus pés negreja o Inferno!
 E aonde fogem de tão triste sorte
 De maneira qualquer acham a morte!

XCIII.

— A tal detonação dos crespos ares
Da terra o lacerar succede agora,
E o medonho horror de irados mares!
Da natureza a guerra atroz devora
Cabanas, tribunaes, paços, altares!
E quando o abysmo enfurecido estóra
Ao rebramar da nuvem lacerada,
Arde o ar, arde a terra espedaçada!

XCIV.

— Como si a terra fôra um pego immenso
Ondas de argila nella se-revolvem;
Treme, e após de seu tremor intenso
Soberbas vagas sobre si se-volvem,
Que rapidas vencendo espaço immenso
Horror deixando, em seu horror se-involvem!
E fica a hiante fauce, desde logo
Bolsando fumo, pez, pomes, e fogo!

XCV.

— No meio deste horror, destes flagícios
Já negreja da morte o parocysmo!
Ardem, voam desfeitos edificios,
Ou os-traga n'um jacto immenso abysmo!
Fracos são contra o damno os artificios;
Não ha valor, nem força, ou heroismo!
Aqui uma porção de povo gyra,
Alli um grupo n'um abysmo expira!

XCVI.

— Lá dous consortes abraçados morrem ;
 Aqui uma familia se-consome ;
 Cá dous amantes já feridos correm ;
 Alli de Deos se-invoca em grita o Nome !
 Um pae, e filho afflictos se-soccorrem ;
 Um irmão juncto d'outro álem se-some !
 E aonde um filho em pranto a mãe abraça
 Lampeja a chamma, o raio os-despedaça !

XCVII.

— Desabam-se montanhas, correm montes !
 Mugem lascados ingremes rochedos !
 Negrejam, assombrando os horizontes,
 Os duros estilhaços dos penedos !
 Voltam os rios sobre as proprias fontes !
 Inteiros voam rigidos lagedos !
 Já o povo não foge, e já sem guarda
 A cholera do Ceo prostrado aguarda !

XCVIII.

— O Grande, o Justo, o Ser em tudo Ingente
 Volve p'ra terra então rosto sereno ;
 Em sua sacra Bocca Omnisciente
 Lhe-vislumbra sorriso doce, e ameno ;
 Ergue o sublime Braço Omnipotente,
 Gemem os ceos debaixo deste aceno !
 Sôlta em furias apenas o-comprende,
 Curva-se a natureza, e as furias prende !

XCIX.

— De segundos settenta, e cinco apenas
 O tempo se-volveu, e foi de sobra
 Para os horrores de medonhas scenas,
 Nas quaes a humanidade se-sossobra!
 Quem poderá narrar tão grandes penas
 Quando a natura em furias se-desdobra!
 Pois 'stão nos campos, neste horror immersos,
 Cadav'res vinte mil, e mais, dispersos!

C.

— Este atroz terremoto consumira
 Familias té o ultimo terno :
 De Sam-Filippe, Merida, e Guayra
 E Caracas, só resta o esqueleto!
 A Valença, a Victoria destruiu;
 Tambem muito soffreo Barquisimeto!
 Tal foi egual horror, tal foi o damno
 N'outra edade em Pompêa, e no Herculano!

CI.

— Esta guerra feroz dos elementos
 Fez de novo inflamar-se a dos humanos.
 Que intrigas, e que embustes, e que inventos
 Em campo apresentaram castelhanos!
 O' homens, de damnados, vis intentos,
 Por que assim vos-mostraes impios, e insanos?
 Si vós não entendeis vossos conceitos,
 Como explicar quereis de um Deos os feitos?

CII.

— O Clero pois opposto á Liberdade;
E o ferrenho, ardente realista
Bradavam que o furor da divindade
Pune da Liberdade ao partidista ;
E que quer que do altar a immundade,
Como existio, intacta sempre exista ;
E que era o terremoto desabrido
Castigo aos liberaes bem merecido !

CIII.

— E davam, como prova com vehemencia
Tal terremoto ser no anniversario
Dessa revolução da Independencia ;
Pois que o Senhor nem quiz no Sanctuario
Receber esses cultos da indecencia :
E por castigo ao vil rev'olucionario
Tremeu, abriu-se a terra á voz do Eterno,
E devorou ao povo o mar, o inferno !

CIV.

— Si o sabio, o que conhece a Natureza,
P'ra os seus furores olha indifferente,
Ou com terror, mas fora de estranheza ;
A credula, mui cega, imbecil gente
Furores com que agita a redondeza
Por um castigo teem do Omnipotente !
E as bandeiras assim da Liberdade
Se-viram quasi em triste soledade !

CV.

— De novo recomeça a horrivel guerra
Entre o duro hespanhol, e americano :
O faixo da Discordia a tudo atterra,
Ora o indigena vence, e ora o hispano :
Rolam rios de sangue sobre a terra
Do realista, e bom republicano :
E na guerra cruel dos dous partidos
Dous lustros, ate'qui são consumidos !

CVI.

— Aqui, amarga dor, inda tu moves
No coração horror pela lembrança
De Paloma, Roseti, Yanez, Boves,
E Puy, os heroes de atroz matança !
Aqui, ó Compaixão, te inda commoves !
Aqui te crês pequena inda, ó Vingança,
Aos horrores, que viste em tanta magua
Do Orenoque ao Tuy, valles de Aragua !

CVII.

— Regae, filhos da sancta Liberdade,
Com sangue a terra em pugnas tão nocivas !
Vós, algozes crueis da humanidade,
Proseguí nas immensas tentativas !
Em Caracas erguei (oh crueldade) !
A cabeça do bravo, infausto Rivas !
Mas, sancta Liberdade, tu não morres,
Em quanto tens Bolivar, Sucre, e Torres !

CVIII.

— Nos mares do immortal patriotismo
 Morreram, Monteverde, os teus furores ;
 De Morales, La Torre o realismo,
 E Morilho, perder hade os ardores.
 Vós, heroes do feliz liberalismo,
 Haveis d'erguer da Liberdade as cores ;
 Pois será um padrão d'eterna gloria
 Da Liberdade a ultima victoria !

CIX.

— Salve, Libertador colombiano !
 Que tanto preza o Anjo da victoria !
 Salve, famoso heroe americano !
 Teu nome, lustre da patricia historia,
 Será eterna affronta ao nome hispano !
 Ladeado de fama, e honra, e gloria,
 Irá, como uma luz da Liberdade,
 Oh Bolivar, teu nome á Eternidade !

CX.

— Desta, á éste se vê, no mar de Atlante
 Um pequeno paiz, Guiana ingleza :
 Seguindo para o sul o viajante
 Encontra outra Guiana, a hollandeza :
 Mais ao sul, do equador não mui distante,
 Demora outra Guiana, é a franceza ;
 Cercadas 'stão do Atlantico oceano,
 Do Brasil, e paiz colombiano,

CXI.

— Cerca á oeste ao Perú Grande oceano ;
Alto-Perú e o solo brasileiro
Á éste ; ao norte o chão colombiano,
De Guyaquil o golpho prazenteiro ;
Ao sul Alto-Perú, e em grande plano
O Pacifico mar se-vê fronteiro ;
Foi parte de um imperio celebrado,
E o Baixo-Perú hoje é chamado.

CXII.

— De um Principio eternal, alto, e divino
Temia o peruano a omnipotencia,
A qual o mundo vendo sem destino,
Entregue á força, ardil, e á influencia
Do turbulento espirito mali'no,
A sua incomparavel providencia,
Mandou remedio dar a tanta qu'rela,
O virtuoso Manco, e a linda Oella.

CXIII.

— A voz destes dous genios reunira
Dos bosques os dispersos habitantes ;
Manco então aos seus homens instruiu
A terra a cultivar sempre constantes ;
Oella das mulheres conseguiu
Cardar a lã, vestir-se, e sempre amantes
Os filhos educar, e verdadeiras
Serem de seus maridos companheiras.

CXIV.

— Manco, e Oella sua irmã, e esposa
Aos homens deram leis ; artes plantaram ;
E a santa esperança que se-goza,
Filha da religião, lhes-inspiraram ;
E desta, para base em que reposa,
Do sol seu pae o culto insinuaram :
E taes terras se-viram florescentes
Sob os Incas, de Manco descendentes !

CXV.

— Reinava Huana-Capac nesta terra
Quando America então foi descoberta :
Pizarro lhe-conduz o estrago, e a guerra
Quando lhe-faz a imprudente offerta
Huascar, que do irmão feroz se-attera :
Por Atahualpa a porta foi-lhe aberta ;
Misero moço, que sem resistencia
Com a vida pagou tanta imprudencia.

CXVI.

— Desta sorte passou-se o infame enredo :
Sobre o campo hespanhol era esperado
O Inca por Pizarro. Muito cedo
Poz-se Atahualpa de marchar em estado :
Pizarro o-aguardava astuto, e quedo,
Em seu certo triumpho confiado ;
Bem firme que a trahição infame, e dura
A sangrenta victoria lhe-assegura !

CXVII.

— Formam do Inca a triumphal vanguarda
 De certos volantins uns quatrocentos:
 De os-vêr com pasmo o hespanhol não tarda,
 Tão bellos são seus ricos ornamentos !
 Destes atraz se-avança immensa guarda
 De bailarinos, sempre em passos lentos ;
 Entre elles trajam variadas cores,
 Cobertos d'ouro, musicos cantores.

CXVIII.

— Fimbrado de tropheos, d'ouro coberto,
 Matizado com pennas multicores
 O regio palanquim se-avista perto ;
 Nos hombros os Caciques sup'riores
 O-carregam, marchando em passo certo ;
 O-cercam sacerdotes, e senhores :
 Cobrem a marcha em passos moderados
 Guerreiros trinta mil, mas desarmados.

CXIX.

— Defronte aos hespanhoes páram. Á frente
 Segue o padre Valverde, ao Inca intíma
 De Christo a Fé, que á elle, e sua gente
 Por vassallos de Hespanha legítima
 O Vigario de Christo eternamente.
 O Inca ouvindo tal missão se-anima ;
 E não vê como possa um castelhano
 Leis impor sobre o Inca peruano.

CXX.

— Já os impios soldados castelhanos
Feros por pelear estão ardendo
Ao ver tanto ouro em mãos dos peruanos :
O Inca cousas taes não entendendo,
O livro dos decretos soberanos
Ao chão iroso o-arroja. O padre vendo
Dá o signal, e o hespanhol malvado
Já fere, e mata ao bando desarmado !

CXXI.

— Cahe prisioneiro o Inca sem ventura,
Toma o hispano o imperio malfadado...
Entre as chammas acaba... (oh gente dura) !
O miserando Inca desgraçado !
Participa da mesma sorte escura
Paúla, em logar d'elle proclamado!...
A quanto, ó gente horror da natureza,
Vos-obriga essa sêde de riqueza !

CXXII.

— Entre os conquistadores inflammado
O fogo da discordia a tudo abrasa :
Almagro cahe vencido, é degolado,
Que a furia de Pizarro a tudo arrasa !
Cahe o mesmo Pizarro assassinado ;
Seu filho do de Almagro se-descasa !
Vencido, e morto Vela é por Gonsalo ;
De Pizarro nasceu tão máo vassallo !

CXXIII.

— Destruído dest'arte um povo inteiro
Às mãos vieram seus destruidores ;
Qual mais cruel, qual mais interesseiro,
Per toda parte espalha os seus horrores !
Assim um Deos potente, e justiceiro
Castiga os mais rebeldes peccadores,
Fazendo que o motivo de seus vicios
Delles venham a ser crueis flagicios !

CXXIV.

— O padre Gasca a Vela então succede;
Eis Gonsalo por elle atrahiçoado ;
Aos outros Gasca no furor não cede,
E Gonsalo é tambem decapitado.
Tupac-Amaru dos seus vingança pede,
Mas logo é por Toledo derrotado ;
Perde a cabeça o infausto aventureiro,
E nelle morre o Inca derradeiro.

CXXV.

— Longo tempo depois tomar vingança
Dos seus vem Condorcanqui deshumano ;
Ao ferro entrega tudo quanto alcança,
Seja hespanhol, ou seja peruano !
Cahe prisioneiro ; e horrida matança
Soffre em Cusco a familia do tyranno !
E soffrendo com os seus total ruina
Do sol a dynastia assim termina !

CXXVI.

— Que estragos, que desastres, e que horrores
Aqui trouxe com a guerra a Independencia !
Quantos nomes tão dignos de louvores
Da summa gloria brilham na eminencia !
Da Colombia immortaes libertadores
Aqui vão tendo nitida influencia ;
Que um peito liberal, si é verdadeiro,
A Liberdade quer té do estrangeiro !

CXXVII.

— Quanto da pura, e sancta Liberdade
É grato, e doce o succo nectarino !
Erguei, povos, no altar da Eternidade
Sumptuoso Padrão, Padrão divino ;
Nelle gravæ, p'ra gloria em toda edade,
Os nomes dos heroes de um modo di'no :
Bolivar! Sucre! nomes gloriosos,
Que entre estes povos hão de ser famosos !

CXXVIII.

— Alto-Perú se-vê visinho deste :
De La-Plata as provincias por divisa
Ao sul, e Paraguay tem : ao oeste
Pacifico, e Perú tem por balisa :
La-Plata, e o Brasil lhe-fica á este :
O Brasil sobre o norte se-divisa,
E o Baixo-Perú ; e um tal estado
Á sorte existe do Perú ligado.

CXXIX.

— Aqui aos ceos os Andas magestosos
Erguem os ramos seus mais culminantes ;
Aqui do Potosi 'stão os famosos
Serros d'aureo metal tão abundantes :
Aqui por seus esforços numerosos,
Liberaes, sempre firmes, e constantes,
C'o uma fama, que, ó tempo, não consumes,
Heroes da Liberdade erguem seus nomes !

CXXX.

— Ao longo do Pacifico oceano,
Entre elle, e entre os Andas, como fita,
Se-destende o terreno chiliano :
Ao norte se-dilata, e o-limita
De Atacama o deserto peruano :
A terra de Araúco é circumscripta
Entre elle, e Chiloé, que é desta sorte
Golpho, que banha a Patagonia ao norte.

CXXXI.

— Almagro foi por certo o que primeiro
Levou a guerra ao forte Araucano ;
P'r'alli marchou o hespanhol guerreiro
Com quinze mil do povo peruano :
Chegado a Copiapo o aventureiro,
Tratou-o o natural de um modo lhano ;
Porem de Almagro o modo o-sublevando,
Vae o hispano o paiz evacuando.

CXXXII.

— Após deste, Valdivia vem, que ousado
Chega a Mapocho, e ahí os fundamentos
De Santiago lança, e confiado
Da praça de seu nome ergue os cimentos,
Defronte de Araúco. Arrebatado
Caupolican estorva os seus intentos,
E destruindo a fundação do hispano,
Batalha lhe-apresenta o Araucano.

CXXXIII.

— Vencido alli Valdivia, prisioneiro
Cahe nas mãos do Cacique triumphante:
De Anciões o concelho justiceiro
Da sorte lhe-tratava; elle perante;
Quando bravo ancião d'animo inteiro
A questão terminou, e n'um instante,
Pois com um golpe de clava furibundo
Lançou sua alma no Averno fundo!

CXXXIV.

— Villagran a Valdivia então rendendo
Com varios casos continua a guerra:
Mendonça esta conquista pertendendo
Cobriu com hespanhoes do Chile a terra:
Mas de Araúco o povo combatendo
Tudo incendêa, arrasa, mata, e aterra:
Valdivia, a Imperial, e Villa-rica,
Qual arrasada, qual em cinzas fica!

CXXXV.

— A Mendonça, entre os mais, que acompanharam,
 Foi Ercilla, o poeta celebrado ;
 Seus olhos o valor testemunharam
 Do bravo povo de Araúco ousado ;
 E o como valentes pleitearam
 Da sancta Liberdade o jus sagrado :
 E eterna fez tal gente americana
 A celebrada Musa araucana !

CXXXVI.

— Nem, do batavo o esforço ambicioso
 Entrando, pôde, nesta heroica terra
 Reduzir este povo bellicoso
 Per meio da mais dura, e insana guerra !
 De Baides o marquez mais cauteloso
 Com o meio, que adopta só não erra,
 Pois reduziu o bravo araucano
 Com tratados de paz de um modo humano !

CXXXVII.

— Pôde o duro hespanhol por varias partes
 Com o canhão, e arcabuz horrendo
 Destruir, ou erguer mil baluartes !
 Pôde com armas destas ir vencendo
 De tod'America os valentes Martes !
 Mas de Araúco o povo, o mais tremendo,
 Livre do jugo a fida historia aponta
 Para das armas da Iberia affronta !

CXXXVIII.

— Aqui continuamente combatido
Tendes um povo rigido, e valente,
Mas sempre a combater, nunca vencido,
Que era tão forte de Araúco a gente !
Rende-se todo Chile destruido,
Mas não se rende este pugillo ardente !
Oh ! veja a nossa, e do porvir a idade
Quanto póde o amor da Liberdade !

CXXXIX.

— Aqui tambem no Chile disputaram
Seus filhos em favor da Liberdade :
Aqui os chilianos supportaram
Do deshumano Ozorio a crueldade !
Que familias inteiras terminaram
Misera vida em mis'ra soledade,
Nessa, lá entre as ondas isolada
De João Fernandes ilha inhabitada !

CXL.

— Da Liberdade extinctas quasi as fraguas
Sua chamma se-viu meio-apagada,
Vendo os troncos talvez cheios de maguas
Da Liberdade a gente destroçada,
Nessa jornada atroz de Quecharaguas,
E desastrosa de Cancha-Rayada !
Alli por Ordonez cahiu vencida
Sua extremada força reunida !

CXLI.

— É no grande perigo certamente
Que mais fulgura o amor da Liberdade !
Às armas correm todos de repente,
E um instante bastou de heroicidade !
Planices de Maipú, heroicamente
Vistes em vós vencida a iniquidade !
Commandados os bravos corajosos
Por São-Martim, e O'higgins valerosos !

CXLII.

— Pôderam os Carreiras insensatos
A desgraça traçar da patria amada ;
Pôderam, com seus máos, nocivos a'tos
Ver a guerra civil nella ateadada ;
Mas não pôderam tão errados fa'tos
Desse O'higgins a honra ver mudada !
Pois o triumpho ingente da Virtude
Não pode transtornar o vicio rude !

CXLIII.

— Qual extremo d'America se-avista
Sobre as ondas austraes a Patagonia ;
Como os outros paizes, foi conquista
Tambem de Hespanha, e do hespanhol colonia ;
Nesta terra por elle então foi vista
A gigantesca gente á guerra idonia :
Á éste o mar de Atlante a abanha ufano,
E á oeste o Pacifico oceano.

CXLIV.

— Ao sul deste o geographo encara
 Do Atlantico ao Pacifico oceano,
 Com o ultimo estreito, que encontrára
 Magalhaens, o ardente lusitano:
 Em serviço de Hespanha viajára
 O luso alli com peito sobre-humano.
 Em face delle, ao sul, avistaes logo
 A terra a que chamaes—Terra do Fogo.

CXLV.

— Depois do Paraguay (que se-dilata
 A éste; Alto-Peru tambem ao norte ao norte);
 Se-avista logo a reunião do Prata:
 Á éste o Uruguay da mesma sorte,
 E o tumido Atlantico a-remata;
 Este ao sul, Patagonia, é o seu corte;
 Á oeste desta outr'ora grãa colonia
 O Chili, Alto Peru, e a Patagonia.

CXLVI.

— Solis, o valeroso, foi primeiro
 Que a grande foz achou do P'rananguazo,
 E que por elle entrou de aventureiro:
 Passou-se alli o deshumano caso,
 Quando o indio, fingido hospitaleiro,
 Sobre elle cahe em campo vasto e raso;
 E foram neste horror victimas cruas
 Dos pavorosos, canibaes charruas!

CXLVII.

— Para encontrar da India o passo innoto
 Garcia, e de Arca veem, seguindo os passos
 Deste tão sabio, e infeliz piloto :
 Sobem o rio, vencem embarços,
 As margens explorando com Gaboto :
 Occupam essas ribas, entre espassos,
 Uns povos sociaes, na guerra ardentes,
 Os bellicosos guaranis valentes.

CXLVIII.

— Aqui, do Paraguay sobre as ribeiras
 Os guerreiros agaces habitaram,
 Que cheios de esperanças lisonjeiras
 À Gaboto batalha apresentaram ;
 Em trezentas pirogas, mas guerreiras,
 Batalha sanguinosa batalharam !
 Vencidos foram, mas mostrar deviam
 Que do canhão tremendo não tremiam !

CXLIX.

— Foi Pedro de Mendonça o enviado,
 Que primeiro esta terra governára ;
 Com o titulo chegou de Adiantado
 Da côrte de Madrid que o-enviára :
 Ao bem de seu governo devotado
 A Buenos-Ayres consta que fundára :
 Succede Irala, que com força estranha
 Accrescentou o Paraguay á Hespanha.

CL.

— Esta terra tão vasta, e grata, e bella
Tambem soffrêra os horridos destinos;
Pois que em guerra cruel, em triste querela
Tiveram de bater-se os argentinos,
Ou contra o realista Pesuela,
Ou crueis inimigos intestinos!
Mas seus fados firmou alta energia
De Rivadavia, Cruz, Martim, Garcia.

CLI.

— Da banda oriental pequeno Estado
Á foz do prata está soberbamente;
Tem sido o seu dominio pleiteado
Em fera lucta, temerosa, ardente!
Mas si seu interesse consultado
Com madureza for por esta gente;
Não desfará da natureza o feito
Ligando-se ao Brasil n'um laço estreito.

CLII.

— Ao norte da União do Prata vê-se
O Paraguay, independente estado;
Brasil, e Alto-Peru logo o-guarnece
Pelo norte; e a éste está assentado
O Brasil; pelo oeste eis que apparece
Região do Grão-Chaco, hoje habitado
Por indigenas livres; e d'est'arte
Das provincias do Prata hoje faz parte.

CLIII.

— Gaboto foi de **audaz** o aventureiro,
Que com os seus intrepido, e ousado
Nestes logares penetrou primeiro;
Por Nunes, e Irala conquistado
Foi; e Irala o crendo lisonjeiro
Nelle Assumpção fundou. Civilisado
Foi pelos Jezuitas. Taes logares
Pertenceram tambem a Buenos-A' res.

CLIV.

— No meio das questões da **independencia**,
É fama que os portenhos desejaram
Conquistal-o, e no meio desta ardencia
Belgrano, e suas tropas enviaram:
Porem dos paraguayos a **vehemencia**
Os-venceo, e punidos bem ficaram!
Sobre o Tebicauri cheio de gloria
Sellou Yegros a feliz victoria.

CLV.

— Foi o unico sangue derramado,
Que aqui custára a sancta **Liberdade!**
Este feliz terreno abençoado
Os fructos goza em paz da sociedade!
Por um seu Dictador é **governado**
Com justiça, saber, e humanidade!
P'ra bem reger-se mostra o exemplo novo
Que conhecer convem primeiro o povo.

CLVI.

— Quando cortar-te a vida a morte dura,
E cem annos dormirem debruçados
Em tua veneranda sepultura;
D'alli mil gratos sons serão levados
Per todo mundo pela fama pura;
Os teus feitos melhor serão julgados,
Como de um sabio, justo, e não avaro,
O' grande homem, ó Francia, ó genio raro !

CLVII.

— Após existe o Estado o mais extenso
D'America, que ingente se-dilata
Do solo do Amazonas mais que intenso,
Até a larga foz do frio Prata;
Das margens do Atlantico immenso
Ao Perú, que n'opposto se-desata,
Na costa do pacifico oceano,
E se-destende assim n'um grande plano.

CLVIII.

— É seu limite ao norte as tres Guyanas,
E parte da Colombia; ao occidente
Inda terras estão colombianas,
D'Alto-Perú, e paraguayá gente,
Da reunião do Prata, e peruanas;
O Atlantico mar sobr'o oriente:
Pela parte do sul 'stá collocado
Do Uruguay o oriental Estado.

CLIX.

É fama que correndo a meia idade,
Volvendo o sec'lo então decimo-quinto
Martim Beheim cortando a immensidade
Dos mares, descobrira bem distin'to
Este paiz. Difficil a verdade
Se-faz neste intrincado labyrintho :
Pois antes que Cabral nelle abordára
É fama que ao Pará Pinçon achara.

CLX.

— Mas seja como fôr; se-tem por certo
Que aqui Cabral desembarcou primeiro;
Por elle foi tal solo descoberto,
Mas não, como o hespanhol aventureiro;
Fazendo seu caminho á Europa aberto
Não foi mais que um acaso lisonjeiro;
Pois si o mar encontrou sanhudo, e duro,
Em terra estranha achou *Porto-Seguro!*

CLXI.

— Suppoz primeiro que uma ilha extensa
Era a mui vasta terra em que pisava,
Pois terra firme alli não cria immensa :
Tirou-o deste erro em que se-achava
A gente, que mostrou-se não infensa,
Pois em vez de fugir-lhe o-visitava ;
Achando no paiz inculto, e novo
Um serviçal, hospitaleiro povo.

CLXII.

— Era a gente de côr, quasi de cobre,
 Como a da terra, que descorre o Indo;
 Os homens tinham porte esbelto, e nobre,
 E as mulheres um semblante lindo:
 Rica vivia, parecendo pobre,
 A falta de riquezas não sentindo:
 Negros os seus cabellos, e corridos,
 Delles o corpo, e rosto eram despidos.

CLXIII.

— Circundavam-lhe a fronte, ao ar erguidas,
 N'um cocar, lindas pennas multicores;
 Algumas da cintura eram pendidas,
 Testemunhas fieis de seus pudores....
 Todas as partes mais eram despidas,
 Bem que alguns as-pintavam de mil côres:
 De um hombro lhes-pendia a dura aljava,
 E o arco que as settas disparava.

CLXIV.

— Assim na sua crença a antiguidade,
 Entre lindas ficções encantadoras
 Um nune nos-pintava, uma deidade,
 Ou a turba de nymphas coçadoras;
 Assim pois nos-pintava a velha idade,
 Em ridentes ficções tão seductoras,
 Apollo sem fulgor, sem opa, ou manto,
 Ou Diana nos bosques de Erimantho.

CLXV.

— Mui varias eram as nações, que havia
 Neste vasto terreno, e mui diff'rentes
 Nas lingoas, em costume, e valentia :
 Guaranis alguns eram destas gentes,
 Um pouco alem tupinambás se-via,
 Tapuyas, cahetés, tupís valentes,
 Tupiniquins, tamoyos, e outras varias
 Immensas tribus entre si contrarias,

CLXVI.

— Vendo a primeira terra o lusitano
 Foi de—Monte-Pascual—lhe dado o nome ;
 E n'um abrigo entrando d'oceano
 O ferro odunco pelas ondas some :
 Põe pé em terra o luso ledó, e ufano,
 E antes que do solo a posse tome,
 Por elle foi a nova terra achada
 Terra da—Vera-Cruz—então chamada.

CLXVII.

— Com as armas reaes foi levantado
 Aqui da Redempção o signal santo ;
 Da Missa o sacrificio celebrado
 Alli se-vio com acatamento tanto !
 O selvagem da terra então prostrado
 Assistio.... oh! que vel-o era um encanto!
 Adorando de um Deos desconhecido
 Um mysterio por elle não sabido!

CLXVIII.

— O' Deos de paz, de amor, ó Deos eterno !
 Sancto Nome, que ouvindo exulta o mundo,
 E de susto estremece o negro Inferno
 Medonho em seus tormentos, e iracundo !
 Teu poder, e teu Nome sempiterno
 Quem não hade adorar venerabundo,
 Si o selvage' em tão ampla liberdade
 Sentio a tua immensa Magestade !

CLXIX.

— Des desse tempo então da nova terra
 Foi Portugal senhor. Eis descoberta
 A bella purp'ra, que em seu seio encerra :
 Corre o luso feliz com mão esperta,
 A purpurada mina desencerra ;
 E mal que a nova fonte foi aberta
 De riquezas, que o solo em bosques some,
 Mudou-se logo do paiz o nome !

CLXX.

— Uma arv're sançta de um sancto nome,
 Copia da que com sangue um Deos regára,
 Que as guerras, e que o tempo não consome,
 Com seu nome o paiz appellidára :
 Outra arv're digna d'immortal renome
 Que a purpura das fibras derramára,
 Mudou o nome, com alvitre insano,
 Do sagrado que foi para o profano !

CLXXI.

— Era uma arv're de altíssima grandeza,
 E de bastante vulto na grossura ;
 Nas fibras rija a-fez a Natureza,
 E na côr resumio-lhe a formosura ;
 Vendo-a, creieris n'uma chamma acceza,
 Ou até que era ardente brasa pura ;
 Um nome se-lhe deu, que á côr se casa,
 E chamou-se — Brasil — vindo de brasa.

CLXXII.

— Do cerne côr de purpura vertia
 Purpurino liquor em copia extensa ;
 E tão bello, e tão puro, que vencia
 Do múrice de Tyro a côr immensa :
 Eis que a nova madeira principia
 A ser bem accollhida, e sem detença ;
 E começa este dom da Natureza
 A ser para o commercio alta riqueza !

CLXXIII.

— Deixaram logo seus longinquos lares
 Comerciantes cobiçosos varios ;
 Sulcaram quilhas não sulcados mares
 De ambiciosos, rapidos corsarios,
 P'ra transportar aos europeos logares
 De troncos destas arv'res centenarios ;
 E o mesmo nome com que o páo chamou-se
 Deu-se á terra, e — Brasil — appellidou-se.

CLXXIV.

— Qual seja o povo desta vasta terra
Vós o sabeis, polido e prazenteiro,
Que os bens da culta Europa em si encerra,
D'America do sul sendo o primeiro;
Generoso na paz, forte na guerra,
Tal é o povo illustre Brasileiro,
Que em tudo agora se-avanta tanto,
E que será d'America o encanto! —

CLXXV.

Pendiam todos desta narrativa,
Tal é da eloquencia o privilegio!
Aqui prende essa voz tão expressiva
Do preclaro João o Filho egregio:
Illustrada, brilhante, nobre, e viva
A narração fizera o moço regio!
Nem crêra quem o-ouvio, co'anciedade,
Tanto saber em tanta mocidade!

FIM DO CANTO II.



SAATCHI & SAATCHI

CANTO III.

ARGUMENTO.

Encontra-se D. Pedro com dous estrangeiros que viajam incognitos pelo Brasil. Practica dos viandantes. A pedido dos estrangeiros começa D. Pedro a contar os recentes successos do Brasil, tomando por ponto de partida a revolução franceza. Vinda da rainha de Portugal para o Brasil; sua morte. Acclamação de D. João VI. O Brasil reino. Revolução portugueza em favor da constituição; sua influencia no Brasil. Regresso de D. João VI. Character do povo brasileiro. O congresso de Lisboa. Discurso contra o Brasil de um deputado portuguez a quem D. Pedro chama espirito do Despotismo. Disposições do congresso a respeito do Brasil. Estado do Brasil. Providencias do Regente. A tropa lusa no Rio de Janeiro. Querelas entre portuguezes, e brasileiros; busca D. Pedro neutralisal-as. Empenhos frustrados. Conclue-se a eleição dos deputados do Brasil. Chegam ao Rio de Janeiro as bases da Constituição portugueza. D. Pedro não as-faz logo jurar. Pega em armas a tropa lusa, e marcha para o largo do Rocío. Juramento da Constituição. Demissões. Commissões militares. Decretos do Congresso. O Brasil retalhado em pequenos Estados. Portugal o centro. Intrigas. Nega a Bahia obediencia a D. Pedro, seus apertos; escreve a seu pai. O Congresso extingue os tribunaes superiores do Rio de Janeiro, e determina o regresso de D. Pedro: nomeia governadores para provincias sujeitas ao governo de Lisboa, e intenta mandar tropas para Pernambuco, e Rio de Janeiro. Intentos dos brasileiros. Dispõe-se D. Pedro aobedecer ao congresso. Desaprovacão dos partidos.

CANTO III.

I.



ASSIM pois caminhando disfarçado
De breve, e não brilhante comitiva
De João vae o Filho acompanhado :
D'agreste natureza a perspectiva
Tinha os seus pensamentos arroubado ;
Tão bella que é, tão fertil, tão altiva !
Valles, bosques, e prados se-encadeam,
Gigantes serras pelo ceo se-alteam !

II.

Quando assim caminhando prazenteiros
Tudo vão observando, e cuidadosos ;
Com dous varões se-encontram estrangeiros,
Que tambem viajavam curiosos.
Eram elles dous sabios verdadeiros,
Honrados, liberaes, e estudiosos ;
De parte a parte cheios de alegrias
Se saúdam com amplas cortezias.

III.

Não sabem entretanto os estrangeiros
Quem sejam os cortezes viandantes;
A todos acreditam Brasileiros,
Que vão para o paiz dos diamantes;
Entre si sabem todos mui fagueiros
Qual caminho dirige os caminhantes,
E os estranhos então com alegria
Pedem de Pedro, e os seus a companhia.

IV.

— E' cousa natural (dice jucundo
Um estrangeiro a Pedro), que primeiro
Aquelle, que viaja pelo mundo,
Para de tudo se-informar inteiro,
(Pois é de novidades sitibundo)
Peça a aquelle a quem julga verdadeiro
De seu paiz alguns conhecimentos;
E levemos assim estes momentos.

V.

— Ir comvosco nos dá summa alegria;
Um porte não vulgar em vós diviso;
Em pedirmos a vossa companhia
Tivemos certamente um bom aviso.
Perdoae, eu vos-rogo, esta ousadia;
Sou estrangeiro, e d'indagar preciso:
Contae-me alguma cousa desta terra,
Que tantas glorias naturaes encerra.

VI.

— Ou agora, que involto em embaraços
Pela torva politica do engano
O reino do Brasil vae quasi a braços
Com o forte Congresso lusitano;
Porque tem de cortar antigos laços,
Ou subjeitar-se humilde a tanto dammo;
Contae-me ao menos, neste caso novo,
O que pertende do Brasil o povo.—

VII.

— Assás prazer concebo certamente
Em tirar-vos o enfado da viagem:
Fallarei, como sei, da minha gente,
E perdoae si o-faço com vantagem.
(Isto dizendo Pedro, ardentemente,
Se-chegou para o-ouvir toda equipagem);
Mas como antigas cousas os-dirigem,
Vos-direi destes casos toda origem.

VIII.

— Por diversos caminhos justamente
Vae a idéa da Summa Divindade,
P'ra na terra mudar da humana gente
Acerbo mal, ou doce f'licidade!
Desta sorte caminha alternamente
Por ignota vereda a humanidade!
E caminhando cega desta sorte,
Lá quando a Deos apraz muda-lhe o norte.

IX.

— E' para provação dos peccadores
Que contra elles peleja o negro Averno :
Que soffram estes agros dissabores
Consente, e até permite o Ente Eterno ;
Para, per meio de cruentas dores
Vencerem as paixões do torpe Inferno !
E quanto mais custosa é a victoria,
Mais sublime ao depois se-torna a gloria!

X.

— O esp'rito d'Anarchia do mais fundo
Do Abysmo tinha o vôo seu erguido ;
Com seus horrores se-antolhou no mundo
Contra o genero humano enfurecido :
A este horrendo espirito iracundo
Eis que o povo francez se-viu rendido ;
E dos sycambros na longeva terra
Corre, qual terremoto, horrivel guerra !

XI.

— Entre ruínas, casos desgraçados,
Em tanto horror se-viu, em males tantos
Os armóricos campos desolados,
E Lutecia erma então de seus encantos !
Os mares receberam assombrados
Rios de sangue, e dolorosos prantos !
E davam leis á França em tal ruina
O soldado, o sicario, a guilhotina !

XII.

— No meio deste horrendo paroxysmo
Não houve mais razão, direito, abrigo:
Abriu negra Anarchia o seu Abysmo,
Nelle o amigo cahiu, cahiu o imigo !
Pereceu sem amparo o Christianismo;
Tombou o solio dos Bourbons antigo !
Baqueou neste abysmo pavoroso
De São Luiz o neto virtuoso !

XIII.

— E vendo a França então quasi perdida,
Entre discordias tantas, quem diria
Que mais tarde com gloria ella remida
Pelo valente de Toulon seria !
Assim por longa róta não sabida
A Suprema, a Eternal Sabedoria
Ou desinvolve a paz, ou prende a guerra,
E traça os fados das nações da terra !

XIV.

— Entre sanguineos, immoraes debates
Com os quaes toda Gallia se-affligia,
Para enfrear mil horridos embates ;
Tanto mal, tanto horror, tanta agonia,
O bravo Capitão de cem combates
Vem lançar nos abysmos a Anarchia !
E surge, recordando antigas glorias,
Das ruinas o Genio das victorias !

XV.

— Tu, que a Missão celeste recebeste
De as luzes diffundir no mundo illuso;
Tu, anjo das pelejas, que venceste
O mundo, que a teus pés se-viu confuso;
Por que em tua Missão fiel não creste;
Por que della fizeste insano abuso?
Homem!... quem eras tu, anjo ou demonio?!
Maior que César foste, e o Macedonio!

XVI.

Mas de sobre os rochedos solitarios
D'essa ilha lacrymosa, e abhorrecida,
Do meio desses ares tão contrarios
Onde se-te-esvaeu tão grande vida,
Contemplaste os successos grandes, varios,
Na terra, que a teus pés cahiu vencida!
E vendo de tal drama o desenlace,
Tu diceste — Mudei da terra a face! —

XVII,

— Os altos feitos do Heroe de Hyena
D'Europa os Solios todos abalando,
Em toda Europa em pavorosa scena
Tristes festins da guerra o esp'rito dando,
Ou muda as regias fronte, ou condemna
Conforme os modos porque vae obrando;
Mas illudindo a tempestade brusca
Dos Affonsos a Filha o Brasil busca.

XVIII.

— Na venturosa plaga americana,
No Brasil, inda sendo Principado,
Veio a regia Familia lusitana
Fazer um grande povo afortunado:
Aqui, da virtuosa Soberana
Foi o esp'rito para Deos chamado;
E deixando pezar, lucto, agonia,
F'indou seus dias a real Maria!

XIX.

— Cinge João seu Filho a regia c'roa,
João, que é pae do povo Brasileiro;
Sabio Monarcha, cuja fama voa
Com summa gloria pelo mundo inteiro;
Amigo, transformou n'outra Lisboa
O seu mui caro Rio-de Janeiro:
Treze annos contente aqui passára,
E, si fora por si, nunca o-deixára.

XX.

— Os derradeiros raios luminosos
Do Astro das alturas enviado
Entre nuvens de traços sanguinosos
No sangrento Waterlôo tinham brilhado!
E nos méstos penedos luctuosos
De Santa Helena em fim se-eclipsado!
Cançada de luctar ja descançava
Toda Europa, que em paz se-repousava!

XXI.

— Como um homem se-erguia Ausonia antiga
Para lançar por terra o despotismo;
A Hisperia, de seus reis fiel amiga,
Sempre famosa em seu patriotismo,
Em liberal opinião se-liga
Contra o ja enfadonho absolutismo:
À Lusitania chega o fogo activo,
E solta o brado ingente o Douro altivo!

XXII.

— Como o fogo nos bosques ateado,
Que arde, lavra, consome, e n'um instante
Lá deixa após de si tudo abrasado,
Tal se-viu esta chamma fulminante,
Deixando quasi tudo incendiado
Em seu prompto vigor sempre constante!
E transpondo o Atlantico ligeiro,
Veio brilhar no solo Brasileiro!

XXIII.

— Tão grandes movimentos obrigaram
A deixar o Brasil o rei tão caro:
Em sua alma de rei alto bradaram
Da Patria os males. Como affecto raro
Os futuros da Patria o-abalaram,
E para ser o seu seguro amparo,
Pezaroso deixou seu reino novo,
E nelle o seu — fiel Brasileiro povo!

XXIV.

— De um incerto futuro cuidadoso
Entre os amigos seus desconsolado,
Neste dia infeliz, amarguroso,
De innumeraveis penas retalhado,
O sensível João, todo saudoso,
Deixava o seu Janeiro tão amado !
E mal que a Corte foi toda embarcada
As brancas velas desfraldou a armada.

XXV.

— Doce sorrindo as ondas se-inclinavam
Ante as tumidas naves mais que ufanas,
E nas pôpas os ventos tremulavam
As vencedoras quinas lusitanas :
Brandos zeph'ros as velas enfunavam
Brincando com as flamulas sob'ranas ;
E o mar, que mollemente balouçava,
O claro azul dos ceos em si pintava.

XXVI.

— No espaço immenso do sydereo prado
Uma só nuvem nem se quer corria ;
O ar era tranquillo, e socegado,
O noto procelloso então dormia ;
O sol sobre as montanhas debruçado
Para o outro hemispherio já pendia ;
Co' as brancas velas da ondulante armada
'Stava a equorea campina matizada.

XXVII.

— Entre todas as náos, mais soberbosa
Uma mais ampla, e nobre o mar cortava ;
Era essa, que de si toda orgulhosa
Alta prole de reis em si levava :
No meio dessa camara sumptuosa
Triste o real João só contemplava
Da terra, que lhe-fica, as maravilhas,
Occulto á terna Esposa, ao Filho, e as Filhas !

XXVIII.

— A margem do Janeiro gracioso
De multidão de povo se-cobria ;
Era um povo fiel mais que amoroso
De seu rei, que p'ra longe se-partia ;
Um povo que saudar vinha saudoso
Seu rei, que assim tambem se-despedia ;
Um povo, que co'a vista devorava
Essa esquadra, que em mares se-entranhava.

XXIX.

— Pelas jucundas ribas do Janeiro,
Que a fresquidão da brisa enamorava,
Da mais baixa collina ao alto outeiro
Taciturno, e saudoso se-apinhava
De uma cidade o povo quasi inteiro ;
Nem-um se-via alegre, algum chorava,
Vendo-os abandonar seu rei augusto ;
Que um rei se-preza assim, sempre que é justo !

XXX.

— No porto de Carthago assim reunido
Devorava co' a vista a teucra armada
O povo da mesquinha Elisa Dido !
Assim sentido pranto a triste amada
Derramava, ao fugir-lhe o bem querido,
Quando a troiana, fugitiva esquadra,
Após deixando as libycas arêas,
Em si levava o piedoso Eneas!

XXXI.

— Pela amplidão dos mares ribombava
Reboando a troante artilharia,
Da terra, que saudosa ao rei salvava,
Salvas porem despidas de alegria !
Com o duro estampido, que echoava,
Mais o povo tristonho se-affligia ;
E bem que busque a patria o rei amante
Nem por isso é contente o seu semblante.

XXXII.

— Na pôpa do navio reclinado
Gemer ouvindo os mares, que trilhava,
O coração de penas retalhado,
Que palpitando o peito lhe-escalava ;
Com rosto doloroso, e angustiado
A terra contemplando, que deixava,
Resentindo da dor mortal quebranto,
Embalde esconde tão saudoso o pranto !

XXXIII.

— Cruzando os braços sobre o regio peito
Os olhos fita sobre a longa terra,
Que quanto mais contempla em seu despeito,
Mais a sua alma afflicta alli se-aferra !
E como que vidente visse o effeito
Da partida, sentido desencerra
Do fundo de sua alma, em seu tormento,
Estas queixas, que afflicto solta ao vento :

XXXIV.

» — Adeos, terra, que amei, que inda amo tanto;
Paiz a que votei real desvelo,
Da natureza nunca visto encanto,
Fertil, ameno, gracioso, e bello !
Recebe, tu és digno de meu pranto,
Pois deixar-te não mais foi meu anhelô !
Por que gemerei sempre de saudade,
Em quanto em mim durar a humanidade !

XXXV.

— Nobres reis immortaes de Lisia illustre,
Vós, que me-contemplaes do ethereo assento,
Não temaes offuscado o eterno lustre
No pranto da saudade em meu tormento!
O neto não tenhaes, como deslustre,
Porque o vedes chorar neste momento !
Si gemeu padecendo a Divindade,
Que muito é lastimar-se a humanidade !

XXXVI.

— Lá de alem desse ceo todo estrellado
Os olhos inclinae sobre este solo
Mais fertil, mais risonho, e abastado
Que as margens do Penêo, e do Pactolo !
Das mãos do Creador abençoado,
Sem que encontre um rival de pollo a pollo !
E vós desculpaeis este meu pranto,
Até chorando, si-poddesseis tanto !

XXXVII.

— Não mais, Janeiro, gozarei teus montes,
Tuas risonhas, placidas collinas ;
Nem os frescores de nevadas fontes ;
Tuas suaves, lepidas campinas ;
De tuas serras orgulhosas fronte ;
Tuas correntes de agoas crystallinas ;
O matinal terrestre, teu alarde,
A doce viração da fresca tarde !

XXXVIII.

— Ah ! des d'aquelle memoravel dia
Que os pés firmei nas abas do Janeiro,
Senti em mim crescer-me a sympathia
Pelo tão dócil povo Brasileiro !
E des d'então votei toda energia
P'ra tornal-o d'America o primeiro !
Quanto bem póde um justo soberano
Eu te fiz, ó meu povo americano !

XXXIX.

— Não é mister que um rei seja patricio
Para ser justo com seu povo, e humano :
De Roma foi um pae sempre propicio,
Sem em Roma nascer, o grão Trajano ;
De a Lisia engrandecer fazia officio
Henrique, não nascido luzitano ;
Quantos ao seu paiz foram alheios
Sendo no estranho de grandezas cheios !

XL.

— Quanto o dever de rei por ti me-impunha
Não curei de omittir um só instante ;
Que em ti todo desvelo, e gloria punha,
É pelo mundo inteiro bem constante ;
Solemne tomo o ceo por testemunha
Do quanto fiz por ti, fiel, e amante :
Deixo-te emfim, porem fica-me a gloria
Que sempre bemdirás minha memoria.

XLI.

— Em teu seio plantei o amor das artes,
E o amor da industria, e das sciencias ;
Fiz em ti esparzir per varias partes
Da culta, e velha Europa as influencias ;
Dei mais força aos teus nobres baluartes
Contra estranhas, belligeras potencias ;
E cheio deste amor, doce, e profundo
Abri teus portos ás nações do mundo !

XLII.

— De edificios soberbos adornei-te,
Dei aos costumes teus delicadeza,
De fabricas prestantes coroei-te,
Buscando dar-te em tudo mais belleza!
D'Europa os bellos usos ensinei-te,
Poli-te com a arte a natureza ;
E para te-tornar mais respeitado
Eu te-elevei a reino sublimado !

XLIII.

— Oh Tu, que sobre os Justos exaltado
Reinas com sempiterna Magestade,
Que d'Anjos, Cherubins todo cercado
Tens uma Eterna, e unica Vontade,
Que de um ponto por Ti sómente dado
Abranges do Principio á Eternidade,
Essencia sempiterna, oh ser Divino,
Poder, Palavra, Amor, Unico, e Trino !

XLIV.

— Tu, que no Solio da Syam Eterna
Escutas brando as supplicas d'Aquella
Creatura feliz, Virgem Superna,
Cara Mãe, Terna Filha, Esposa bella !
A minha humilde prece, pura, e terna
Ouve, Senhor, e attende-me por Ella !
Não é por mim que os rogos te-endereço,
Só pelo povo meu, meu Deos, te-peço !

XLV.

— Hoje, que vês meu povo fascinado
Por ardentes paixões de ambiciosos,
Do Teu fulgente Throno immaculado
Sobre elle fixa os olhos piedosos !
Da terra expelle o Demo, que ora ousado
Tanto se-afouta em peitos facciosos !
E vencedor do monstro viperino
Reine em paz sempre o throno bragantino !

XLVI.

— Essas divisas para nós divinas
Por Ti proprio, Senhor, a nós legadas,
As sempre ovantes, radiosas Quinas
Nunca vencidas, mas tão guerreadas ;
Si dellas nossas mãos julgaste di'nas
Pelas facções não sejam profanadas...
E assim satisfeita eterna fique
A Promessa feliz feita n'Ourique !

XLVII.

— Conserva pois na gente portugueza
Aquella nobre, e antiga lealdade !
Aquella ousada, e altiva gentileza
Pelo universo todo tão louvada !
Do alto amor de seus reis essa fineza
Que fez a gente lusa celebrada !
E não seja um instante a gloria rota
Do Salado, Montijo, e Aljubarrota !

XLVIII.

— Quando cheio de dôr, e de agonia
 O saudoso João dest'arte orava,
 Já diante de seus olhos se-sumia
 A venturosa terra, que deixava.
 Só um campo de mar além se-via ;
 Só fusco, incerto vulto áquem ficava :
 Além, duvidas tristes, e anciedades,
 Áquem, mil incertezas, e saudades !

XLIX.

— Sem que tirar pudesse da lembrança
 De Santa-Cruz a terra afortunada,
 O triste rei da casa de Bragança,
 Com sua alma de angustias traspassada,
 Pelo longo futuro a mente avança ;
 Vem-lhe á memoria a vida já passada ;
 Até que afflicta ausencia lhe-depára
 Com seu filho tão caro, e o qual deixára !

L.

— Senhor dos altos ceos (clama de novo),
 Teus olhos volve brando, e apiedado,
 A este de Bragança alto renovo !
 Vela sobre meu filho, que hei deixado
 Entre este amigo, gèneroso povo !
 Faze que do Brasil sendo prezado,
 Viva justo, e inteiro em doce calma
 Este doce pedaço de minha alma !

LI.

— Si mais de ver não tenho o filho caro,
Faze que os males invencivel dome,
Que por seus feitos tenha inda preclaro
Entre os illustres um illustre nome !
Que zombando do olvido, sempre avaro,
Ao tempo, e á morte vença o seu renome,
Fazendo de seu povo a flicidade
Por onde um rei caminha á Eternidade !

LII.

— Já neste tempo o Anjo, que devolve
Após do Anjo da luz a cega treva,
Esses frocos da noute, em que se-involve
D'horizonte ao zenith serodio eleva :
Em sombras toda luz já se-resolve,
A vista pelos astros já se-enleva,
E a noute, sublime em seus horrores,
Reduzia a uma côr todas as cores.

LIII.

Quando do claro dia a luz se-apaga,
Essa medonha côr, que assombra os ares,
Qu'a uma alma triste, afflicta, quasi esmaga,
Nesses boiantes, arriscados lares ;
O som crebro, e monótono da vaga ;
A feia solidão dos longos mares,
O susto do perigo não distante,
Tudo isto enche de horror a um navegante !

LIV.

— Já pelos altos mares engolphada
 Ia a náó, que entre as náos era a primeira,
 E com força maior então levada
 Deixava após nas ondas longa esteira ;
 Gemia em tal silencio angustiada
 A alma mais feliz, mais prazenteira !
 E nesta solidão, nesta agonia,
 Inda o rei suspirando assim dizia :—

LV.

— Ó Virgem, entre os Anjos sublimada,
 Mãe de um Deos, sacra Esposa, e Filha Santa ;
 Formosura sem par immaeulada,
 Que bella aos Seraphins nos ceos encanta,
 De Cherubins, e Archanjos ladeada ;
 Nome que ouvindo o Inferno se-aquebranta ;
 Nome, que enche o universo de alegria,
 Pura, celeste, divinal Maria !

LVI.

— D'entre as Dominações, e as Potestades,
 Teu olhar que ao tremendo Inferno aterra,
 Volve ao campo das negras tempestades !
 Deste mar tão medonho, que me-encerra
 Desvia, ó Virgem Sancta, as c'lamidades,
 E seguro conduz-me á Patria terra !
 Ah ! dá-me o amparo teu sempre piedoso
 Durante um viajar tão perigoso !

LVII.

— Dice : e como um effeito de magia
Seu semblante mostrou mais socegado ;
Sua alma experimentou certa alegria ;
Seu coração bateu desassombrado ;
Era a graça do Ceo, que então descia
Sobre seu coração angustiado ;
Pois nunca um seu devoto a Virgem pura
Deixou sem lenitivos n'amargura !

LVIII.

— Lasso após de pensar buscou repouso
Aquelle brando esp'rito **amargurado**,
E um tranquillo somno bonançoso
Desceu a elle, só por Deos mandado ;
O seu sincero rogo fervorosø
Propicio pelo Ceo fôra escutado ;
Pois n'um sonho feliz notou bem claro
Do Ceo sobre elle singular amparo !

LIX.

— Era aurora : e sonhava que ditosa
Sua viagem fôra **pelos mares** ;
Potestade do Ceo **bella**, e formosa
Librada de continuo sobre os ares ;
Com dextra providente, e cauletosa
Da lusa armada desviava azares,
Com a sinistra as ondas amansando,
E com a dextra os euros enfreado !

LX.

— Já via entanto differentes ares
A fluctuante armada lusitana ;
Prestes a ver de novo os patrios lares
Ia alegre a familia soberana ;
Propicios eram os longinquos mares
Domados pela força sobre-humana :
Já das ondas se-erguia magestosa
A de Ulisses cidade tão formosa.

LXI.

— Não longe donde crêra a antiguidade
Que o valeroso Hercules possante
As terras reunidas n'outra idade
Separou com esforço de gigante ;
E reunira a bem da humanidade
O mar Mediterraneo ao mar de Atlante ;
'Stá o antigo terror da Mauritania
A valerosa, a nobre Lusitania!

LXH.

— Lá na longeva, celebrada Hisperia
De Albarracin na serra tem começo
O Tejo, e rega em parte a terra Iberia ;
Por Abrantes entrando rolà espesso
Na Lusitania a líquida materia ;
E depois de bahia d'alto apreço,
Mais pelejas audaz offrece ufano,
Que tributos ao tumido oceano.

LXIII.

— Sobre as ondas do Tejo retratada
Fluctua mollemente a bella imagem
Da cidade de Ulysses afamada ;
E quando doce, voluptuosa aragem
Lhe-enruga a face azul devaneada,
Recebendo das aguas vassallagem,
Si nellas Lisia espelha a magestade,
Defronte arfa a maritima cidade.

LXIV.

— Vencida a foz do Tejo; surge ovante
A empavesada frota lusitana,
E defronte, a cidade fulgurante
As pandas velas colhe, leda, e ufana ;
Corre ás abas do Tejo o povo amante
Saudoso da familia soberana,
Para quem era o rei objecto Santo,
O qual, longe, não via ha tempo tanto !

LXV.

— Lisia, que em viuvez triste carpia,
Ha longos dias de seu rei ausente,
Despe agora a fatal melancholia,
E com ella o pezar, e a dor pungente :
Animada de amor, e de alegria
Ergue risonha a sumptuosa frente,
E entre exaltações dos reis só dinas
Louva o Neto do heroe das nobres Quinas !

LXVI.

— Da tão cara familia rodeado,
 Saudoso do paiz, a quem deixara,
 Segue João ao patrio ninho amado :
 Ulysséa soberba se-exaltava
 Vendo outra vez o nume suspirado,
 Que lá n'outro hemispherio ha tanto 'stava,
 E, entre aclamações de immenso povo,
 O palacio dos reis entra de novo.

LXVII.

— Em quanto tantas cousas se-passavam
 N'antiga capital dos lusitanos,
 Os fados do Brasil se-encaminhavam
 A cumprirem decretos soberanos.
 De seu rei as saudades minoravam
 No Principe os fieis americanos ;
 No Principe, do rei penhor tão caro,
 Mancebo ardente, de renome avaro!

LXVIII.

E' em geral o povo Brasileiro
 Polido, delicado, e talentoso ;
 A isto accresce o dom de hospitaleiro,
 Franco, discreto, nobre e generoso ;
 Fido, prudente, grato, e verdadeiro ;
 Nos perigos maiores valeroso ;
 Da cruel oppressão sempre inimigo ;
 Da Patria, e de seus reis fiel amigo.

LXIX.

— Religioso em seu christianismo
Sente o sagrado amor da humanidade ;
Ardente em seu leal patriotismo
Do coração detesta a crueldade ;
Infenso sempre ao torvo despotismo,
Adora reverente a Liberdade ;
Pois não póde soffrer jugo tyranno
O generoso peito americano !

LXX.

— Desvairado por certo em tal pintura
Leva-me aqui dos meus esta verdade ;
Mas sahiu-me a lingoagem franca, e pura,
Excedendo talvez á honestidade ;
Venia devo implorar : não é cordura
Louvar dos seus tão alta qualidade ;
Pois bem basta a verdade do estrangeiro
Em louvor do character Brasileiro !

LXXI.

— Como pois sem saudades, e sem pranto
Deste povo este rei se- apartaria ?
Como este povo, que o amava tanto
Sem lagrymas partir o-deixaria ?
O povo de seu rei erá o encanto ;
O rei deste seu povo era alegria ;
Servia o povo ao rei com lealdade ;
Fazia o rei do povo a flicidade.

LXXII.

— A Lusitania rege nesta idade
 O liberal systema justo, e lhano ;
 Acha-se dividida a magestade
 Entre o rei, entre o povo soberano ;
 Este fazer as leis em liberdade
 Aos deputados seus envia ufano :
 Só teem a isto os bons do povo accesso,
 E esta reunião é do Congresso.

LXXIII.

— Entre os demonios, que do Averno horrendo
 Surgiram contra a infausta humanidade,
 Nefandissimo ha um, por mui tremendo,
 Por extremo em sangrenta crueldade !
 Viu-se esse monstro atroz sempre crescendo,
 Ao passo que crescia a sociedade;
 E o fero monstro, que surgiu do abysmo,
 Foi na terra chamado—Despotismo.

LXXIV.

— Immensas vezes este esp'rito ingrato
 Sobre o throno dos reis se-tem sentado ;
 Com o nome de Hipparcho, e Pisistrato
 Em Athenas n'um solio foi alçado :
 Da mesma forma horrivel em seu tra'to
 Com o nome de Busires elevado
 No Egypto foi ; e com damnado intento
 Phalares se-chamou em Agrigento !

LXXV.

— Nabuchodonosor já foi chamado,
E Balthazar em Babylonia outr'ora :
Em Solyma em Saul já fôra olhado,
E por elle David tentado fôra ;
Na Sicilia Dionysio nomeado
Foi o monstro, que a tudo atroz devora :
E com tal peso se-assentou ferino,
Que impio esmagou o throno de Tarquino !

LXXVI.

— É a furia, que em Roma já foi Nero,
Da Natureza, e humanidade aggravo ;
Foi lá mesmo este monstro bruto, e fero
Heliogab'lo das paixões escravo ;
Dissoluto, cruel, impio, e severo
Foi na velha Britania Henrique outavo :
Foi um Pedro cruel na antiga Hespanha;
Em França um Luiz onze, e com mais manha !

LXXVII.

— Gozada, até então, no novo Mundo,
Vendo o monstro tão doce liberdade,
De Sanches a c'ravella, furibundo,
(Ensaizando uma nova crueldade)
Aparta da Madeira : o bafo immundo
Seu a-perda do mar na immensidade,
E tão longo ao occidente vae perdida,
Que nelle terra achou desconhecida.

LXXVIII.

— Após meditações, accende logo
 De excelsa gloria, n'um Colombo hardido,
 Inusitado, portentoso fogo :
 Já sente o Genovez todo incendiado
 Luctarem-lhe as paixões no peito em jogo,
 Por desejo de um nome repetido :
 E após volvendo o tumido oceano
 Veio achar o paiz americano !

LXXIX.

— Des d'então sobre America seu throno
 Assentou o tyranno Despotismo !
 De gemidos ao som fruía o somno
 Tranquillamente o espirito do Abysmo !
 Viu-se o paiz dos filhos no abandono,
 Que elle ceifar mandava o phanatismo ;
 Mas o sexto João, rei justiceiro,
 Fugir o-faz do solo Brasileiro.

LXXX.

— Havia já tres se'los que plantára
 N'America seu solio a Iniquidade,
 Quando outra vez dos ceos gentil baixára
 Apavonada a casta Liberdade !
 Em massa então America se-alçára,
 E purgou de seu seio a crueldade :
 Então o novo mundo florescente
 Quasi todo applaudiu-se independente !

LXXXI.

— Sem dor, sem afflicção, sem agonia
Não pôde ver seu throno derribado :
Nadou o monstro em vil, torpe alegria
Ao ver João ao Tejo retornado :
Despeitoso com manha, e aleivosia
No Brasil outra vez se-quer alçado ;
E mal ruma seu projecto, voa
Ao salão do Congresso de Lisboa.

LXXXII.

— Alli tomando o esp'rito a fôrma humana
De um d'aquelles das Cortes deputado,
Com uma voz, que fingiu sincera, e lhana
Despeja este discurso celebrado :
» — Senhores, a familia soberana
Eis já chegada ao nosso solo amado ,
De serias cousas pois ora tractemos ;
Nossa attenção sobre o Brasil levemos.

LXXXIII.

— Vimos sahir com dor da patria amada
A familia real, que amamos tanto ;
E des d'então Lisboa celebrada
Só foi digna de dor, lástima, e pranto !
Do Janeiro a cidade assoberbada
Ficou sendo d'America o encanto ;
E o Brasil, que era apenas Principado,
Vio-se de reino ao gráo logo elevado !

LXXXIV.

— O commercio de Lisia, florescente
Até aquella desastrosa edade,
Pereceu pouco a pouco, e decadente
Se-viu de Ulysses a immortal cidade !
Transportou-se ao Brasil innumera gente
Após de melhor sorte, e flicidade ;
E, no Brasil fiados, esquecemos
Asia, e Libia, onde muito já tivemos !

LXXXV.

— Então as nossas fontes se-estancaram,
Viram-se solitarias nossas ruas,
Vasios nossos cofres se-notaram,
E nos-pesavam mil carencias cruas !
Do Brasil as cidades se-elevaram
Sempre medrando nas riquezas suas ;
E ao passo que Ulyssea baqueava,
O Brasil florescendo se-elevava !

LXXXVI.

— Bem depressa o gigante americano,
A quem foi tão propicia a Natureza,
De pompas se-cobriu nobre, e ufano,
Ostentando por tudo alta riqueza !
Do velho Portugal no longo damno
Augmentava o Brasil sua belleza ;
E em quanto aquelle mais se-envelhecia,
Este mais vigorava, e florescia !

LXXXVII.

— Soffremos em silencio, é bem verdade,
Ver o Brasil em tanto engrandecido,
Pois que convinha á regia magestade
Viver em apparato o mais luzido :
Vimos de Portugal a c'lamidade
Alliviando a mágoa no gemido ;
Mas um a outro reino era ligado,
E lá se-achava o throno collocado.

LXXXVIII.

— Necessario era pois á magestade
Da terra do Brasil tão grande augmento ;
Pois deve o regio solio na verdade
Cercar-se de prestigio, e luzimento :
Mas cessou a cruel necessidade
Tornando o sabio rei ao patrio assento :
E por esta razão convem agora
Que Lisia torne a ser qual foi outr'ora !

LXXXIX.

— Que o Principe Dom Pedro é mui preciso
Deixe sem mais demora os Brasileiros,
E para grangear firme juizo
Vá percorrer paizes estrangeiros ;
De Portugal convem que ora com siso
Tractemos de interesses verdadeiros :
É pois mister que junto á Liberdade
De Portugal se-firme a flicidade.

XC.

— Sciencia da politica brilhante
Jámais se-libra no sanar os danos ;
Libra-se em ser discreta, e penetrante,
E prever no porvir males insanos,
Prevenil-os com animo constante,
Sabia lucrar dos outros nos enganos ;
Sendo antes illusora, que illudida,
E em vez de punir ser prevenida.

XCI.

— Si não fazeis que o Principe agora
Do reino do Brasil seja trazido,
Vós com dor o-vereis, e sem demora
Separado de nós, p'ra nós perdido :
Si pois a nossa sorte não melhora
Em quanto a nós, sujeito, existe unido,
Vede o que não será, si independente
Se tornar esse reino florescente !

XCII.

— É preciso que a ser colonia torne,
Que os grandes tribunaes não mais compre'nda,
Que com tit'los reaes se não adorne,
Que da mãe patria só sempre dependa :
Convem que seu ardor intenso amorne,
Que seja Portugal quem o-defenda,
Quem senhores lhe dê, e a paz, e a guerra,
A vida, a luz, o ar, a agoa, e a terra !

XCIII.

— Dest'arte retumbou nesses lôgares
 A voz da negra furia ; e foi ouvido
 Echoando nos aureos laqueares
 De longa approvação grito subido !
 Já cruzam apressadas sobre os mares
 As ordens do Congresso prevenido :
 Quer que o Brasil um reino mais não seja ;
 O Congresso o-pensou, elle o-deseja.

XCIV.

— Ó vós, antiga e nobre Lusitania,
 Nação esclarecida, e generosa,
 Açoute da terrivel Mauritania,
 Sempre forte invencivel, bellicosa ;
 Decantado terror da antiga hespania,
 De afamados heroes mãe gloriosa,
 D'onde vos-vem tão grande iniquidade,
 Zelando tanto a vossa Liberdade ? !

XCV.

— Mas não são do Congresso os potentados
 Que formam a nação dos lusitanos ;
 Não são esses heroes mal-acabados
 Os respeitaveis lusos d'outros annos ;
 Não são esses valentes, que accurados
 Brilharam junto aos lusos soberanos !
 Nesses tempos tão ferteis d'altas glorias,
 De lances grandes, de immortaes victorias !

XCVI.

— Firme em tanto o Congresso em seu projecto
Pertina z se-estribava em negros planos,
Para arrancar o mais querido objecto
Do centro dos fieis americanos.
Venceram pois em breve o grão trajecto
Dos mares os navios lusitanos,
P'ra transportar ao patrio ninho avaro
A Pedro, o esteio do Brasil tão caro!

XCVII.

— Era ainda o Brasil um novo Estado,
E, bem que todo de abastanças cheio,
Não fôra até então aproveitado :
De riquezas immensas elle em meio
Se-achava de recursos precisado ;
Não lhe-davam as leis seguro esteio :
Não seu filho em si via immenso povo,
E males outros de um Estado novo.

XCVIII.

— Do velho Portugal n'um tempo immenso
Só em proveito trabalhado havia ;
Rasgou seu seio com ardor intenso,
E as minas lhe-deu, que possuia :
Sincero, e á mãe patria nunca infenso,
Não gozava, e p'ra ella só vivia :
Submisso á alheia acção, e sempre mudo,
Nada era seu; da Lusitania tudo !

XCIX.

— Gemia o povo ao peso do tributo,
Pois que até era o solo tributario :
Abusando do rei mandão astuto
Tinha deixado exaustão o regio erario ;
Era todo paiz um uso-fructo
Do vendido, e perverso mandatario ;
E o que justiça, e leis tudo vendia,
Com tal exemplo ao povo corrompia.

C.

— No entanto que este reino florescente,
Por quasi todo mundo inda era olhado ;
Gozava o povo apenas apparente
De dubitosa paz ; mas assombrado !
Era pois neste Principe prudente
Em quem tinha seus votos repousado !
E tirar-lhe este amparo, em seu conceito,
Era se-lhe-arrancar alma do peito !

CI.

— Mas é no meio de fadiga tanta,
Entre longo trabalho duvidoso,
Que o coração dos fracos aquebranta,
Que o verdadeiro heroe, que o virtuoso
Se-esforça, se-sublima, e até se-encanta,
E por bronco caminho embaraçoso
Impavido aos vergeis vac da Memoria
Segar as palmas da fulgente gloria !

CII.

— A posição do reino Brasileiro
Maduro tinha Pedro já notado ;
E com animo firme, e verdadeiro
Tinha ao bem do paiz se-devotado ;
A elle satisfeito, e prazenteiro
Sua alma, e coração tinha entregado ;
Mas sua estada nesta terra amena
Devia ser de duração pequena.

CIII.

— Entretanto este Joven destinado
Ao bem deste Brasil, que bem divulga
O futuro feliz de um tal Estado,
Já promover seu bem por melhor julga :
Prudente, prevenido, e acautelado,
A bem do povo sabias leis promulga;
A tudo acode cheio de energia,
Anima a paz, impostos allivia.

CIV.

— A pouco, e pouco o povo Brasileiro
Votando ao Joven extremada estima
Se-antolhando um futuro lisongeiro
Junto do regio moço se-reanima :
Mais forte cada vez, mais verdadeiro
O sancto amor da Patria se-sublima ;
E, no meio da prospera bonança,
O futuro transluz, brilha a esperança !

CV.

— Havia então no plácido Janeiro
Grande porção de tropa lusitana,
Que abhorrecendo o povo Brasileiro,
Era em seu proceder em tudo insana :
Inflammava aos partidos odio inteiro ;
Nelles crescia a ira deshumana :
'Stava já cheia de materia a mina ;
Negrejava imminente atroz ruina !

CVI.

— Porem Pedro, que unil-os bem deseja,
Que ama d'antiga patria a flicidade,
Pelo bem do Brasil sincero almeja
Amando sua doce liberdade ;
E p'ra que a união rota não seja
Entre elle, e entre a lusa magestade,
Os-busca reunir nos mesmos lares,
Já servindo-os de opiparos manjares.

CVII.

— Era debalde, que apartados logo
Outra vez em seus peitos se-accendia
O perigoso, furibundo fogo,
Que ante elle quasi extincto parecia !
Das férvidas paixões no horrivel jogo,
Vae se-augmentando a raiva, e ousadia ;
O povo não se-crê com segurança ;
Por toda parte é só desconfiança.

CVIII.

— Às Côrtes dos Brasileos deputados
Havia-se entretanto concluido
Eleições ; 'stavam já determinados
Esses, que os povos tinham escolhido.
Despachos ao Brasil foram chegados :
Tinha-se no Janeiro recebido
As bases, que aguardavam povos lhanos,
Dessa Constituição dos lusitanos.

CIX.

— Mas Pedro, que ignorava em seu intento
Da Côrte as ult'riores novidades,
P'ra prestar-lhe o devido juramento
Não tinha convocado auctoridades.
Nisto os lusos então sem fundamento,
Vendo nesta demora só maldades,
Entre grande alvoroço se-moveram,
E logo ás armas com furor correram !

CX.

— Tocava o sol ao tropico do norte
Frouxo, brilhando na tyndarea estancia :
Do mez o quinto dia. Desta sorte
A lusa divisão, ardendo em ancia,
Busca o Rocio n'um impulso forte,
E cheia de furor, e de arrogancia
As da Constituição bases chegadas
Quiz que fossem então logo juradas.

CXI.

— (É o Rocio praça mui formosa,
Que está quasi no centro do Janeiro).
Esta exigencia assim sediciosa
Lesava um coração, que verdadeiro,
Á doce Liberdade venturosa
Se-tinha devotado todo inteiro :
Resentido com tal procedimento
Chama eleitores, presta o juramento.

CXII.

— Tornam-se sempre assás desenfreados
Estes animos taes sediciosos ;
Pois que com estes feitos animados
Demissões exigiram furiosos !
Foram do Conde d'Arcos arrancados
Poderes, em despeito aos valiosos
Serviços, que entre nós tanto avultaram :
Commissões militares se-crearam !

CXIII.

— Fulminando decretos o Congresso,
O plano de colonia, que formára,
Vae caminhando intenso em seu progresso !
As brasileas provincias desligára
Do Janeiro; querendo em seu excesso,
Que dellas fosse o centro, que creára,
Portugal. Vimos pois com taes medidas
Do Brasil as provincias desunidas.

CXIV.

— Cream assim entre as Brasileas gentes
Pequenos, já se-vê, muitos estados,
Que todos entre si independentes,
Eram ás leis do Principe arrancados :
Com estas leis queriam providentes
Ver de Pedro os influxos annullados ;
Pois reunido o reino, se-dizia,
Que o supremo poder assumiria !

CXV.

— Era então que o partido lusitano
Assim medidas taes ensinuava,
A fim de que o Congresso soberano
Amplu gozasse os bens, que restaurava.
Tramando pois este partido insano,
Que por todo Brasil se-dilatava,
Fez que negasse da Bahia a gente
Obedecer ao Principe regente.

CXVI.

— Foi dest'arte que a Junta da Bahia
Mais, e mais extremado o seu excesso,
Supplicou com insolita ousadia
Um reforço de tropas ao Congresso.
Para que as novas relações, que abria
Entr'elles, se-medrassem com progresso :
Foi o pedido seu logo approvedo,
E até acceito com real agrado.

CXVII.

— Aqui tendes, discretos estrangeiros,
As apertadas circumstancias cruas
Do Principe entre os nobres Brasileiros!
Governando do sul provincias duas,
Já sem terem recursos verdadeiros,
De dinheiro, e de meios quasi nuas;
Ligadas todavia inda ao Janeiro,
E n'um estado não mais lisongeiro!

CXVIII.

— Este estado infeliz fez que escrevesse
O Regio Moço então ao pae augusto;
Fez com que vivamente descrevesse
Tão triste estado, e de seu povo o susto;
Implorou-lhe que algum remedio desse
A uma vida tão triste, e de tal custo;
Pois em tão dura posição se-via
Sem meios, sem poder, sem energia.

CXIX.

— Mas entretanto as Cortes proseguiram
Em seu tão louco, mal-cabido plano;
De continuo os decretos seus choviam
Mostrando sempre seu intento insano.
Os tribunaes mais altos se-aboliam,
Que creara João, bom Soberano:
E assim se-tocando ao mór excesso
Ordenou-se do Principe o regresso.

CXX.

— Não ficou nisto, não ; a mais se-alçaram :
 Eis que um governador sem mais detença
 Para cada provincia nomearam ;
 E a tal auctoridade, a nós infensa,
 Os poderes do reino delegaram !
 Querem depois com providencia immensa,
 Que venham tropas, d'animo guerreiro
 P'ra occupar Pernambuco, e o Janeiro !

CXXI.

— Providencias mais bem se não combinam
 Para com tal politica alcançarem
 O fim a que tão firmes se-destinam !
 Sem a outro interesse ouvidos darem,
 Não contam que a si proprios se-arruinam ;
 Mas apesar de largo assim cortarem,
 Os cegos, os miserrimos humanos,
 Deos, como bem lhe apraz, muda seus planos !

CXXII.

— Que seus fados não eram lisonjeiros,
 E que todo seu bem ia em perigo
 Começaram de ver os Brasileiros,
 Vendo já no Congresso um inimigo ;
 Viram que seus direitos verdadeiros
 Eram roubados, com seu fôro antigo,
 E se-ergueram ao ver tamanho dolo
 Para um jugo cruel lançar do collo !

CXXIII.

— Era difficil, arriscada empreza ;
Estavam as maritimas cidades
Pejadas pela tropa portugueza,
Prestes a dar começo a hostilidades !
Em tudo havia pois grande incerteza,
Nas communicações difficuldades ;
Intrincado era o plano, e arriscado
Si não fosse do Principe ajudado !

CXXIV.

— Crê-se no entanto que elle se-apromptava
A obedecer as ordens do Congresso ;
Todavia em geral não se-approvava
Ainda para Corte o seu regresso :
O portuguez partido receiava
Ver a revolução em seu progresso ;
Pois, retirado apenas o Regente,
Se-faria o Brasil independente !

CXXV.

— E no entanto o partido Brasileiro,
Que em sua independencia meditava,
Ver não queria ausente do Janeiro
O Principe, a quem tanto idolatrava ;
Pois que partindo da corôa o herdeiro
Grandemente o seu plano se-arriscava ;
E dos lusos, e seu poupar queria
O sangue, que nas veias lhe-corria.

CXXVI.

— Em quanto tal opposição crescia,
O povo mais, e mais se-exasperava ;
Cada um dos partidos se-affligia ;
Do Congresso o Brasileiro murmurava :
Cresciam as paixões com energia ;
O jugo mais acerbo se-tornava ;
Do Principe era guerra a dura ausencia,
E paz, sua anhelada permanencia.

CXXVII.

— Não era só nas margens do Janeiro
Onde esta opposição se-levantava ;
Já em São-Paulo o povo Brasileiro
Em que Pedro ficasse, meditava ;
E como patriota verdadeiro
Concorria a pôr claro o que pensava :
E já com patriotica energia
A Junta de São-Paulo se-reunia.

CXXVIII.

Qual lampejo que rapido se-accende
Ao som medonho do estampido forte,
Que as nuvens chammuscando os ares fende,
Veloz a scintillar do sul ao norte ;
Tal pensamento aligero se-estende,
Progressivo a medrar da mesma sorte ;
Pois a Minas chegando, em um momento,
Arde, e vigora o mesmo sentimento !

CANTO QUARTO.

CANTO IV.



ARGUMENTO.

O *Reverbero*, periodico liberal escripto pelo padre Januario, e por Ledo. Os liberaes do Rio-de-Janeiro. Vae um emissario para S. Paulo a José Bonifacio. Rocha, Coutinho, José Clemente Pereira, Ledo, e Januario trabalham em sentido da Independencia do Brasil. Reune-se o povo fluminense na casa do Senado da Camara. O Senado, e o povo vão-se a ter com D. Pedro. A Quinta de S. Christovão. Vem D. Pedro para o Paço da cidade a receber o Senado, e o povo. Discurso de José Clemente Pereira ao Principe. Mandam os Paulistas uma commissão ao Rio-de-Janeiro. Quem era José Bonifacio; seu discurso. Representação do governo, povo, e clero de S. Paulo. Votos d'outras provincias. Resposta de D. Pedro. Prazeres do povo. Desgostos da tropa lusa. Jorge d'Avilez. Tomada do morro do Castello pelos portuguezes. A cidade do Rio-de-Janeiro. Rebates. O povo fluminense pega em armas, e reune-se no campo de Sant'Anna. Evita D. Pedro effusão de sangue.

CANTO IV.

I.



REVERBERO, entusiasta ardente,
Jornal, obra de Ledo, e Januario,
Esclarecia com ardor vehemente
Da patria liberdade o grão sacrario !
P'ra as provincias centraes vae diligente
Dos liberaes da Côrte um emissario :
Rocha, e Coutinho juntos trabalhavam,
E prudentes as cousas preparavam.

II.

— Era do anno findo o mez postremo :
No dia vinte e quatro, noute sendo,
Com ardor patriotico, supremo,
Sempre sublime, nobre, e estupendo,
Reunida em legal concelho extremo
A Juncta de São-Paulo resolvendo,
Envia do Janeiro, á grã cidade
Mensagem de immortal celebridade.

III.

— Era um só o sublime sentimento
De quasi todo honrado Brasileiro ;
No entanto se-agitava n'um momento
Ardente todo povo do Janeiro !
Concordes, e fieis no seu intento
Se-convidam co' affecto verdadeiro ;
E cheios de prazer, e d'anciedade
Se-dirigem á Cam'ra da Cidade.

IV.

— Como por esse tempo se-illustraram
Eternamente gloriosos nomes !
Contra teu ferro, ó Tempo, então se-armaram
Com memoria, que tu jámais consumes !
D'eternos luzimentos esmaltaram
De fama, p'ra alem tum'lo, altos renomes !
Nomes eternos para eterna gloria,
Que eternos luzirão na patria Historia !

V.

— É com estes renomes merecidos,
Que a Patria adornará seu sanctuario !
D'egregios esplendores guarnecidos
Irão da patria Gloria ao grão sacrario ;
Pois não serão do tempo consumidos
Andradas, Rocha, Ledo, Januario,
Coutinho, Branco, e tu, José Clemente,
Nomes, que viverão eternamente !

VI.

— Chegou do ardente mez do italo Jano
O fausto, e memorando dia nono,
Dia em que do Janeiro o povo lhanò
Deu de amor ao seu Principe alto abono !
E que sobre este solo americano
Firmou a Liberdade no seu throno :
Dia de amor, de jubilo, de gloria,
Eterno, e grande na Brasilia Historia.

VII.

— Começa de raiar bello, e jucundo
O sol cheio d'encantos, e alegria ;
Nunca tão lindo sol brilhou no mundo,
Nunca vira o Brasil tão grato dia !
Ardendo o povo n'um ardor profundo,
Cheio de amor da Patria, e d'energia,
Pelas ruas chamando-se discorre,
E ao Municipal paço concorre.

VIII.

— Alli pois reunido um povo inteiro
Quer que o Senado o-guie em seu excesso,
Que se-dirija da Corôa ao Herdeiro
P'ra não cumprir as ordens do Congresso !
P'ra não deixar as margens do Janeiro,
Desistindo de tão cruel regresso :
De um povo ardente tão fiel cercado
Tão nobre commissão toma o Senado.

IX.

— Aquelles patriotas mais que egregios,
Que arredavam da Patria horrivel damno,
Velando do Brasil nos privilegios,
E se-oppondo ao Congresso mais que insano,
Trabalhando sem termo em seus collegios
Concertaram assim tão grande plano ;
Pois era em seus trabalhos clandestinos
Que da Patria traçavam-se os destinos !

X.

— O Senado ia em frente p'ramentado,
Como do Santo Orago sendo o dia ;
Fluctuava o 'standarte levantado
Aonde as armas da nação se-via :
Atraz, por tanto numero apertado,
O povo, mais tranquillo, se-seguia ;
As classes confundia este momento,
E não havia mais que um pensamento !

XI.

— Tres milhas do Janeiro só distante
Caminhando p'ra as partes d'Occidente,
Beijado pelo zeph'ro susurrante
Ha um valle feliz, bello, e ridente :
Pelo lado do Sul todo elegante
Em serras terminar vae docemente :
Está sobre elle um tanto reclinado
O pontc-agudo velho Corcovado.

XII.

— Fica do lado opposto, e gracioso
O mar de Nictherohy deitado em frente,
Que as vezes crespo em respirar iroso,
Movido pelo Noto altivo, e ardente
Vem quebrar sobre a praia impetuoso
A mui ruidosa ondulação tumente :
Outras vezes em estos amorosos
Vem na margem depor beijos saudosos.

XIII.

— Por todos outros lados é fechado
Por correntes cadêas de collinas,
Que o verdejante dorso matizado
Mostram co'a flor de cores mil tão finas :
Nas diversas alturas recortado,
Crerieis ver dos ceos pender cortinas,
Que morrem nesses cumes em mil cores,
Em larga fimbria de risonhas flores !

XIV.

— Aqui desperta a flor tão rociada
Suavissimo terral doce, e mimoso,
Risonho suspirar da madrugada
Que respira do seio suspiroso !
A tarde, affaga ao campo a desejada
Viração, com um sopro delicioso ;
É halito de amor; que ao valle encanta,
Com que, a noute, as florinhas acalanta.

XV.

— Perenne primavera, e a mais ridente
Cobre estes campos de odorosas flores ;
Dobrado outono, ou quasi permanente
Os-enchem de seus dons encantadores !
Ambas as brisas com soprar corrente
Adoçam sempre os estivaes ardores ;
Brandos regatos, agoas crystallinas
Descem dos montes, regam as campinas.

XVI.

— No meio deste valle enamorada,
Doce collina apenas prominente
É do valle a corôa, collocada
Alli pela Natura providente :
Sobre seu dorso avulta uma morada,
Regio palacio nitido, ridente.
Nelle o real João tinha habitado,
E era por seu Filho inda occupado.

XVII.

— Deste do grande rei nobre aposento,
Em tão brilhante, glorioso dia,
Seu Filho, que do povo acolhe o intento,
Todo amor, e prazer sabido havia :
No paço da cidade, a seu contento,
Então se-achava cheio de alegria ;
Pois n'aquelle logar tinha marcado
A recepção do povo, e do Senado.

XVIII.

— Tocava o sol em seu meridiano
Quando chegára ao paço da cidade
O Senado da Camara bello, e ufano
E toda popular commuidade :
Sóbe o Senado ao paço soberano
Onde o-aguarda do Princípè a bondade :
E se-chegando ante elle em regia sala,
Da Cam'ra o presidente assim-lhe-falla :

XIX.

— Senhor, de Vossa Alteza a retirada
O decreto será por qual se-veja
De Portugal, e do Brasil quebrada
Esta união, que tanto se-deseja !
A salvação da Patria suspirada
Vosso norte, Senhor, agora seja ;
Eia, pois, differi Vosso regresso
Té nova decisão vir do Congresso.

XX.

— Eis-aqui a importante, alta verdade,
Que esta Cam'ra, Senhor, hoje impellida
Pelo povo leal desta cidade,
Quer que de Vossa Alteza seja ouvida :
Escute pois a regia Magestade
A verdade de tantos conhecida :
A nós cumpre sómente demonstral-a ;
Mas a Vós o ouvil-a, e aprecial-a.

XXI.

— O Brasil que, ha dous lustros, e tres annos
Viu o primeiro albor da Liberdade ;
Que, ha sete invernos, findos tantos damnos
Entre as nações brilhou com magestade ;
Que, ha um anno, entre os esforços mais que ufanos
Calcou do despotismo a potestade ;
Se-lembra com horror desse passado,
E não arrisca um bem hoje ganhado.

XXII.

— Este horror, tal lembrança em seu progresso
Mais tem sobremaneira envenenado
Os ultimos decretos do Congresso,
Que tem, ha pouco tempo publicado !
Antolhou-se ao Brasil ver-se em regresso
Sendo em tantos governos retalhado ;
Sem centro delegado da Corôa,
Subjeitos só ás ordens de Lisboa.

XXIII.

— Pareceu, que uma tal iniquidade
Predispunha ao Brasil á nova algema !
Dissipava-lhe a doce Liberdade
Tornando-o de colonia ao vil systema :
Mas tão injusta, e horrida vontade
P'ra o reino do Brasil em vão se-extrema :
Quando livre quer ser um nobre povo
Não ha p'ra o supplantar systema novo.

XXIV.

— Com dôr foi o decreto recebido
Que os tribunaes Brasileos abolia ;
Que o Congresso, com magoa foi sabido,
A Vossa retirada resolvia ;
Nisto então todo povo enfurecido
Bramiu contra ordem tal, tal tyrannia ;
Pois nesta ordem, nesta iniquidade
Viu por todo Brasil triste orphandade.

XXV.

— Perdeu então o povo a paciência
Ao ver que Portugal todo orgulhoso
Queria reassumir sua ascendencia
Sobre o Brasil fazendo-o desditoso !
Assim forjava a antiga dependencia
Do velho poderio soberboso,
Qual, se visse em seus feitos renovada
A velha curatela, hoje acabada !

XXVI.

— Não, Senhor, o Brasil qual se-acha agora
Em nação, e feliz constituido,
Pela da Liberdade grata Aurora
Tão doce, e amplamente esclarecido,
Retroceder não pode uma só hora,
Nem um ponto perder do adquirido !
Já não póde este filho emancipado
Desses direitos seus ver-se esbulhado !

XXVII.

— Nas Côrtes não seriam ventilados
Do Brasil os negocios sem primeiro
Chegarem os Brasileos deputados ;
Tal mostrou-se o Congresso justiceiro !
A preconceitos taes tão ajustados
Muito applaudira o povo Brasileiro !
E com tudo, não sendo inda chegados
Do Brasil os negocios são tractados.

XXVIII.

— Um tal procedimento na verdade
Muito irritou á Brasileira gente ;
Logo que do Congresso a iniquidade
Contr'ella se-mostrava claramente !
E assim compromettida a Liberdade
Se-via do Brasil mui tristemente !
Nesta provincia pois, sem mais supposto,
Tal era o grito do geral desgosto !

XXIX.

— Nossas vistas corramos entretanto
Por todas as provincias Brasileiras ;
E vejamos aquellas, que o encanto
Fazem deste paiz por ser primeiras.
Quasi todas já vemos com espanto
Que tomam posições assás guerreiras !
Olham p'ra Portugal desconfiadas ;
E p'ra lhe resistir 'stão preparadas !

XXX.

— Da Liberdade, ha pouco, o grito ingente
 Se-ouviu em Pernambuco levantado ;
 Com quanto suffocado o fogo ardente,
 Não se-acha inda de todo hoje apagado !
 Rebentará de novo mais vehemente
 Deixando esse paiz incendiado,
 Si um politico centro no recinto
 Do Brasil não deixal-o todo extin'to.

XXXI.

— Minas, desconhecendo a obediencia,
 Examina os decretos do Congresso,
 E áquelles, que não teem conveniencia,
 Para si, já se-oppõe com todo excesso !
 Militares accessos com ardencia
 Dá, e promulga leis de um modo expresso !
 E marchando dest' arte tão vehemente
 Em breve se proclama independente !

XXXII.

— Nas instrucções politicas dictadas
 Aos deputados seus mui claramente
 Mostrou São-Paulo assás patenteadas
 Sua idéa, e politica corrente !
 Essas idéas pois tão levantadas
 Corre a desinvolvel-as amplamente,
 Commissão que se-espera a toda hora
 Neste sentido em que vos fallo agora.

XXXIII.

— Não fica atraz nos mesmos sentimentos
Rio-Grande-do-Sul, que assás brioso
De si devolve os mesmos pensamentos,
Em seu bem se-enlevando esperançoso !
Tomando apenas vulto taes intentos
Por este vasto solo, e mui ditoso
Hão de as outras provincias neste estado
Ligar aos destas seu futuro fado.

XXXIV.

— Bem sabemos, Senhor, que tal verdade
De todos mui fallada, e mui sabida,
Não escapou á Vossa habilidade,
Á Vossa perspicacia mui subida :
Existe, Vós sabeis, na realidade,
Restos de uma facção mais que atrevida ;
E mal puder, levantará ufano
O collo altivo o audaz republicano.

XXXV.

— Dessa arv're, que n'America florece
Um ramo se-enxertou nesta cidade,
E mal ouviu a nova, ao que parece,
De Vossa ida, cresceu n'actividade !
Crê-se que agora um tanto desfallece,
Quando apenas ganhou publicidade
Que o povo pretendia com excesso
Demorar Vossa Alteza o seu regresso,

XXXVI.

— Si porem Vossa Alteza aos patrios-lares
Pertende retirar-se com presteza,
Apenas for trilhar tão longos mares
Crescerá da facção toda afouteza !
Breve então se-verá nestes logares
Cahir despedaçada a Realeza !
E no solio real de força extrema
Hade ser a Republica Suprema !

XXXVII.

— Oh ! e quanta ambição desenfreada
Assolará de Santa-Cruz a terra,
Si a Republica (sempre mal-formada)
Aqui suas cobiças desencerra !
Lisia tal não dará ; exasperada
Moverá contra nós cruenta guerra !
E só Vós podereis, aqui ficado,
Com dura mão prender tão duro fado !

XXXVIII.

— Vós bem sabeis, Senhor, e é mui constante
Que, ha algum tempo, navios estrangeiros,
Notaveis pelo num'ro abundante,
Discorrem pelos portos Brasileiros :
São uns de uma nação livre, e possante
Que á facção dá soccorros lisonjeiros :
Outros, com intenções ameaçadoras,
Pertencem a nações empre'ndedoras !

XXXIX.

— Foi quando a independência preparava
Que a Polónia se-viu toda talada,
Porque a gloria sua se-invejava,
Em guerras a-fizeram desgraçada !
Essa Hespanha que então se-encaminhava
Em politica infausta, e mais que errada,
Perdeu, nesses seus dias desastrosos,
Os dominios d'America famosos !

XL.

— Si tudo pois nos-mostra claramente
Os destinos da patria embaraçados,
Qual será o remedio, hoje evidente,
Que a-salve, e possa melhorar seus fados ?
Qual seja bem ensina ardentemente
A opinião, rainha dos Estados ;
E nos-convem, Senhor, sem mais exames,
Seguirmos hoje seus fieis dictames.

XLI.

— Tenha o Brasil um centro de unidade,
Um corpo se-lhe-dê legislativo ;
Em parte, e para mais actividade,
Um ramo do poder executivo :
Tenham todos assim tal egualdade ;
Que o governo se-torne forte, e activo :
A um systema tal são semelhantes
Os exemplos d'Europa mais frizantes,

XLII.

— Mas em quanto não chega este remedio,
Que da firme união dos dous Estados
Servirá certamente de intermedio,
Para impedirdes os medonhos fados,
Que agora sobre nós pesam com tedio,
Cavando-nos abysmos desgraçados,
Adoçae do Brasil tanto azedume,
Da Patria sede o Salvador, e o Nume!

XLIII.

— Ah, Senhor ! si nos deixa Vossa Alteza
Bem depressa terá de ver quebrada
Esta união, que faz toda grandeza
Da nossa cara Patria idolatrada !
Da independencia a chamma com presteza
Será pelo Brasil logo ateadada :
E que scenas terriveis pela guerra
Terá de ver de Santa-Cruz a terra !

XLIV.

— Ficae pois no Brasil tempo mais largo,
Té que o Congresso veja-se informado
Do deste povo sentimento amargo :
Elle dará remedio ao nosso fado,
Pois fazer-nos o bem tem a seu cargo ;
Dae tempo a que o Congresso mais pousado
As preces possa ouvir de um povo inteiro,
Accedendo benigno, e justiceiro.

XLV.

— Si foi cruel em seu procedimento,
Dictando os seus decretos o Congresso,
Quando virmos de perto o seu intento
Devemos minorar o seu excesso !
Nasceu só no Brasil o pensamento,
Que por todo Brasil ganhou progresso,
De separar-se o povo Brasileiro
Do governo deixado no Janeiro !

XLVI.

— Foi quando Vossa Alteza em taes perigos
Escreveu a seu Pae mais que queixoso,
Ao ver que do Brasil os inimigos
Procuravam tornal-o desditoso !
Já, Senhor, que toquei em taes artigos,
Tudo agora direi, mas respeitoso :
Um subdito fiel á magestade
Não engana : sou homem de verdade !

XLVII.

— Homens pois de juizos mui ligeiros
P'ra Portugal lembraram com maldade,
Que deixar Vossa Alteza os Brasileiros
Era extrema, e real necessidade !
Liberaes pensamentos verdadeiros
De Vossa Alteza sobre a Liberdade
Por estes, ao Brasil sempre contrarios
Manchados foram com effeitos varios.

XLVIII.

— Mas hoje que entre nós é dominante
 A opinião melhor, mais acertada,
 Hoje, que o povo quer, e quer constante
 De Vossa Alteza no Brasil a estada ;
 Hade o Congresso, da união amante,
 Conceder ao Brasil Vossa ficada :
 Garantir sua doce flicidade,
 Dar-lhe um centro de força, e de unidade.

XLIX.

— E, si aos povos d'Europa, aos soberanos
 Allega Portugal, com gravidade,
 Que uma das causas de seus grandes danos
 Era a sua miserrima orphandade ;
 Como hade a seus irmãos americanos
 Negar hoje tal jus, tal egualdade ?
 E, como um tal remedio pois negar-lhe,
 Si hade por força finalmente dar-lhe ?

L.

— Taes são, Senhor, os votos deste povo,
 Que eu, como orgão, de uma tal verdade,
 Perante Vossa Alteza hoje promovo ;
 Seu desejo tal é, sua vontade !
 Sem abusar de ser um paiz novo
 Onde o futuro é já realidade,
 Bem que o Brasil não quer senhor, que o reja,
 Com Portugal romper-se não deseja !

LI.

— Queremos uma justa Liberdade,
Que garanta fiel nosso direito ;
Uma Constituição com egualdade,
Livre de prejuizo, ou preconceito :
Deste povo, Senhor, desta cidade,
Taes são os votos cheios de respeito ;
E já conta este povo generoso
Que Vossa Alteza acolherá gostoso!—

LII.

— Assim dice : e depoz, no mesmo instante,
Aos pés do affavel Principe, respeitoso
As supplicas de um povo mais que amante,
De sua liberdade assás zeloso !
Queria pois o povo, e mui constante,
De prompta decisão tão sequioso,
Que Pedro declarasse neste dia
Que o reino do Brasil não deixaria !—

LIII.

Louvaram aqui muito os estrangeiros
A idéa, que inspirára a Liberdade
A estes patriotas Brasileiros
A bem de sua cara flicidade !
Cadaqual com discursos verdadeiros
Encomiava tanta heroicidade !
Já gabando este Principe tão novo,
Já este liberal, heroico povo !

LIV.

— Chegou (diz Pedro) ao solo do Janeiro
Comissão dos Paulistas enviada :
À sua frente illustre Brasileiro
O memorando vem, o nobre Andrada ;
Varão honrado, e sabio verdadeiro,
Que tem na Europa fama celebrada !
Philosopho, Poeta, e Estadista,
Calculado, e prudente Publicista !

LV.

— Chega-se ao Principe o varão prudente
E com ar respeitavel, e sincero,
Sem que estorvar-lhe possa o fogo ardente
Do grave, regio Moço o ar severo :
Como sabio orador, e eloquente,
Em nome do governo, povo, e clero,
Em locução polida, e a mais sublime
O Brasileiro egregio assim se-exprime :

LVI.

— Levae-me a bem, Senhor, si hoje promovo
Perante vós da Patria a f'licidade !
Em nome do governo, clero, e povo
Manda-me a de São-Paulo hoje a cidade.
Ante um Principe tal, discreto, e novo
Retumbar deve o echo da verdade !
Seja a verdade aqui só soberana,
Pois quem engana aos reis a patria engana !

LVII.

— Brasileiros afflictos por abusos
Velhos, e novamente introduzidos
Pela má fé, vivendo sempre illusos,
Louvaram com transportes mui subidos
A queda dos antigos, e máos usos
Pelo atroz despotismo conduzidos :
E mal regenerados se-sentiram
Com seus irmãos d'Europa se-aplaudiram !

LVIII.

— Mas quando do Congresso o Manifesto
Ás estranhas nações, muito o-mostrava,
Em rebuço, ao Brasil em tudo infesto ;
Quando indiscretamente se-indicava
Ao Brasil o systema tão molesto
Colonial, que os braços lhe-ligava,
Se-resfriou seu nobre enthusiasmo ;
E após d'indignação, horrivel pasmo !

LIX.

— Quaes principios do publico direito,
Da Constituição juram-se as bases ;
Mas da nova o projecto é de tal geito,
Que em tudo apresentou nocivas phases
Pois o Congresso firme em seu despeito
Mostrava claramente em suas phrases,
Que o povo do Brasil tão franco, e bravo
Devia ser no mundo um povo escravo !

LX.

— Do Congresso os dous ultimos decretos,
Seguindo sem oessar a mesma senda,
Mostrando os seus empenhos indiscretos
Vieram-nos rasgar de todo a venda :
Prevendo do Congresso taes projectos,
Ante esta assim de obrar maneira horrenda,
Vendo o Brasileiro povo taes injurias.
Estremeceu de horror, ardeu em furias !

LXI.

— Em um desses decretos, no primeiro,
No qual de um modo estranho assás se-offende
O leal, nobre povo Brasileiro ;
O incauto Congresso só pertende
Ver desmembrado o reino todo inteiro ;
E, como o edificio, que se-fende,
Se-escalando nas juntas desligadas,
Ver cahir suas partes separadas.

LXII.

— Quiz se-ver o Brasil feito em pedaços
Oppostos, sem menor moralidade ;
Para no meio destes embaraços
Não ter um commum centro de unidade ;
Era facil então prender seus braços,
Destruir sua cara liberdade ;
E depois de desordem mais que extrema
Tornal-o de colonia ao vil systema !

LXIII.

— Um governo das armas collocado
Foi em cada provincia, responsavel
Só de Lisia ao governo retirado !
Este governo pois, tão respeitavel,
Um poder teve então não extremado
Pela Constituição justa, e saudavel !
Capitães-Generaes eram de outr'ora,
Só este nome lhes-faltou agora !

LXIV.

— Provincial governo, que apparente
Tinha attribuição administrativa ;
Governo, que não tinha certamente
Em todos os negocios parte activa ;
E Junctas de Fazenda indignamente
Regidas por antigas.leis nocivas,
Immoraes, e absurdas, imperfeitas,
E de Lisia ao governo só sujeitas !

LXV.

— Magistrados tambem independentes
Sem nexo, entre si anarchisados ;
Porque os supremos tribunaes ingentes
Para tão longe foram retirados !
Assim ás concussões mais vehementes
Viam-se os tristes povos obrigados :
Pois longe eram recursos soberanos,
Que haviam possuido em treze annos !

LXVI.

— Vimos então medrar tantas despesas
Sem que houvesse a menor necessidade ;
Deste solo sumiram-se as riquezas
Quando se-ia sumindo a liberdade !
Em males taes, em tantas extranhezas
Pesava do Congresso a iniquidade ;
Pois que sem attender a um povo affli'to
Não olhava senão para seu fito !

LXVII.

— Ante o Brasil, em tal adversidade,
Senhor, negreja pavoroso abysmo ;
Do povo do Brasil a immensidade
Tocou a um desastroso paroxysmo !
A arvore da frondosa Liberdade
Carcome o verme atroz do Despotismo !
Aonde este Congresso arrastra inico
Este bello paiz, paiz tão rico ?!

LXVIII.

— Vê-se n'outro decreto, no segundo,
Que Vós, unico amparo a nós deixado,
Desta grande nação do novo mundo
Devieis ser p'ra sempre arrebatado !
No primeiro decreto... horror profundo !...
Sermos escravos nós foi decretado !
No segundo decreto, sem detença,
Vemos a execução d'atroz sentença !

LXIX.

— Aqui, Senhor, a ignominia avulta
 Com que de tal maneira sois tra'tado!
 É á Vossa Pessoa, que se-insulta,
 Quando assim do Brasil sois arrancado!
 Aqui pois ao Brasil, Senhor, resulta
 O ser pelo Congresso atrahidoado!
 No primeiro, o Brasil sem magestade!
 No segundo, o Brasil em orphandade!

LXX.

— Quando á traição vendido, ou conquistado,
 Ao novo Nero, Portugal affli'to
 Curvou o triste collo, que alquebrado
 Tinha deixado o libyco confi'to;
 O segundo Filippe tendo entrado
 O reino, em seus dominios já inscri'to,
 Teve a prudencia, e alli ratificára
 As capitulações, que antes mandára!

LXXI.

— Entre ellas, pois, muito esta se-notava:
 — Que o vice-rei de Portugal seria
 Um Portuguez. — A isto accrescentava:
 — Que de ser Portuguez só deixaria
 (Unico caso em que se-exceptuava)
 Si governar a Lusitania um dia
 Mandasse de Castella o soberano
 Um Principe do sangue castelhano. —

LXXII.

— Porem livre o Brasil, que assóciado
 Tem aos irmãos d'Europa os seus destinos,
 Hade se-ver em partes retalhado,
 Coberto de governos pequeninos?
 Sem que ao menos se-tenha consultado
 Os de seus filhos deputados di'nos,
 Lhes-deixando o escarneo, em seu despeito,
 O approvar, ou não; mas sem effeito?!

LXXIII.

— Senhor, separa a Irlanda, e Inglaterra
 Só um braço de mar, e assás estreito,
 E todavia existe nessa terra
 Um governo, e um centro, e mui perfeito!
 Hannover, bem pequeno, o mesmo encerra,
 E de Jorge um irmão rege-o com geito;
 O reino da Bohemia, e o de Hungria
 Tem um governo, e um centro de enèrgia!

LXXIV,

— É para viajar : — Eis a apparencia
 Com que illudir pertendem a verdade ;
 Fazendo-nos assim tal violencia
 Querem justificar a iniquidade !
 Mas deste proceder sem consciencia
 Outra tem mui diversa realidade :
 E esta emfim, Senhor, com bem certeza
 É sómente o temor de Vossa Alteza !

LXXV.

— A deixardes o reino Brasileiro.
Senhor, não vos-obrigam crueis fados :
Amor da patria? Certo é verdadeiro ;
Mas de um Principe a patria é seus Estados !
Será pelo amor em nós primeiro
Do torrão em que á luz fôramos dados ?
Vossos filhos então aqui nascidos
Não devem do Brasil ser conduzidos.

LXXVI.

— Abraçar Vosso Pae ? Mas a ternura
De uma Consorte doce, e virtuosa ;
Dos Filhos os affagos, a doçura,
Que a existencia de um Pae tornam ditosa,
Indemnizar-Vos podem da amargura,
Que suffoca a Vossa alma mui saudosa !
E o amor, que gozaes aqui profundo
Não tem nem Portugal, nem todo mundo !

LXXVII.

— Pelo querer atroz foi do Congresso
Vosso Pae a chamar-Vos obrigado ;
E desobedecer a um tal excesso
É muito obedecer a um Pae honrado !
E demais, dá motivo a um tal regresso
Hoje do velho Portugal o estado ?
Quem necessita mais de Vosso amparo,
Que este novo Brasil, a Vós tão caro ? . .

LXXVIII.

— Si o Brasil a deixardes Vos-obrigam
Os de Vossa Familia altos futuros ;
Porque as Côrtes, que assim tanto os-intrigam,
Duvidosos os-tem, tristes, escuros ;
Essas mesmas razões só Vos-instigam
A tornal-os brilhantes, e mais puros,
Conservando este reino, e sem mudança,
Para a ditosa casa de Bragança.

LXXIX.

— Porem si surdo a interesses tantos
Cedeis á do Congresso iniquidade,
Alem de Vos-roubardes aos encantos
D'homem livre, de Principe á dignidade,
Pelas muitas desgraças, pelos prantos
Respondereis perante a Divindade,
E pelo immenso sangue derramado
Neste paiz, a Vós tão dedicado !

LXXX.

— Por que, mal demandardes a Lisboa,
Se-verá que o Brasil desesperado,
Como de Libya rábida leão,
Cuja prole se-tem arrebatado,
Que os bosques a rugir medonha atroa
Lampejando no olhar odio esfaimado,
Terrivel se-erguerá, como um só vulto,
Para a affronta vingar, punir o insulto.

LXXXI.

— Perante Deos, e os homens declaramos,
Que hoje com Portugal fraternos laços
Vel-os rotos, Senhor, não desejamos ;
Mas remova o Congresso os embaraços,
Que nos-urdiu, e com os quaes luctamos :
Mas ao contrario... ver-nos-hão a braços. :.
Armados luctaremos, como bravos ;
Porque antes morrer, que ser escravos!

LXXXII.

— E pois, os dous decretos furibundos
Vós só podeis nullificar sem custo ;
Cheio de sentimentos mui profundos
Tenha o Brasil em Vós broquel robusto.
Amigo, protector d'ambos os mundos
Vós só, Vós podeis ser, Senhor Augusto !
E sêde do Brasil, em tal perigo,
O Numen tutelar, o Genio amigo ! —

LXXXIII.

— Acceso em fogo liberal, e ardente
Estas, e outras cousas desta sorte
Dizia este varão sabio, eloquente,
Que só da Patria o bem tinha por norte.
É este da verdade claramente
O magestoso som agudo, e forte.
Oh! felices os reis si em sua vida
Esta lingoagem fosse sempre ouvida !

LXXXIV.

— E logo do governo, povo, e clero,
As representações, todo respeito,
O preclaro varão nobre, e sincero
Depõe nas mãos de Pedro satisfeito :
Recebe o regio Moço ; e não severo
Viu nellas a razão em seu conceito :
Era um povo, que justo se-irritava
Ao ver como o Congresso o-maltractava !

LXXXV.

— Haviam pois de longe penetrado
Previdentes, e sabios, e discretos,
O, em que o Congresso ia fiado,
Em os seus parciaes, arduos decretos.
Supplicavam que Pedro, em tal estado,
Ao Congresso illudisse em seus proje'tos ;
Que os injustos mandatos não cumprisse ;
Que o Brasil não deixasse, e não partisse.

LXXXVI.

— Aqui tambem commemorar pertence
Do Coronel Fontoura o voto honrado ;
Este, reunido ao povo fluminense,
Neste dia, p'ra sempre celebrado,
Em nome do valente Rio-grandense
Do Principe á presença foi levado,
Onde exprimiu sincero, e prazenteiro
O mesmo voto do feliz Janeiro.

LXXXVII.

— Nem aqui deixarei, por deslembados,
Os nobres, os leaes Pernambucanos,
Que valentes, altivos, e animados
Dos mesmos sentimentos soberanos,
Aos seus caros irmãos fieis ligados
Muito mostraram ser americanos,
Ao Principe tambem se-dirigindo,
E nas mesmas idéas se-exprimindo.

LXXXVIII.

— Vendo na liberdade o seu thesouro,
Prenhes destes altivos pensamentos,
Os povos dos sertões tão fartos d'ouro
Tiveram estes mesmos sentimentos ;
Para colherem tão supremo louro
Se-ligaram tambem nestes momentos,
E este voto do povo do Janeiro,
Foi commum ao feliz povo mineiro.

LXXXIX.

— Não foram estes povos que illustraram
Por este tempo os nomes seus sómente ;
Tambem os povos de Goyaz brilharam,
Expressando este voto mais que ardente :
E outros que a seu Principe enviaram
O mesmo voto com ardor vehemente,
Deixaram nesta época de gloria
Sublime nome na paterna historia ! —

XC.

Os applausos, os vivas merecidos,
 Que ao povo Brasileiro amigos davam,
 De amor da Liberdade embevecidos,
 Os estranhos, que assim tanto o-louvavam,
 Cederam seu logar aos mui subidos
 Discursos, que aos seus peitos occupavam :
 E Pedro applausos taes alegre ouvindo
 Da patria a historia assim vae proseguindo :

XCI.

— Vendo Pedro do povo o empenho forte
 Entendeu que fazer sua vontade
 Devia em tal extremo ser seu norte,
 Alem de ser tambem grande equidade :
 Em sua alma pesou do reino a sorte;
 E creu dever firmar-lhe a liberdade ;
 Lampejou-lhe no peito generoso
 Do Cco supremo um raio luminoso !

XCII.

— Quaes convidados om solemnes bodos,
 Que esperam pelos brindes primitivos :
 Taes a resposta, por diversos modos
 Aguardam tantos corações altivos !
 Falla Pedro : — Como é para bem de todos
 Diga ao povo que—FICO.—Os positivos
 Accentos mal que foram repetidos
 Do povo retumbaram nos ouvidos.

XCIII.

— Qual sobre o cadafalso o delinquente,
Que espera n'um momento a crua morte,
E que entrando na praça de repente
Pregoeiro se-vê, que brada forte :
— Perdão —, e assim bradando, immensa gente,
Que via com pezar tão triste sorte,
Solta mil vivas em transporte altivo,
Entregue toda a jubilo excessivo.

XCIV.

— Assim o povo cheio de alegria
Mil vivas nos transportes seus soltava !
O seu Principe amante bemdizia,
Que os destinos da Patria melhorava !
Oh que jubilo extremo ! Oh que energia
Commoção tão sublime revelava !
Que gratos parabens ! Que terno pranto !
Que vivas soltam com prazer tão san'to !

XCV.

— Alli se-congrassaram inimigos
Fazendo renascer nova amizade ;
Da Patria desterravam-se os perigos,
E se-firmava a doce Liberdade ;
Contentes abraçavam-se os amigos,
Era tudo geral fraternidade :
E não havia em tanto ajuntamento
Sinão do bem da patria.o pensamento !

XCVI.

— Sahiu enfim da Camara o Senado
Buscando o paço seu da mesma sorte,
De numeroso povo acompanhado,
Que bem mostrava seu prazer tão forte ;
Por toda parte o povo era arrastrado
Por seu contentamento, e seu transporte :
Deste dia de amor, e flicidade
Não se-exemptou nem sexo, e nem idade !

XCVII.

— Não houve alli um Brasileiro peito,
Que se-negasse ao jubilo sob'rano,
E cada coração mais satisfeito
Via se-afugentar da Patria o damno ;
Só firme em seu rancor, em seu despeito
Se azedava o partido lusitano ;
Pois ha sempre um principio á inimizade
Para empecer de um povo a liberdade !

XCVIII.

— Porem a poderosa Providencia,
Que vela do Brasil sobre os destinos,
Que regula feliz sua existencia
Lançada nos decretos seus divinos,
Baldrá para sempre essa influencia
Dos inimigos do Brasil ferinos :
A nação que protege a Divindade
Marcha segura á doce flicidade !

XCIX.

— Apenas foi do Principe escutada
Esta declaração tão lisonjeira,
Mostrou-se a tropa lusa desgostada,
Quanto gostosa a gente Brasileira:
Deste modo essa tropa alvorotada
Ás armas des d'então corre ligeira :
Per toda parte mostra-se arrogante
Com Jorge d'Avilez, seu commandante.

C.

— Eis logo demissão pede, irritado
Contra os de Pedro votos soberanos ;
Antes de a-receber posta-se ousado
Á frente dos soldados lusitanos ;
Assim o general acompanhado
De dous mil destes lusos veteranos,
Para espalhar da guerra o atroz flagello
Sóbe, e occupa o forte do Castello.

CI.

— Da vasta Nictherohy, depois da entrada,
Vê-se da parte esquerda, ao occidente,
Uma linda planice collocada,
Cujo fundo dilata-se ao poente :
Esta dos Risos singular morada,
D'encantos naturaes mansão ridente,
Pelas graças, que tem, pela belleza
É mimo sem igual da natureza !

CII.

— É um extenso valle o mais formoso
Que extremam serras para os ceos erguidas ;
Estas são que em seu fundo deleitoso
Recortam nesse ponto as avenidas :
Pela frente, e no centro gracioso
'Stão formosas collinas diffundidas ;
Pois si em seu fundo erguidas serras pesam,
Pelo centro as collinas o-embellezam.

CIII.

— Desse fundo alevantam-se entre montes,
Já povoadas, serras ufanosas,
Que aos ceos as crespas, ponteagudas frontes
Ostentam, entre as nuvens, orgulhosas ;
Desses seus cumes crystallinas fontes
Sorrindo se-penduram murmurosas :
São a — Martha, a Tijuca, o Corcovado,
E a Gavea — os recostos desse prado.

CIV.

— Pelo lado do sul vem d'orienté
De montes discorrendo uma cadêa,
Que sempre se-estendendo p'ra o occidente
Com as serras do fundo emfim se-enlea :
Qual capitão, de todos vê-se á frente
O Pão-de-Assucar, que do mar se-altêa :
Sublimidade é todo, e não belleza,
Rocha pyramidal da natureza.

CV.

— Tambem dest'arte se-dilata ao norte
 De montes outra linha em paralelo,
 Que percorrendo alli da mesma sorte
 Forma um largo cordão formoso, e bello ;
 Assim á vista off'recem com transporte
 Dos edificios singular modelo :
 Êstes montes são : — Nheco, Livramento,
 Segue-se Conceição, depois São-Bento.

CVI.

— De todos quatro á frente este é primeiro,
 Que na planura do espaçoso pino
 Tem formoso, e vastissimo Mosteiro
 De sabios monges do immortal Cassino :
 O Conceição é delles o terceiro,
 Que de, hoje, um forte ser teve o destino ;
 E sobre esta montanha alevantada
 Stá veneranda a episcopal morada.

CVII.

— Pelo lado do éste, pelo norte,
 Borda-o de Nictherohy vasta bahia ;
 Esta formosa scena é de tal sorte,
 Que inspira amor, prazer, melancholia!
 De encantos naturaes sublime porte
 Aqui descobre o sabio em cada dia !
 E o mar, que alli recebe tantas fontes,
 Fronteiro ao grande valle espelha os montes !

CVIII.

— Neste valle formoso, edificada
Está Sebastianopolis famosa ;
De serras, e de montes rodeada
Em que se-encosta leda, e primorosa :
Tem a fronte nas agoas retratada
A Princeza do Valle magestosa ;
E dessas proeminencias toda ufana
Domina sobre as agoas soberana !

CIX.

— Sobre a entrada da barra edificára
Um pequeno arraial Estacio outr' hora ;
Mendo depois a gente trasladára
P'ra esse morro, do Castello agora.
Des d'então Villa-Velha se-chamára
O arraial, que á barra alli demora ;
E sobre o morro um templo edificado
A São-Sebastião foi consagrado.

CX.

— Foi este o Orago da feliz cidade,
Que tão rapidamente se-estendêra,
E que cheia de altiva magestade
Per entre os montes seus tanto crescêra :
Desta sorte se-viu já n'outra edade,
Quando do Palatino a fronte erguêra
Roma, elevando torreadas fronte
Soberba se-estender entre seus montes !

CXI.

— Aqui pois notareis praças formosas,
Direitas ruas, bellas, e compridas,
Elegantes arcadas magestosas
Per onde as agoas descem conduzidas ;
Montanhas, e collinas graciosas
De bellos edificios opprimidas ;
Os suburbios mais gratos, e mais bellos
Das graças, e prazer magos desvelos !

CXII.

— É a cidade em duas dividida,
Tendo no centro o Campo de Santa Anna ;
Na vasta parte, sobre o mar erguida,
Ergue a primeira a frente soberana ;
Na parte para o centro distendida
A segunda, que é nova, hoje se-explana :
É pois esta a cidade do Janeiro,
E capital do reino Brasileiro.

CXIII.

— No centro da cidade primitiva
De Santo-Antonio o monte se-levanta,
Aonde antiga devoção tão viva
Convento lhe-erigiu, que a vista encanta ;
Não longe deste monte a frente altiva
Outro monte espaçoso se-agiganta.
Pois sobre a praia se-dilata bello
O vastissimo Morro-do-Castello.

CXIV.

— Assenta-se sobr'elle um forte antigo,
 Que outr' hora se-chamou de San'Thiago,
 Que a cidade das furias do inimigo
 Salvar podesse de funesto estrago :
 Sobre o monte, não longe deste abrigo,
 Inda a igreja se-vê do Sancto Orago :
 E este monte domina altivo, e ufano
 A cidade, a bahia, o oceano !

CXV.

— Estava não guardado o antigo forte,
 Quando vae d'Avilez dos seus á frente,
 E sem que as armas decidisse a sorte,
 O toma logo com furor vehemente ;
 Já nesse cume então negreja a morte
 Sobre a subjeita, circumfusa gente :
 Alvorota-se o povo, ouvem-se alarmas,
 E de todos os lados corre ás armas.

CXVI.

— Ponderae em que aperto então se-achava
 Vendo-se em tão crueis vicissitudes,
 Um povo, que té 'li se-gloriava
 Da paz, e de pacificas virtudes !
 E com justa razão já se-julgava
 Dos inimigos seus entre as mãos rudes ;
 Pois já entregue á tal ferocidade
 Via o ponto melhor desta cidade !

CXVII.

— Em taes consternações, taes desatinos
O povo delirante, e já sem norte
Corria, sem saber dos seus destinos,
Temendo da cidade pela sorte !
Troavam duros sons de agudos sinos
Dando rebate em echo triste, e forte :
Os homens pelas ruas discorriam,
E para o mesmo ponto concorriam !

CXVIII.

— Desoladas as mães tristes choravam
Temendo pelos filhos tão queridos !
As constantes esposas pranteavam
Temendo pela sorte dos maridos !
Amigos, e parentes vacillavam
Por parentes, e amigos insoffridos !
Tudo pois neste lance receava,
Nem-um porem da guerra se-escusava !

CXIX.

— No Campo de Sant'Anna em um momento
Reuniu-se este povo do Janeiro ;
Dirige alli seu nobre pensamento
Pedro, que tem um coração guerreiro :
Frustrar do d'Avilez tão impio intento
Aqui procura o povo Brasileiro ;
E prestes cada um em tal perigo
Se-apresta contra tão fero inimigo !

CXX.

— As ruas, e as praças da cidade
 Já de seus cidadãos estavam nuas,
 Tanto da dos soldados crueldade
 Temia ver o povo as scenas cruas !
 Cheia de uma guerreira actividade
 A tropa do Brasil rondava as ruas ;
 Mas tão poucos soldados se-contavam,
 Que apenas para isto só chegavam.

CXXI.

— No entanto se-empenhar n'uma peleja
 Entre o povo, e o luso amotinado
 O mui prudente Pedro não deseja ;
 Não porque tema della o resultado,
 Que o povo impaciente a guerra almeja ;
 Poupar porem intenta acautelado
 Uma scena funesta, e dolorosa
 De uma guerra civil tão desastrosa. »

FIM DO CANTO IV.



CANTO QUINTO.

CANTO V.



ARGUMENTO.

Rondas de portuguezes, e de brasileiros. Insultos. Varios encontros. O Braguez, soldado lusitano. Nunes, e Gonzaga, brasileiros. Duello de Gonzaga, e do Braguez. Morte de Gonzaga. Desafio do Braguez. Visão de Nunes; seu sentimento; seus desejos. Chega a noute; os viandantes buscam pousada; Interrompe D. Pedro a narrativa. O Despotismo: desce elle aos Infernos a pedir o soccorro das potencias infernaes contra o Brasil. O Inferno; sua entrada. Logar dos condemnados. Supplicios. Os reprobos. O Pan-demonio. Morada de Satan. Satan, e seus attributos. Entra o Despotismo nos Infernos; sua proposta. Chama Satan os demonios a Concilio.

CANTO V.

—

I.



AGUEAVAM nas ruas do Janeiro
Catervas de soldados lusitanos
Barateando ao povo Brasileiro
Ameaças, insultos deshumanos ;
Entre todos crescia o ardor guerreiro ;
Pendiam imminentes negros damnos :
Os partidos assim se-escandeciam,
E ás armas ardendo ambos corriam.

II.

— Cresciam sem cessar tantas penurias,
Iam a mais os animos impios ;
D'ambos os lados se-desatam furias
Em mil provocações, mil desafios ;
Desta sorte appellavam das injurias
P'ra as rixas terminar da espada o fios ;
E nestas luctas horridas, e fortes
Derramava-se sangue, havia mortes !

III.

— Entre os usos soldados existia
Um soldado possante, e valeroso ;
Forte, cheio de ardor, e d'energia
Era nas armas dextro, e corajoso ;
Até aquella idade não havia
Quem lhe-levasse a palma venturoso :
Na cidade de Braga era nascido,
E por—Braguez—por isso conhecido.

IV:

— Era homem p'ra muitos. Militado
Nas guerras da Penins'la muito havia ;
E sempre da fortuna corôado
Do ardente esforço de dez homens ria.
Nas luctas em que entrava confiado
Era grande o estrago que fazia ;
Ninguem co'armas eguaes se-apresentava ;
Tal terror o seu nome ora inspirava !

V.

— Havia entre os soldados Brasileiros
Dous jovens bravos de valor ousado ;
Da molle infancia amigos verdadeiros,
Quasi sempre um do outro estava ao lado ;
Tinham de ricos paes, os sós herdeiros.
No mesmo dia ás armas abraçado :
Ambos ardentes de immortaes renomes,
Gonzaga, e Nunes, eis-aqui seus nomes.

VI.

— Ambos nascidos n'uma só cidade,
 Ambos não tinham mais que um só intento ;
 Ambos do mesmo porte, a mesma idade,
 Tinham ambos o mesmo pensamento :
 Ou havia uma só humanidade,
 Que dous esp'ritos reguem n'um momento ;
 Ou eram corpos dous, que em doce calma
 Sempre regia virtuosa uma alma !

VII.

— Era o moço Gonzaga descendente
 De pacs d'Europa : bello era e formoso :
 De Nunes veiu a avó d'Africa ardente,
 O avó d'Europa : lindo era, e garboso ;
 Dest'arte tinha a cutis o accidente
 Entre o branco, entre o preto duvidoso :
 Era Gonzaga branco, e na presença
 Havia entre elles esta só differença !

VIII.

— A fama do Braguez então corria
 Causando a todos desusado medo ;
 De batel-o em desejos todo ardia
 Gonzaga ; isto porêem era em segredo :
 Este mesmo desejo se-accendia
 No coração de Nunes manso, e quedo :
 Cada qual cobiçava esta victoria,
 Pois que ganhá-a um só seria gloria !

IX.

— Entretanto o Braguez, que bem sabia
Dos inimigos séus a má vontade,
Em desejos tambem fervendo ardia
De exp'rimtar dos dous a habilidade;
Assim a bom recado discorria
Com os seus pelas ruas da cidade ;
Corriam pelas boccas dos soldados
Os tres nomes, da fama acompanhados.

X.

— Sendo de uma patrulha commandante
Gonzaga na cidade então rondava ;
Tinha descido a noute, e flagellante,
Que calorosa os corpos abrasava :
Nesta noute o Braguez, sendo rondante,
Tambem outra patrulha commandava :
Depois que varios pontos percorreram
A um ponto da cidade concorreram.

XI.

— Nas faldas do Castello era sómente
Onde rondava a tropa lusitana,
Era alli mesmo aonde abertamente
Perpetrava seus crimes toda ufana :
Foi alli que Gonzaga tão valente,
E o Braguez de força mais que humana,
Em frente das patrulhas se-encontraram,
E com insultos mil se-provocaram.

XII.

— D'alli desafiados partem logo
Para os suburbios, cheios de fereza ;
Onde vão decidir em marcio jogo
Seu extremo valor, sua afouteza.
Prenhes de ardor, de animo, e de fogo
O monte sobem da feliz Thereza ;
Seu convento, que em ermo alli se-entranha
Se-chama do Desterro, ou da Montanha.

XIII.

— Traz comsigo o Braguez vinte guerreiros
Valentes destemidos, bem armados ;
Outros tantos soldados Brasileiros
Traz Gonzaga ; são moços mais que ousados.
Todos elles procuram ser primeiros
Nos perigos, a gloria devotados ;
Mas Gonzaga, e o Braguez, que aqui se-viam,
Um do outro da vinda não sabiam.

XIV.

— Levando estes guerreiros das espadas
Começam-se a bater com mil proezas ;
São eguaes as funestas cutiladas,
Egual o esforço, eguaes as gentilezas !
Cada qual tendo as forças empenhadas
Obra prodigios mil de mil bravezas ;
E bem mostram nos brios mais que humanos
Que Brasileiros são, são lusitanos !

XV.

— Cahe no entanto um soldado lusitano ;
E logo dous soldados Brasileiros
Batalha, com esforço sobre-humano,
Offrecer a um só luso vão ligeiros ;
Mas este com aspecto altivo, e ufano
Prompto recebe firme os dous guerreiros ;
E vindo os tres ás mãos, n'um forte embate,
Trava-se entre elles desigual combate.

XVI.

— Pouco tempo suster os dous poderam
Os golpes do terrivel lusitano ;
Ambos logo feridos pereceram ;
E elle vòa a entornar mais sangue humano !
Aquelles, que depois se-lhe-opporeram
Soffrendo vão dest'arte o mesmo damno :
Já ninguem se-lhe-oppõe, temendo o risco ;
Pois tem na espada a força do corisco !

XVII.

— Assim com tal valor desesperado
Caminha o lusitano, e tudo estraga ;
Quando um guerreiro se-lhe-encontra ousado :
Com forte voz, que ao coração esmaga :
» Quem se-oppõe ao Braguez ? » pergunta irado.
Dice. E brada-lhe o outro então » Gonzaga !
E mal suas palavras atroaram,
Suas terriveis armas faiscaram !

XVIII.

— Qual estrondosa, e rapida torrente
Do cume de montanha despenhada,
Que tudo leva em borbotões, vehemente,
Com impeto mugindo arrebatada ;
Que no meio das furias de repente
N'um rochedo eternal bate estacada ;
Tal o fero Braguez, que tudo estraga,
Alli pára, sustido por Gonzaga.

XIX.

— Nos de Piratinin campos extensos
Ardendo em suas iras, e zelosos,
Dous bravos touros em furor intensos
Arremetter não sabem mais furiosos !
São seus golpes seguidos, são immensos,
Veloces seus manejos valerosos :
E quando um golpe pavoroso soa,
De uma p'ra outra espada a morte voa !

XX.

— No entanto os combatentes suspendido
Tinham aqui o furioso embate,
P'ra prestarem dest'arte mais sentido
A tão horrivel, singular combate !
Ergue o ferro em furores incêndido
Gonzaga, que cortar tenta o debate,
E descoberto, quando um golpe dava,
O Braguez em seu peito o ferro crava !

XXI.

— Já ferido de morte, não sentido
 Do fim da vida o horrído perigo,
 Apezar de morrendo ir já cahindo,
 Morrendo inda é terrível inimigo !
 Co'a fulminante espada o ar abrindo,
 Lança um golpe, chamando o ausente amigo :
 Fraquêa então, vacilla, cahe, suspira :
 » Nunes, Nunes... vin... gan... ça... » Dice, e expira !

XXII.

— Apenas este heroe cahiu sem vida
 Decidiu-se a victoria neste instante :
 Buscam os seus salvar-se na fugida,
 Deixando o lado opposto triumphante ;
 A um dos já levados de vencida
 Prisioneiro o Braguez faz arrogante,
 E o-leva em prazeres todo absorto
 Até onde Gonzaga estava morto.

XXIII.

— Manda que tire o triste prisioneiro
 A farda de Gonzaga, sem tardança :
 » Leva (diz) ao valente Brasileiro,
 Nunes, o vosso heroe, vossa esperançal...
 E diz-lhe, que seu bravo companheiro
 Morrendo lhe-legou sua vingança ;
 Vingue-o pois, desprezar deve o perigo ;
 Mostre-se de Gonzaga digno amigo. »

XXIV.

— » Sim, vingado será, Braguez, descança ;
 Mui curtas te-serão taes alegrias....
 Louvo-te assás : sobrado és na pujança...
 A Gonzaga só tu vencer podias ;
 Mas ah!... teme de Nunes a vingança...
 (Vendo nelle um sorriso) Não te rias!... »
 » Eia, apressado vae. Não te-recuses
 Da missão. Dou-te a vida, e não abuses! »

XXV.

— No quartel neste instante descançado
 Nunes sobre uma barra então se-achava;
 Quando um tremor de terra inusitado
 Do quartel as paredes abalava !
 Nunes, entre dormindo, entre accordado,
 Com seu ausente amigo então sonhava ;
 E viu, sonhando a sala esclarecida
 Por pallido clarão estranho á vida !

XXVI.

— Gonzaga ante seus olhos se-apresenta
 Tão fero, como quando combatia !
 No peito, onde inda as furias apascenta,
 Gotejante ferida um ferro abria !
 Co' a sinistra mostral-a ao amigo intenta ;
 Coberto está do sangue, que vertia;
 E, co' a dextra de sangue salpicada,
 Depõe aos pés do amigo a illustre espada !

XXVII.

» Adeos. » Dice : e se-some de repente
 O carrancudo spectro ensanguentado ;
 Nunes se-erguendo afflicto, incontinente
 Baldo busca a visão meio-assombrado...
 Não sabe, tendo embarçada a mente,
 Si inda dorme, ou se-está todo accordado :
 Esfrega ambos os olhos vagaroso,
 Passa a mão sobre a testa duvidoso.

XXVIII.

— Si acaso é certo quanto tem se-ouvido
 É fama que a visão fôra sentida
 Na hora em que Gonzaga, mal ferido,
 Entre as mãos do Braguez perdêra a vida !
 Pouco tempo depois espavorido,
 Ensanguentado, e a cara denegrada
 De pó, pelo quartel entra ligeiro
 Vindo do monte o triste mensageiro.

XXIX.

— Narrou o nuncio afflicto, e lacrymoso
 A Nunes de Gonzaga toda historia . .
 » E morreu combatendo valeroso ? »
 » Sim! Morreu... e morreu cheio de gloria!... »
 » Te-invejo a morte, ó joven corajoso !
 Consagrada será tua memoria :
 Juro perante Deos, serás vingado. »
 Dice ; e beija o vestido ensanguentado.

XXX.

— Vinha a luzente aurora despontando
Quando Nunes, o illustre Brasileiro,
O monte do combate ia galgando,
E seguido do mesmo mensageiro :
Vendo do amigo o corpo miserando
Vel-o não pôde o impavido guerreiro...
Recua então um tanto espavorido,
Quasi sem tino pela dôr transido !

XXXI.

— Junto delle cahiu de dôr cortado,
Tal era a dôr, que o peito lhe-affligia !
E apertando o corpo ensanguentado
Uma palavra só não proferia !
Em terriveis angustias suffocado
Em pranto unicamente se-exprimia :
E carpindo do amigo a crua sorte
Lhe-inveja o fado, lhe-deseja a morte !

XXXII.

— Nem tão grandes tormentos padecêra
Si fôra a sua hora então chegada ;
Pois que por suas mãos alli morrerá
Sobre a ponta de sua heroica espada ;
Mas essa vida, que tal dôr soffrêra,
Está p'ra um grande feito reservada ;
Tem que vingar do amigo a morte crua,
E por isso lhe-é cara a vida sua !

XXXIII.

— Deixa correr as lagrymas no entanto,
Nunes, esse signal da humanidade !
Chora, que d'um heroe o terno pranto
Jamais póde offender a heroicidade !
Exprime um sentimento terno, e san'to
De constancia, de amor, e de piedade :
Sobre o corpo do amigo, amigo chora,
Que Alexandre chorou, e Cesar outr'hora !

XXXIV.

— Mas suffocando n'alma a dôr molesta,
Exclama, como heroe, ardidamente :
« Não : morreu, como heroe ! vingal-o resta,
E vingado será mui dignamente ! »
Fallou : e do que dice aos Ceos attesta ;
E beija o frio corpo reverente !
Corta um tronco depois, e cruz formando,
Crava onde é morto o amigo miserando !

XXXV.

— Seguido de seus bravos camaradas
Leva o corpo do amigo á sepultura :
As honras funeraes são celebradas,
Honras bem dignas de uma tal bravura !
Oh das guerras civis tão desastradas
Scenas de tanto horror, tanta amargura !
Recebe, e guarda pois, ó terra fria,
Um corpo, que guardou tal valentia !

XXXVI.

— Correu pois pela bocca dos soldados
De Gonzaga infeliz a triste sortè :
Alguns invejam tão illustres fados,
Deploram outros tão horrivel morte.
O nome do Braguez aos mais ousados
Té chegava a causar receio forte !
Só Nunes desprezando um tal perigo
Vingar determinava o morto amigo !

XXXVII.

— Vae, pranteado moço, á sepultura,
E deixa a nós a fama tão notoria :
O Brasil teu valor, tua bravura
Hade grato guardar na sua historia !
Do tempo a lima atroz, sempre tão dura
Fiel respeitará tua memoria ;
E por ti o Brasil sempre amoroso
Hade teu nome repetir saudoso !

XXXVIII.

— Assim em tão viçosa mocidade
Tanto ardor, tanta fama, e valentia,
Tanta esperança, tanta heroicidade,
Acabaram com elle em um só dia !
Oh das guerras cruel necessidade !
Oh das guerras funesta tyrannia !
Cahido em sua atroz, fatal voragem,
Assim pois acabou tanta coragem!...,.

XXXIX.

— Já lá do cume do mais baixo monte
Descahe o frouxo sol, e desmaiado
No nebuloso, frigido horizonte
Seus raios esconder vae apressado.
D'erguer começa a noute a negra fronte
Com seu ar pavoroso, e carregado :
Convem pois darmos tregoa á jornada,
E demandarmos commoda pousada.

XL.

— Mal que a fagueira, melindrosa aragem
Sobre o prado embalar dormentes flores ;
E a linda aurora a nitida plumagem
Pelos ceos desdobrar com varias cores,
Proseguir tornaremos a viagem,
Recebendo de vós estes favores ;
Attentos recolhendo na memoria
Desta terra tão nova a nova historia ! —

XLI.

Para encontrarem um feliz repouso
Aqui a sua historia o heroe cortava :
É fama deste tempo tão famoso
Que um dos dous a quem elle isto contava
Era um Principe sabio, e poderoso,
Que para se-instruir só viajava :
De seu nome o segredo a Pedro coube ;
Elle o não dice, ninguem mais o-soube.

XLII.

Em quanto nesta noute o heroe dormia
 Das fadigas diurnas descançando,
 De iras pejado o Inferno se-reunia
 E seu plano feroz ia traçando.
 O Congresso os dictames seus seguia :
 O Brasil á ruina ia marchando ;
 E o Despotismo acceso em seus furores
 Para seus planos ajuntava horrores!

XLIII.

Ha no Inferno demonios só votados
 Á perdição da triste humanidade,
 Os quaes em varias fórmas disfarçados
 Teem pelo mundo inteiro liberdade :
 Á perdição dos homens devotados,
 De continuo os-aptam da verdade ;
 Estes esp'ritos entre nós residem,
 E no mundo as paixões impias presidem.

XLIV.

Eram pois da terceira jerarchia
 Anjos outr' hora para o ceo creados ;
 Foram, castigo a insana rebeldia,
 No Erebo p'ra sempre despenhados :
 Para aos homens tentarem noute, e dia
 Crearam mil paixões, desesperados :
 E o nome cada um tem furibundo
 Da paixão, que creou p'ra o mal do mundo.

XLV.

Surgiu dest'arte pois do negro Abysmo
Essa caterva, que só mal respira ;
São : a Discordia, o Odio, o Despotismo,
A Vingança, Anarchia, a Guerra, a Ira,
A Intriga, a Falsidade, o Servilismo,
Hypocrisia, Ingratidão, Mentira,
E outros muitos, que com esforços rudes,
Sempre se-oppoem ás candidas Virtudes !

XLVI.

Aquelle, que é chamado Despotismo
É o monstro mais impio, e mais sangrento
De todos os espiritos do Abysmo ;
É todo seu prazer, é seu contento
Ver o mundo em horrivel paroxysmo ;
Nelle não ha senão damnado intento ;
Folgára em ver a humanidade exangue,
Os homens devorar, beber seu sangue.

XLVII.

Tinha visto com dor o esp'rito immundo
Elevado o Brasil a um ser ditoso,
Quando outr' hora feliz, bello no mundo
Assomou, como reino esperançoso.
Quando viu esse esp'rito furibundo
Deixar o seu Brasil João saudoso,
Confiado se-ergueu, de collo intono,
Para outra vez alli sentar seu throno.

XLVIII.

Porém não cria seu poder bastante
Para tamanha, e arriscada empreza ;
Ruminando esta idéa em si constante,
Na exagerada mente, em fogo' accessa,
Bem viu que p'ra levar seu plano avante
Mister lhe-era do Inferno a fortaleza ;
E, p'ra ter seu soccorro, pressuroso
Vae conjurar o Orco pavoroso.

XLIX.

Sagrado ao soffrimento, á dôr, ao pranto,
Á desesperação, á crueldade,
Ha um feio logar de horror, e espanto ;
Nos dominios não está da humanidade !
Saber ao homem não é dado, em tanto,
Segredos, que só sabe a Divindade !
Não se-sabe onde elle é, mas elle existe,
Pavoroso, medonho, escuro, e triste !

L.

Neste esqualido antro abhorrecido,
Depois que, Satanaz o fulminado,
Nas planices do Ceo se-viu vencido,
Dos esp'ritos reveis acompanhádo,
Das bellezas do Ceo destituido,
Á sempiternas penas condemnado,
Cahiu ferido pela Mão do Eterno ;
E esse negro logar chama-se Inferno.

LI.

É esta estancia um subterraneo immenso,
De um só negro rochedo guarnecido ;
Ou antes creras, vendo-o tão extenso,
Que o negro alcáçar nelle foi fundido !
Acceso decontinuo em fogo intenso
Deixa o espaço entre si todo incendiado !
Não existe outra luz neste negrume
Além d'quella do sulphureo lume !

LII.

Escala longamente este penedo
Uma comprida, dilatada fenda,
Que dividindo alli todo rochedo
De porta serve da morada horrenda.
Sobre a aberta, que inspira eterno medo,
Em negras letras ha, como legenda,
Este lettreiro triste horrivelmente :
—Entrae... e padecei eternamente!—

LIII.

Não tem umbral, nem porta, e nem soleira,
Só a entrada lhe-vela a Omnipotencia :
Eterno guarda da infernal barreira
Um demonio aqui dura em permanencia ;
E quando dessa fenda assoma á beira
Perdida para os ceos nova existencia,
Exclama o guarda triste, e alegremente :
— Entrae... e padecei eternamente. —

LIV.

Divide-se este espaço immensuravel
 Em pavorosos mil antros longuissimos ;
 É cada um theatro lamentavel
 De dolorosos quadros, e tristissimos !
 Dá cada um a scena deploravel
 Dos infernaes supplicios horridissimos :
 Aqui os miserandos condemnados
 Pela ira de Deos, são despenhados.

LV.

Padecem n'um os Papas, que perderam
 A face do Senhor pelos seus erros ;
 Os que em sua missão tão mal se-houveram,
 Rebeldes corações, crueis, e perros ;
 Os que ás cousas do Ceo não attenderam
 Amando o mundo com tão vis aferros,
 Cuja vida foi cheia só de horrores,
 Da palavra de Deos abusadores.

LVI.

Os que devendo amar a humanidade
 Desgraças espalharam sobre a terra ;
 Que propagar devendo a Christandade,
 Que dos homens o bem mais doce encerra,
 Desterraram a paz, e amizade
 D'entre os monarchas, inflammado a guerra :
 Que em vez de serem nuncios da verdade,
 O-foram só do crime, e da maldade !

LVII.

Repentino clarão brilha no espaço,
E os-enche de esperança, e algum contento...
Some-se logo este clarão escasso,
Foge a esperança, eleva-se o tormento :
No meio deste horrivel embarço
Esperam, desesperam n'um momento !
Crêem inda, e não crêem o Ceo amigo ;
E este é nos Infernos seu castigo !

LVIII.

Seguem-se n'outro antro os reis da terra,
Que perversos, que cheios de maldade
Deixaram nome, que inda hoje aterra,
Inquinado da torpe iniquidade ;
Que tudo desolaram pela guerra
Com negra tyrannia, e crueldade !
Que no bem de seus povos não cuidaram,
E com seu ferreo sceptro os-esmagaram !

LIX.

Estes inda n'um throno estão sentados,
De ardente rocha sobre o ar suspenso ;
Estão a todo instante ameaçados
De baquearem nesse espaço immenso !
Neste tormento arquejam coroados
De um plumbeo diadema, grosso, extenso !
E tal tortura, sempre dolorosa,
Lhes-recorda essa vida criminosa !

LX.

Seguem-se após os ímpios, que no mundo
Só nas injustas guerras se-occuparam ;
Soffrem horrivel sede, ardor profundo,
Somma immensa das sedes, que causaram !
Se-espreguiça a seus pés um rio immundo
Das lagrymas, e sangue que entornaram ;
Mas nem beber lhes-cabe em tal flagicio,
Eis dos conquistadores o supplicio !

LXI.

Alli os sacerdotes, que inverteram
A tão grande missão, e que malvados
Mil crimes espantosos commetteram !
Estes a horrendas penas condemnados,
Em proporção dos males, que fizeram,
Estão dos mais precitos apartados !
A estes, nem vislumbres de esperanças,
Nem trégoas, nem allivios, nem bonanças !

LXII.

Destes latibulos no medonho interno
Gemem os outros réprobos malditos,
Que alta justiça do Senhor Eterno
Nestes horrores despenhou proscritos !
Aqui padecem no medonho Inferno,
Por seus horrendos barbaros deli'tos,
Os que ao Deos Creador desconheceram,
Que a Natureza, e aos homens offenderam !

LXIII.

Soffrem falsos, que perfidos juraram ;
Os que pela ambição sempre arrastados
Os dias do Senhor nunca guardaram ;
Esses filhos ingratos, e malvados,
Que iniquos a seus paes desrespeitaram ;
Os impios assassinos detestados ;
Os que peccaram no adulterio feio ;
Os que tomaram, como seu, o alheio.

LXIV.

Acham-se aqui tambem os que peccaram,
Como infandos, crueis calumniadores ;
Os que alheias mulheres desejaram
Aos seus infames, sordidos amores !...
Os que dos bens estrangeiros cobiçaram
Fazerem-se, com escandalo, senhores :
Padece aqui toda alma impia inimiga
DOS MANDAMENTOS DEZ da lei antiga !

LXV.

Estes, que os DEZ preceitos transgrediram
Inimigos de Deos são reputados ;
Des que a face de Deos irosa viram,
Quando outr' hora no ceo foram julgados,
No teterrimo antro em que cahiram
Vagueam entre horrores assombrados ;
Lhes-finge a todo instante insano medo
As fronte lhes-quebrar forte rochedo !

LXVI.

Padecem inauditos mil tormentos,
 Que findam, que são logo renovados,
 Os malditos, nefarios avarentos,
 A todos os supplicios condemnados !...
 Seus horridos, crueis padecimentos
 Nem podem ser apenas calculados ;
 Parece que demonios mil estudam
 Novas penas que dão pelas que mudam !

LXVII.

Sim ; porque esta da terra turma ingloria
 Confiada em falliveis bens mundanos,
 Tão precarios na vida transitoria,
 Commettem mil peccados mais que insanos,
 Sem esperança, gosto, amor, e gloria,
 Causando a si, aos seus, e aos outros damnos ;
 Si os demonios aqui ao dó se-déssem
 Talvez que destes compaixão tivessem.

LXVIII.

Soffrem n'outra caverna impios horrores
 Os juizes venaes, que mal-serviram
 Seus cargos, onde foram concussores :
 Os que orphãos, e viuvras perseguiram,
 E da innocencia os ferreos oppressores ;
 Notarios, escrivães, que mal-cumpriram
 A publica missão, e de cobiça
 Venderam, por dinheiro, a sã justiça !

LXIX.

Negros supplicios destes são contados
Em proporção dos males, que causaram ;
E não páram ; depois são augmentados,
Pois que os males que hão feito se-augmentaram ;
São tão enormes destes condemnados
Os males, que seus crimes motivaram,
Que quasi aqui egualam seus tormentos
Aos supplicios dos impios avarentos !

LXX:

Gemem não longe destes os trahidores,
Que depois de sagrados juramentos
Sacrificaram seus fieis amores
Ao abandono, á dor, pena, e tormentos !
Com estes tambem soffrem mil horrores
Os que com ambição, com vis intentos
Com imigos da patria se-intreteram,
E á estes a patria, e o rei venderam.

LXXI.

Aquelles de continuo vagueando
Veem em torno uma sombra desolada,
Gemendo amargamente, e pranteando,
Como á cruenta dor abandonada ;
É um triste phantasma, que ululando
Lhes-simula essa amante desgraçada ;
Cada um busca a sombra em que se-enleva,
E, crendo a amante ser, abraça a treva.

LXXII.

Estes impios que a patria derrotaram
Gemem cercados de crueis esp'ritos ;
Creem as victimas ser, que assassinarão,
Das quaes escutam os carpidos gritos !
Em cada pena, as penas que causaram
Redobram os tormentos infinitos ;
E elles, cheios de rancor profundo
Bravejam contra a vida, e contra o mundo.

LXXIII.

Gemem n'outro recesso os que negaram
A Deos, ou Providencia, ou a Equidade
D'esse Ser, que no mundo não acharam
Perante do universo a magestade.
Seus crimes no Inferno os-obrigaram
A procurarem nessa immensidade,
Nesse espaço, que só males encerra,
O Ente, que negaram sobre a terra.

LXXIV.

Oh grandeza de Deos ! Oh Sapiencia !
Aquelles, que ante a immensa Natureza
Negaram a Suprema Omnipotencia,
Na morada do horror, e da tristeza,
Onde o dó não existe, e a paciencia,
Acreditam no Immenso, e na grandeza
De um Ser, que em vão procuram lá no Averno,
Que negaram na terra, o Ser Eterno.

LXXV.

Cada um dos hypocritas malditos,
 Cada um dos phanaticos malvados,
 Em torno ao ventre, em premio dos deli'tos,
 Tem um dragão com olhos inflammados ;
 E quando estes veneficos esp'ritos
 Apertam os seus ventres abrasados,
 Neste horrivel supplicio, e tão pungente
 Blasphemam contra Deos horrivelmente.

LXXVI.

Ha inda outra caverna, que se-chama
 A — caverna dos grandes condemnados : —
 Importuno clarão continuo a-inflamma ;
 É ella a dos primeiros scelerados !
 Aqui eterno pranto se-derrama ;
 Soam chorosos gritos abafados !...
 E quando echoam tantos ais vehementes
 Sibilam crespas turgidas serpentes !

LXXVII.

Aqui padece o matador primeiro,
 Que contra o irmão inerme a dextra alçára :
 É este o dos Infernos pregoeiro,
 Des de que nestes antros baqueára.
 Seu funesto pregão é verdadeiro,
 Oh! quem no mundo o-ouvira, e aproveitára!...
 » Ai d'aquelles, que a Deos nunca temeram
 Que contra Deos mil crimes commetteram ! »

LXXVIII.

Soffre não longe desta o infanticida
A pena dos horrores lastimosos,
Que injusto, e impio commetteu na vida !
Esse quadro, entres trassos temerosos
Se-renova ante os olhos do homicida,
Que esbraveja com gritos horrorosos ;
E a todo instante esturgem-lhe os ouvidos
Mil lamentaveis, infantis vagidos.

LXXIX.

Mas nesta triste estancia denegrída,
Onde milhões padecem de malvados,
Não se-encontra sequer um parricida,
Como tal, entre tantos condemnados !
É que nessa morada abhorrecida
De tantos infieis desesperados,
Apezar dos extremos da maldade,
Não se-crê tanto horror na humanidade !

LXXX.

Estes tristes em males submergidos,
E mergulhados neste horror profundo,
Apezar dos castigos merecidos,
Não se-esquecem da vida, e nem do mundo.
Alguns lances da vida os mais floridos
A mente inda lhes-vem de um ar jucundo,
E tal recordação no Orco assombroso
Torna o supplicio seu mais doloroso.

LXXXI.

Ha d'espaco em espaco alguns momentos,
 Em que as Furias dão treguas aos supplicios ;
 Em quanto se-suspendem os tormentos
 Os reprobos se-lembram de seus vicios,
 Os seus horrores, seus crueis intentos,
 Os males, que causaram, e flagicios ;
 E, durante este espaco lastimoso,
 Ha no Abysmo um silencio duvidoso.

LXXXII.

Nisto um grande demonio, em forma d'ave,
 Lançando-se no espaco sem-medida,
 Ergue um adejo do infernal conclave :
 De uma fauce espaçosa, e denegrída
 Arrevessa uma voz medonha, e grave,
 Que n'amplidão do Abysmo faz-se ouvida :
 »Ai d'aquelles, que a Deos nunca temeram,
 »Que contra Deos mil crimes commetteram !

LXXXIII.

»Ai d'aquelles crueis, que empedernidos
 »Contra o Ceo tão soberbos attentaram !
 »Ai d'aquelles crueis, que endurecidos
 »Seus detestandos crimes não choraram !
 »Ai d'aquelles, que os crimes denegridos
 »Com justa expiação nunca lavaram !
 »Ai dos malvados todos d'universo !
 »Ai... dos que teem um coração perverso ! »

LXXXIV.

Apenas emmudece a voz pesada,
 Veem se-enfiando amargos mil momentos,
 Que formam essa hora exasperada
 Em que as Furias requintam seus tormentos.
 Ouve-se então na lobrega morada
 Mais gemidos, mais ais, e mais lamentos :
 Satan os-ouve, folga... elle estremece ;
 E de seu peito um ponto se-entenece !

LXXXV.

Nem todos os demonios, que cahidos
 Do Ceo, foram no Inferno despenhados,
 Se-encontram nestes antros confundidos
 Com estes miserandos condemnados!
 Estes pois que os-flagellam desabridos,
 Por um nome geral são nomeados ;
 Elles vencem os mais altos esforços,
 E seu nome em geral é de—Remorsos !—

LXXXVI.

O tormento maior dos condemnados
 Nesta estancia de dôr, e d'agonia,
 É se-crerem p'ra sempre separados
 Da face do Senhor, da luz do dia !
 De ver a Deos anhelam... (desgraçados!...)
 N'um instante sequer essa alegria !
 Jamais deste desejo se-descasam,
 E eis o maior fogo em que se-abrasam !

LXXXVII.

Sem remissão alguns se-creem perdidos!...
 Oh desesperação ! peor tormento
 De quantos acolá são inflingidos !
 Alguns (incertos) creem lá n'um momento
 E ás vezes esperam ser remidos ;
 Mas este tão cruel padecimento
 Inda os Anjos não sabem quando acabe :
 É segredo de Deos, só Deos o-sabe !

LXXXVIII.

Destas furnas um tanto separada
 Uma immensa caverna vê-se aberta ;
 Toda, alem de seu ádito abafada
 Por sombras de uma noute um tanto incerta,
 Como que toda fôsse allumiada
 Por fraca luz em trevas encoberta !
 E este espaço ao susto, ao medo idonio
 É o logar chamado o—Pan-demonio—.

LXXXIX.

Serpes immensas 'stão amontoadas
 No meio deste alcáçar tenebroso,
 Que formam sobre si enrodilhadas
 Uma especie de throno temeroso ;
 São estas torvas vib'ras assanhadas
 Negros degráos de um torpe solio odioso ;
 Sobre o extremo degráo mais enroscado,
 O terrivel Satan vela assentado.

XC.

Estas medonhas, horridas serpentes,
São de diversa cor, varios tamanhos,
Nas formas de seus corpos differentes,
Deseguaes nos terrificos assanhos ;
São infernaes esp'ritos permanentes
Alli, e ao resto do Abysmo estranhos :
Cada um representa alli um crime ;
Eis o throno do monstro, que os-opprime.

XCI.

Está o throno inaudito recostado
Sobre um vulto, que é arv're n'apparencia ;
Seu triste verde-escuro é chamuscado,
Enche de horror a inferia residencia ;
Copia da que no Eden abençoado
Chamára Deos a arv're da Sciencia;
É tropheo de-Satan neste abandono,
Sua cópa é docel do negro throno !

XCII.

Sobre o solio de crimes construido
O tremendo Satan tem seu assento ;
Seu rosto é algum tanto denegrado,
Mas ainda formoso algum momento.
Tem a vista vivaz, o ar compungido,
Como signal de interno sentimento :
É um tanto bem feito, um tanto brusco,
Entre branco, entre pallido, entre fusco.

XCIII.

Lampejam os seus olhos abrasados
N'uma sulphurea chamma desmaiada,
São elles, que derramam inflammados
Esse incerto clarão nessa morada ;
Seus membros algum tanto agigantados
Tornam sua estatura agigantada ;
O dorso colossal as azas prende
Tão negras, como a noute, si as-estende.

XCIV.

Neste triste composto ha de mistura
Um tanto de altiveza, e de humildade,
Como se-encontra em terra estranha, escura,
Sem corte a decahida magestade ;
Nota-se nesse fundo de amargura
Dôr, prazer, compaixão, e crueldade ;
E bem que já não seja um feliz Anjo,
Inda tem traços do querido Archanjo.

XCV.

Um esp'rito infernal a pelle anima
Dessa serpente, que Satan vestira,
Quando o crime, que o home' inda lastima,
Bolçou no Eden, ante a mulher que o-ouvira ;
Esse dragão involto está por cima
Da frente do feroz pae da mentira ;
Esta serpente seu triumpho emblema,
E hoje de Lucifer é diadema.

XCVI.

Um tanto amargurado, e orgulhoso
Satan sustenta com a dextra erguida
Um ramo chamuscado, mas frondoso,
Cópia de um ramo d'Arvore da vida !
É este o seu tropheo mais portentoso
Dessa infausta victoria abhorrecida :
O terrivel Santan, tristonho spectro,
O-ergue nos Infernos, como sceptro !

XCVII.

Em torno do monarcha detestavel
Os ministros estão de sua ira !
E mais juntos do solio abominavel
A stirpe que do fundo seu sahira ;
Geme alli a Miseria deploravel,
Timida um tanto posta-se a Mentira :
E mais juntos estão, da mesma sorte,
Á direita o Peccado, á esquerda a Morte !

XCVIII.

Entrou o esp'rito no infernal Abysmo
Cruento, exasperado, e furioso,
E buscou, onde impera o terrorismo,
Aquelle de Satan lar assombroso.
Apenas avistára o Despotismo,
A esse ser feroz, triste, odioso,
Rancoroso bradou o esp'rito avaro :
» Reclamo, ó rei potente, o teu amparo.

XCIX.

O soberbo Satan com collo entono
Nelle brando fixou olhos fogosos ;
E vendo-o em tanta dôr, tanto abandono,
Com acenos de uns ares carinhosos
O-chama para junto de seu throno.
» Quaes são (lhe diz) teus casos lastimosos ? »
O Despotismo erguendo o feio rosto
Breve, e triste lhe-narra o seu desgosto.

C.

» Agora, ó rei potente, é mui preciso,
» Que do Inferno as potencias reunidas,
» Dando em grande concelho o seu juizo,
» Sejam bem consultadas, bem ouvidas.
Satan de prompto approva com um sorriso
As razões, que lhe-foram repetidas :
E dando com seu sceptro uma pancada,
Troou, tremeu a lobrega morada !

CI.

A este som medonho, agudo, e forte
Ao Abysmo prendeu dubia mudeza ;
O Peccado exultou, sorriu-se a Morte,
Estremeceu de horror a Natureza !
Do levante ao poente, e sul ao norte
Ribombou este som na redondeza :
Aos demonios chegou dos vastos ares
De longes terras, de apartados mares !

CII.

Apenas um tal echo, ouvem, tremendo,
Esses, que foram anjos n'outra edade
Em confuso tropel entram correndo
Nesse Abysmo de eterna escuridade.
Estes, que nos Infernos 'stão soffrendo
Nomes não teem na celica cidade :
Pelos seus negros crimes perpetrados
Os seus nomes no Ceo foram riscados !

FIM DO CANTO V.



CANTO SEXTO.

CANTO VI.



ARGUMENTO.

Reunião dos demonios ; seus nomes. Conclave infernal. Discurso do Despotismo, d'Anarchia, de Volupia. Tumulto. Discurso de Satan. Blasfemias. A Omnipotencia. Resolução ; conjura-se o Inferno contra o Brasil. Desconfianças do Anjo do Brasil ; suas preces á Santa Virgem, como Padroeira do reino do Brasil. O Anjo das preces as apresenta á Virgem Maria : manda ella o Anjo Gabriel ao Anjo do Brasil a avisal-o do plano do Inferno. O Anjo Gabriel. Practica dos dous Anjos: Busca o Anjo do Brasil ao Anjo da Liberdade. Estancia dos Anjos-guardas das nações, e dos homens. Practica do Anjo da Liberdade, e do Anjo do Brasil. Descem ambos á terra a fim de se-opporem ao Inferno.

CANTO VI.

—

I.



USA, tu que vencendo horridos medos,
Que inspiram os latibulos inferios,
Viste os mestos, terrificos segredos
Dos tetricos, satanicos imperios ;
Que dos precitos tão culposos tredos
Viste dos soffrimentos os mysterios ;
Dos demonios, que veem de varios modos
Me revela, a poder, os nomes todos.

II.

Depois que a estancia, que aos christãos aterra
Prenhes de negras furias, e maldades,
Os-arrojou sanhudos sobre a terra,
Onde tantas infandas crueldades
Borbotaram raivando em viva guerra ;
Por suas infernaes atrocidades
Dos homens conhecidos se-fizeram,
E delles varios nomes receberam.

III.

Ahi na terra então impios levaram
A tal extremo seu furor intenso,
Que orgulhosos até se-assoberbaram
Contra os homens não só, mas contra o Immenso !
Templos tiveram seus, e disputaram
A Deos o sacro culto, o puro incenso :
Foram dos homens o terror profundo,
Adorando-os por deuses todo mundo !

IV.

Entre as medonhas sombras veem sepultos,
Correndo cada qual mais apressado
Mil, e mil pavorosos, negros vultos :
Vem esse, que n'Assyria celebrado,
E que usurpando de Nemrod os cultos
Com o nome de Bel fôra adorado :
Foi assás n'orienté conhecido,
Deos primeiro do Assyrio entorpecido.

V.

Seu culto entre os Sidonios se-espalhára,
E por muitos logares d'orienté ;
De Baal o-chamando o adorára
Com feio error de Israel a gente.
Para o nume uma formula adoptára
Ao supplicar-lhe o assyrio reverente :
Orando nesta incerta rogativa :
» Ouve-nos, Bel, ou sejas deus, ou diva. »

VI.

D'ouro diante delle era uma mesa,
 A qual, todos os dias, de iguaria
 A-serviam com pompa, e com largueza,
 Tendo que o numen dellas se-servia :
 Mas os padres com grave subtileza,
 A-vinham despojar em cada dia :
 E o povo, que em Bel accreditava,
 Cria que o nume os viv'res deyorava.

VII.

Daniel, o propheta descobrira
 A Evlmerodac a fraude immensa ;
 E é fama então que o rei justo punira'
 A todqs com a morte sem detença :
 Dest'arte arrebatado em sua ira,
 A tanta falsidade, e dolo infensa,
 'Extremando em furor seu azedume,
 Despedaçou a estatua deste nume.

VIII.

Após Bel-Chamos vem ; foi elle olhado
 Alli, como segunda Divindade ;
 Os sacerdotes tinham emblegado
 Nelle o sol perlustrando a immensidade :
 Aos chananeos seu culto foi levado ;
 O moabita teve esta deidade :
 Os seus templos então eram sentados
 Sobre montes de robres coroados.

IX.

Defronte ao templo do Senhor Sob'rano
O sabio Salomão um templo erguêra
A este que causou já tanto damno !
É fama que Israel cultos rendêra
A Chamos, nume turbulento, e insano,
Quando cego em Sittim cultos lhe-dera;
Té que ao depois opposto a tanto insulto
Josias destruiu seu torpe culto.

X.

O feio Belphegor escandaloso
Vem logo, de Moab impia deidade ;
Curavam de seu rito vergonhoso
Mulheres, e brilhante mocidade :
Israel em Sittim foi criminoso
Perante esta impudica divindade ;
Com este horrido nume, que adorára,
O filho de David tambem peccára.

XI.

Vem após Beel-Zebuth ; este é chamado
Príncipe dos demonios. Dos pheniciôs.
E assyrios tal monstro era adorado,
Serviam-o de humanos sacrificios ;
De sangue estava sempre rociado ;
E punham termo a tantos maleficios
Com soberbos festins enriquecidos,
Os quaes eram em feretros servidos.

XII.

Succoth-Benoth se-avança com presteza ;
Marco pyramidal a estatua sua
Era, e na forma sem delicadeza,
Pois nesta forma dos adornos nua
Representar-se quiz, ó Natureza,
Sem costumes, sem arte a imagem tua :
Mais tarde augmenta o assyrio os seus tributos,
E dos dous sexos deu-lhe os attributos.

XIII.

Vem Mylita : possui tantos fulgores,
Que dotada d'encantos indicava
As graças, a belleza, e os amores ;
Seu templo em Babylonia se-adornava
Com os da natureza altos primores :
Seu culto ao sexo bello se-entregava ;
E mudava de nome com tal arte,
Que era Venus aqui, e alli Astarte.

XIV.

Este, que já no ceo foi tão formoso
No mundo inteiro diffundi seus vicios ;
Era o seu torpe culto voluptuoso,
Impudicos seus baixos sacrificios ;
Era deusa do affecto criminoso,
E rainha dos ceos entre os phenicios :
E soube os cultos seus levar ufanos
Sob o nome de Venus aos romanos.

XV.

Astaroth os sydonios lhe-chamavam ;
E da lua á suave claridade
As lindas filhas de Sidon cantavam
Hymnos á gloria desta vã deidade!
Tambem mesmo em Sion a-adoravam
Sobre o monte da torva iniquidade :
Deu Salomão ingrato o triste exemplo
Quando a este demonio erguêra um templo !

XVI.

Segue a estas Tammuz ; foi conhecido
Com o nome de Adonis egualmente ;
Era em Biblos seu culto o mais subido,
Com quanto o-adorou todo oriente :
Lá quando o de seu nome entumecido
Rio então transbordava a grossa enchente,
As donzellas da Syria se-juntavam,
E nos bosques do Libano o-choravam.

XVII.

Vem esse nume de terriveis gentes,
De enormes sacrificios detestados,
Que miseros meninos innocentes
Abrasava entre os braços inflammados ;
Abafando os seus gritos compungentes
Do *toph* os altos sons desconcertados :
Era Moloch, deidade mui maldita,
E cultos lhe-rendia o ammonita.

XVIII.

Segue-se o que em Azot precipitado
Foi de seu proprio throno escandaloso,
Ficando inteiramente decepado,
E cahido por terra o idolo odioso ;
Quando d'Arca o deposito sagrado
Foi deposto em seu templo vergonhoso :
Como homem, como peixe o-figuravam,
E Dagon, era o nome que lhe-davam.

XIX.

Vem Rimon, que em Damasio era adorado ;
E após, dos espiritos do Averno
O mais torpe, o mais impio, o mais maldado,
Que do Abysmo surgiu do mais interno ;
No mundo Belial era chamado
Esse inimigo horrifico do Eterno ;
De um monstro mais atroz não ha exemplo,
Mas não teve na terra altar, nem templo.

XX.

Entra esse, que de horrenda catadura,
Sempre tremendo, e sempre exasperado
A religião do persa nobre, e pura
Com fero esforço guerreou de ousado ;
Esta cruel, funesta creatura
Por principio do mal foi reputado !
Os persas do interior o-detestavã ;
Arimane era o nome que lhe-davam.

XXI.

Veem esses que ao Egypto escravizado
Tiveram tanto tempo em seu imperio :
O primeiro Kneph era chamado,
E ao Egypto ensinou fallaz mysterio ;
Dizendo ter de si arrebeçado
Um ôvo que vagou no espaço aerio,
De onde então outro deus tinha surgido,
O qual era em Phthás reconhecido.

XXII.

Elle ensinára que era este ôvo o mundo,
O qual formado havia, e de repente
Em seu alto pöder, vasto, e profundo ;
Depois destes Phthás vem tristemente ;
Em Mêmphis este espirito iracundo
Era, mordendo a cauda, uma serpente :
Inda não se-esqueceu do antigo insulto
Dos que usurparam seu annoso culto.

XXIII.

Aquelle, que foi Osiris se-avança,
Que tudo após dos outros operára ;
Pois fazendo no Egypto alta mudança
De Kneph, e Phthás arreatára
Ao culto antigo a singular pujança !
A este o Egypto pelo sol tomára :
Vem depois quem foi Isis poderosa,
E deusa principal, d'aquelle esposa !

XXIV.

Segue-se o que foi Orus (filho caro
Dos dous) foi dos Egypcios adorado,
E ao impio Typhon venceu preclaro !
Este tremendo, horrivel condemnado,
Horroroso Typhon medonho, avaro,
Tambem se-avança em passo agigantado ;
Este cruel demonio abhorrecido
Pelo principio máo foi conhecido.

XXV.

Vem logo esses malevolos esp'ritos,
Que sob immensas formas diferentes,
Com varios cultos, com estranhos ritos
Adoravam do Egypto as cegas gentes.
Entram Tithrambo, e Schamoun malditos,
E logo os-acompanham mais ardentes
Thoth, Bubastis, Anubis, e Serapis,
Mendés, Jom, Amoun, e Neith, e Apis.

XXVI.

Per entre as trevas denegrída assoma
A turba, que surgira desse Abysmo,
A qual á velha Grecia, e antiga Roma
Já levára o fallaz polyteismo ;
Ninguem calcular póde a vasta somma
Dos deuses, que adorára o gentilismo !...
Creu-se que o num'ro seu o Olympto enchia,
A cujo peso Atlante succumbia !

XXVII.

São esses os que foram n'outra edade
Rhea ; Juno (dos numes soberana) ;
Saturno ; Jove (a excelsa divindade) ;
Pallas ; Astrea ; Ceres ; e Dianna ;
Thetis ; e dos amores a deidade ;
Marte (da guerra divindade insana) ;
Neptuno ; Apollo ; Baccho ; Hermes ; Summano ;
Esculapio ; Bellona ; Hebe ; Vulcano :

XXVIII.

E mil outros, que aos homens mais que insanos
Impozeram seu jugo, e o-estenderam
Des do palacfo á choça dos serranos,
E adorações, e cultos receberam ;
Esses chamados numes soberanos,
Que do Supremo os cultos inverteram,
Fazendo á sã Razão graves insultos,
Tiveram templos, e supremos cultos !

XXIX.

Entram esses esp'ritos sanguinarios
Impios auctores de rebeldes vicios,
Que nos cultos, aos homens tão contrarios,
Só pediam humanos sacrificios !
Esses dos homens feros adversarios
Levaram seus horriveis maleficios,
Os seus males crueis, seus negros danos
Aos cegos, miseraveis mexicanos.

XXX.

Entra esse, que dos drúidas servido
 Fora em sombrios bosques adorado :
 Por uma druidissa presidido
 Era o seu alto culto venerado :
 Do bellicoso franco destimido
 Creu-se o nume maior, e o mais prezado :
 Sendo pois, esses cegos, que o-adoravam,
 Teutates o nome, que lhe-davam.

XXXI.

Vem aquelle que os vand'los adoravam,
 Que abateu a Sam-Witis petulante :
 Quatro humanas cabeças se-elevavam •
 Em sua immensa estatua de gigante !
 Swanto-Wit ao idolo chamavam ;
 Um amplo culto tinha assás brilhante :
 Do pavor, que inspirava, e tão sinistro,
 Nem respirava ante elle o seu ministro.

XXXII.

Vem outros, que crearam tantos vicios,
 E com os nomes seus se-appellidaram ;
 Malvados, que tão grandes maleficios
 Pelo universo todo semearam !
 São alguns as paixões, que p'ra flagicios,
 Dos homens, nos Infernos engendraram ;
 Estes tão cheios de crueis horrores,
 Da humanidade são vis tentadores !

XXXIII.

Entre os negros esp'ritos do Profundo,
Que alli, após vencidos, derribados
Foram por Esse que não tem segundo ;
O que, entre os mais reveis, e mais malvados,
Que soffrem nesse negro Abysmo immundo,
Ao sempiterno fogo condemnado :
Vem, o que em crueldade a tudo excede,
E horror, e sangue de continuo pede !

XXXIV.

Do Anjo da divina Liberdade
Se-diz que os attractivos copiára ;
Emita-lhe a ridente suavidade,
E os ademans, que nelle deparára :
Tem este monstro ardil, e habilidade
Com que aos homêns te'qui sempre enganára !
E horrendo envolve em suas iras fêas
Reinos, cidades, arraiaes, aldéas.

XXXV.

Sobre uns fundos gentis, esbranquiçados
Volve uns olhos azues, vivos, ardentes ;
Lhe-arfam lindos cabellos inaurados,
São de carmim os labios seus ridentes ;
Tem um tanto os contornos delicados,
Inda que os membros no tamanho ingentes ;
Mas este todo nota-se empregnado
Do pavoroso ar de um condemnado.

XXXVI.

Ergue, como membranas, sobre as costas
 Dous pontos, que são azas desta fera ;
 E de maneira tal as-tem dispostas,
 Que alli azas achar ninguem espera :
 Em vez de terem pennas, são compostas
 Dessas materias em que Marte impera ;
 E este monstro, que em si só mal encerra,
 Quando as azas sacode, esparge a guerra.

XXXVII.

Um nivel traz á esquerda ; a Hypocrisia
 Nelle abriu estas lettras :—EGUALDADE !—
 O facho da Discordia co'energia
 Da doxtra sólta inferia claridade :
 Os bons, os sabios chamam-lhe—Anarchia—
 Chamam-lhe os máos, os necios—Liberdade.—
 Inimigo do povo o povo estraga ;
 Inimigo dos reis, os reis esmaga !

XXXVIII.

Quando no Eden levado de vencida
 Miserando cahiu o pae primeiro,
 Pela primeira tentação soffrida ;
 Mandou-lhe Deos potente, e justiceiro,
 Para sempre guardar-lhe livre a vida,
 Dos ceos um Anjo doce, e prazenteiro ;
 E o homem feliz com tal beldade,
 O Anjo lhe chamou da—Liberdade.

XXXIX.

Para em tudo se-oppo ás leis do Eterno
 Audaz em seu delirio desgraçado,
 O medonho, o sanhudo, o torvo Inferno
 Oppoz ao Anjo um ente condemnado :
 Surgiu pois desse Abysmo sempiterno
 Um demonio feroz, e o mais ousado :
 Foi tal o esp'rito, que se-ergueu do Abysmo,
 E os homens lhe-chamaram—Despotismo.

XL.

É um demonio horrendo torpe, e feio,
 O mais cruel, mais impio, o mais sangrento ;
 Não ha respeito, duvida, ou receio
 Ante este Anjo perverso, e turbulento !
 Ver horrores, ver sangue é seu recreio,
 Dorme ao som do gemido, e do lamento ;
 E, despejando horror do negro peito,
 Não ha p'ra elle leis, não ha respeito.

XLI.

Um plumbeo diadema lhe-tortura
 A fronte angui-crinita, e petulante ;
 Em sangue toda tinta, espessa, e dura
 Larga capa lhe-pende, e roçagante :
 Como um cinto lhe-aperta amplo a cintura
 Mosqueado dragrão flammi-spirante :
 Tem na sestra um punhal o horrendo spectro,
 E co'a dextra menêa um ferreo sceptro.

XLII.

Nesta escura caverna entram correndo
Quantos feros demonios, e malvados
Representam paixões, ou vicio horrendo,
Da humanidade desabridos fados !
O triste Pan-demonio vae se-enchendo
Destes infandos entes rebellados :
Entram, tomam assento, e á porfia,
Segundo o gráo, segundo a jerarchia.

XLIII.

È cada assento da infeliz vivenda
Côr da noute, escamosa, e nodoada
De flammifero olhar serpente horrendo,
Sob o volume seu enrodilhada.
Sobre a bocca venefica, e tremenda,
De toxico lethal toda afogada,
Cada esp'rito assentado ao drago opprime,
E se-assenta um demonio em cada um crime.

XLIV.

Eis o infernal conclave congregado
N'um ponto dessa furna abhorrecida :
Silencio entre susurros abafado
Ha, que a voz de seu rei vae ser ouvida.
Satan, o grande, e horrivel condemnado
Lança sobre elle a vista espavorida ;
E vae dar a saber a grande idéa,
Que se-deve agitar nesta assembléa.

XLV.

Ó tu, que tudo o quanto existe, abranges,
Que cheio de celeste, alma afouteza,
Sem menor medo aos infernaes alfanges
Venceste dos Infernos a tristeza ;
E entre dos demonios as phalanges,
Lá onde não impera a Natureza,
Nesses dos crimes, tetricos imperios
Viste os horriveis, infernaes mysterios !

XLVI.

Tu da immortal Poesia Anjo sagrado,
Nas cordas prestes vem de minha Lyra
Os discursos verter, que allí pasmado
Soltar ouviste a detestavel ira
Do Inferno, contra a Patria conjurado,
Quando seu caro rei já longe vira ;
Dicta-me pois, tu podes, essas scenas,
Que eu assombrado as-narrarei apenas.

XLVII.

Era do Despotismo essa eloquencia
Sem rebuços, sem leis, um tanto inchada ;
Lançava mão ás vezes da decencia,
Mas, como o tudo seu, era affectada ;
Mostrava no fallar certa vehemencia,
Bem que não era assás precipitada ;
Era o vento do sul rijo assoprando,
Mas sempre egual aos bosques açoutando.

XLVIII.

Foi-lhe dada a palavra, e assim começa :
—Do vasto Abysmo soberano eterno,
Satan (dizendo inclina-lhe a cabeça) :
Potencias eternaes do immenso Averno,
Meu discurso escutai ; urge-me a pressa,
Hoje invocando a protecção do Inferno :
Não vos-venho pedir longos discursos,
Só obras, e soccoros, e recursos.

XLIX.

—Des desse dia, em que nos-despenhamos
Do alto ceo, sem orgulho inda não posso
Lembrar-me de que modo desgraçamos
A melhor obra do inimigo nosso !
De seu braço fatal bem nos vingamos,
Frustrando-lhe o querer o esforço vosso !
E o homem p'ra o bem, p'ra o ceo creado
Ficou subjeito ao mal, foi condemnado !

L.

—Des desse dia então ficou patente
Á nossa discrição o inteiro mundo,
E sobre elle espalhou-se prepotente
O immenso poder do imperio fundo !
A terra então curvou-se reverente
Ante o nosso poder alto, e profundo !
Si o Terrivel nos ceos as leis dictava,
As nossas leis a terra idolatrava !

LI.

— Assim, árbitros nós desse orbe extenso
 E ao nosso poder já não adverso,
 Expellimos os cultos desse Immenso
 Da face quasi inteira do universo !
 Elle cultos nos—deu, templos, incenso,
 Submettido ante nós, a nós converso !
 Fomos da terra pois dominadores,
 Divindades, e reis, e grão—senhores !

LII.

— Foi necessario então que humanizado
 Descesse ao mundo o proprio Omnipotente
 Para que com seu sangue derramado
 Limitasse o poder do imperio ardente !
 Des desse tempo (eu digo ainda assombrado)
 Perdeu muito este reino prepotente !
 Des desse tempo então mais se—empenhavam
 As forças d'Orco, que christãos baldavam !

LIII.

— Elles nos—viram sim mais recuados
 Contra nós empenhando a cruz triumphante ;
 Não nos—viram porem acobardados,
 Nem o poder do Inferno agonizante.
 Per meio destes homens conjurados
 Eu marchei, bem me—vistes, sempre ovante ;
 Sobre o throno dos reis firmei meu posto,
 E d'alli minhas leis foi só meu gosto !

LIV.

— Si aquelle Anjo, que atroz me-nega abrigo,
 Que tranquillo me-deixa só no Averno,
 Meu mais cruel indomito inimigo
 De todos os espiritos do Eterno ;
 Esse meu contendor, meu grão perigo,
 A quem os homens dão, de um modo terno,
 Um culto filho todo da vontade,
 E o tão doce nome—Liberdade !...

LV.

— Esse Anjo, si no solo americano,
 P'ra mim tão bello, tão ditoso solo,
 Com seu ingente esforço sobre-humano
 Me-fez quasi a seus pés curvar-lhe o collo ;
 Si desse chão meu solio soberano
 Extirpou, por punir-lhe o insano dolo,
 Anarchia deixei entre esse povo,
 Que inda agora destroe paiz tão novo !

LVI.

— Mas houve nessa terra abençoada,
 Que forma do universo um hemispherio,
 Uma só parte pelo ceo guardada,
 Aonde durou pouco o nosso imperio ;
 João, que herdou dos seus alma elevada,
 Fazendo ao meu poder grão vituperio,
 Alli nos-deixa em misero abandono,
 E, derribando o meu, ergueu seu throno.

LVII.

— Agora abandonando esses logarés
Para conter facções, que hemos erguidô,
Corta em soberba não turgidos mares,
De angustias, e de magoas consumido !
Em quanto pois tal rei aos patrios lares
Viajava, entre dores compungido,
Projectei no Brasil, entre seu povo,
O meu solio outra vez erguer de novo.

LVIII.

— Mas apenas o rei sahido havia,
Aquelle Anjo fatal da Liberdade
Alli começa a impor com energia
A sua perigosa magestade ;
É mister dos Infernos a ousadia
A expellir-se d'alli tal potestade :
Eis, socios meus, meu plano, e só espero
O vosso amparo, vosso amparo quero.—

LIX.

Dice : e após longo applauso se-alevanta
O furioso esp'rito d'Anarchia ;
(Quando falla esse monstro o Abysmo espanta,
Tal é nas phrases cheio de ousadia) !
Em borbotões arroja da garganta
Duras fallas sem pejo, e cortesia :
Fallando este demonio tenebroso,
É do éste o tufão rapido, iroso !

LX.

— Sim, (dice o esp'rito em furias espumando)
 Será meu o Brasil, onde seguro
 Ardente, fero, a tudo devorando
 Não hei-de deixár pedra sobre muro !
 Que dessa terra fugirá chorando
 Da Liberdade esse Anjo estulto eu juro,
 Minhas sementes já tenho lançado
 No Brasil, onde muito teem brotado ! —

LXI.

Fallou, e de prazer mil vozerias
 Echoaram das abobadas no interno ;
 Entre estas insolentes alegrias
 Ia o plano approvar já todo Inferno,
 Quando luctando em duras açonias
 Se-alevanta um esp'rito ; brando, e terno
 Com a vista o lethal congresso mede ;
 Elle é Volupia, que a palavra pede.

LXII.

Seus mellifluos sorrisos são amenos ;
 É polido, é gentil, é melindroso ;
 Seus gestos, seus meneios são serenos,
 Tem o languente olhar doce, amoroso ;
 É o que foi Milyta, Astarte, ou Venus,
 Seu rosto é niveo, rubido, e formoso ;
 Nem-um tem no fallar tanta doçura,
 É a brisa d'aurora, que murmura !

LXIII.

— Amigos, socios meus (Volupia dice)
 Que val que o Abysmo agora conjurado
 Com denodo vencer audaz cubice
 A esse Anjo dos ceos alto enviado ?
 Não supponho este plano o mais felice ;
 É mui mal concebido, é mal formado....—
 Mais não dice, e foi logo interrompido
 Por infernal, estúpido alarido.

LXIV.

— Silencio—Insania—Basta—Abaixo—Fora—
 Assim, a um tempo, todos exclamavam
 Accesos nessa chamma, que os—devora,
 Das iras infernaes, que os—abrazavam.
 Ergue Satan seu sceptro sem demora
 Entre os terriveis dedos, que o—cercavam,
 E rebatendo sobre o pavimento,
 Trôa o Inferno, echoa o firmamento.

LXV.

Um acerbo reinou silencio horrivel !
 Satan feroz o impoz, elle é quem falla !
 É vehemente, audaz, arduo, e temivel
 Quando rompente seu discurso estala !
 Tem da borrasca a força irresistivel,
 Que com raios, trovões, os ceos escala !
 Que atroz revolve os mares, tolda as fontes,
 E arranca os bosques, abalando os montes !

LXVI.

— Sim, cumpre encarecermos sacrificios
Para levar á infausta humanidade
Mil crimes, mil desordens, e mil vicios,
Torva desgraça, fera iniquidade !
Vingucmos-nos dos horridos supplicios,
Que indomita, implacavel Divindade
Nos inflige com dextra fulminante,
Sanhuda, altriz, severa a todo instante !

LXVII.

— Elle, por mais feliz, favorecido,
Nas planices do ceo, por cego acaso,
Pôde co'os socios meus ver-me vencido,
Após de um grão certame, em longo prazo.
Despenhou-me co'os meus, sem fim perdido
Neste tanque de fogo, em que me-abraço :
Ello viu-me cahido, e destroçado,
Porem rendido... não!...: nunca domado!...

LXVIII.

— Pendentes de meu braço os seus destinos,
Nutante, e fragil vascillou seu throno ;
Eram poucos os meus, bem que ferinos,
Que de mim não soffreram abandono.
Incalculaveis batalhões divinos
Só podiam dobrar-me o collo intono !
Só legiões sem fim de seus escravos
Podiam derrotar tão poucos bravos !

LXIX.

— Cahi vencido após desta procella,
 Após de feito tal, tal heroismo !
 Desprendeu-se do ceo brilhante estrella
 E nesta negridão, e terrorismo
 Perdeu a que luzia em si luz bella !
 Dada lhe-foi a chave deste Abysmo...
 E abriu ; e do fundo seu se-erguia
 Negro fumo, que ao sol escurecia !

LXX.

Attonito, vencido, e derribado,
 Ante meus olhos lampejou sublime
 Visão, que inda me-tem hoje aterrado,
 Que a cressa fronte sem cessar me-opprime !
 Era mulher de um gesto sublimado,
 Terror do atrevimento, e freio ao crime :
 Seu vestido era o sol, seu throno a lua,
 E doze estrellas a corôa sua !

LXXI.

— E eu era um dragão ! Ella gemia ;
 Ia ser mãe ; tragar seu filho eu quero ;
 Mas de balde, que cheio d'energia
 Do despota dos ceos o braço fero
 M'—o-arrebata, e p'ra si o-conduzia !
 E brama vencedor Miguel severo !
 Ah! que inda sinto neste mesmo solo
 O pé desta mulher quebrar-me o collo !

LXXII.

— Mas não importa, não ; não me-arrependo
 De da minha cervis quebrar o jugo
 Do tyranno dos ceos, jugo tremendo,
 Do que ainda ao lembrar-me a fronte enrugo !
 Que importa que seu braço ultriz, e horrendo
 Me-seja sempiterno, atroz verdugo ?
 Antes primeiro neste Abysmo fundo,
 Que entre thronos dos ceos ter o segundo !

LXXIII.

— Mas ah ! não foi tão grande o prejuizo !
 Quanto lá nesses ceos temos perdido,
 Nos valles do terrestre paraizo
 Nos foi péla mulher restituído !
 Que seu querido filho foi preciso
 Se-visse a humana sorte reduzido !
 E soffrendo martyrios per mil modos,
 Nem os homens assim roubou-me todos !

LXXIV.

— Que pois ? Parar no meio desta empreza
 Quando ganhado temos tanto, e tanto ?
 Ah não ; demos as leis á redondeza,
 Encha-se o mundo de terror, e espanto ;
 Seja a sorte da humana natureza
 Angustias, dores, afflicções, e pranto :
 Si nos-deram poder só sobre a terra,
 Então aos homens sempiterna guerra !

LXXV.

— Esse, que no seu solio coruscante
 Sê-regosija com meu mal eterno...—
 Mais ia blasphemando por diante,
 Quando um trovão esturje em todo Averno !
 Um gladio de dous gumes scintilante
 Subito rasga a escuridão do Inferno :
 Dextra de um Cherubim, que o-brande, assoma,
 Aterra o Abysmo todo, e as furias doma !

LXXVI.

Debruços os demonios cahem prostrados
 E adoram a Mão, que inda os castiga !
 Some-se a dextra, o gladio. Eis que animados
 De novo o odio aos peitos seus instiga.
 Ficam todos os planos assentados,
 O Despotismo os-quer que se-prosiga ;
 Logo demonios mil descem á terra,
 Trazendo-te, ó Brasil, o horror, e a guerra !

LXXVII.

Tal era a obra que intentára o Averno,
 O qual contra o Brasil mais se-consome ;
 Pois para lhe-votar um odio eterno
 Bem basta ter da Sancta Cruz o nome !
 No entanto o ignito, temeroso Inferno
 Para que as fumegantes iras dome,
 O Anjo do Brasilico destino
 Bem viu que era mister braço divino !

LXXVIII.

Dos Anjos da terceira jerarchia
 São esses que são guardas dos humanos,
 E que sobre as nações sempre em vigia
 Velam sobr'ellas, lhes-desviam damnos :
 A cada homem, ou nação constante guia
 Algum destes esp'ritos soberanos ;
 E tal guarda é assiduo, e de tal sorte
 Que só deixa a missão chegando a morte.

LXXIX.

Mas estes, que de Deos tanto merecem,
 Com quanto não se-olvidem dos passados
 Todavia os futuros não conhecem,
 Nem-um arcano, ou feitos reservados ;
 D'uns, e d'outros os casos, que se-off'recem,
 Só podem ser por Deos patenteados :
 É na mente de Deos que tudo cabe,
 Só Elle tudo vê, só tudo sabe !

LXXX.

Os Anjos da primeira jerarchia,
 De todos os dos ceos Anjos mais puros,
 Gozam de Deos o dom da prophecia,
 Veem o passado, e um tanto dos futuros :
 O quanto a mente humana sonha, ou cria
 Tudo veem, e de não errar seguros,
 Os segredos do mundo, e os do Inferno
 O penetrar-lhes dera um dom do Eterno !

LXXXI.

Porem as tramas, que em continua guerra
 Urde o Tartaro horrendo contra o mundo,
 Elles não podem revelar á terra
 Sem o querer de Deos alto, e profundo ;
 Mas contra a estancia, que só mal encerra,
 Contra o torpe Lucifer furibundo
 É seu dever lutar constantemente,
 E lutam, pois tal é de Deos a Mente !

LXXXII.

Bem tinham visto os Anjos venturosos
 O concilio infernal, seus negros planos ;
 E o quanto perversos, cavilosos
 Moviam ao Brasil terriveis damnos ;
 Estorvar não podiam pezarosos
 Dos monstros os furores mais que insanos ,
 Pois o Brasileiro Anjo inda ignorava
 O quanto nos Infernos se-passava.

LXXXIII.

Porem receios tinha, e bem fundados,
 Que antevia do Inferno a má vontade :
 Elle vira os demonios conjurados
 Contra o novo Brasil em toda idade :
 Unidos viu os torvos negregados
 Oppostos á Brasileira liberdade :
 Viu as obras, as furias, viu o excesso
 Desse de Portugal cruel Congresso.

LXXXIV.

No solo do Brasil viu desunido
 O povo Brasileiro, e lusitano ;
 Viu com dôr do Janeiro seu querido
 Luctuoso sahir o bom Sob'rano ;
 Viu entre apertos mil cômpromettido
 Um Príncipe inda jôvên, mais que humano ;
 Viu por leis do Congresso, e mal cabidas,
 Do Brasil as provincias desunidas.

LXXXV.

Viu compondo o Brasil muitos estados
 Subjeitos á Ulysséa unicamente,
 Que entre si, e em si mais separados
 Obedecer negavam-se ao regente ;
 Os regios Tribunaes viu arrancados ;
 Então do seio da Brasilia gente ;
 Do Príncipe o governo circumscri'to
 Quasi que do Janeiro ao só distri'to.

LXXXVI.

Viu os lusos soldados indiscretos
 Hostis, contra o Brasil se-preparando ;
 Viu de Lisboa as Cortes mil decretos
 Contra os Brasileos povos fulminando ;
 Viu que eram dessas Cortes os proje'tos
 Sem Pedro os Brasileiros ir deixando ;
 Viu dos mares transpor ondas iradas
 Frotas de Portugal em guerra armadas.

LXXXVII.

Taes cousas ruminando em sua mente,
 Arfam-lhe n'alma affectos a milhares,
 E cheio de respeito, e fogo ardente
 As mãos erguendo se-curvou nos ares ;
 Altas supplicas, ternas, reverente
 Dirige com fervor aos dulcos Larës :
 Os outros Anjos com prazer o-olhavam ;
 Diz-ellè assim (e os outros o-escutavam).

LXXXVIII.

— Tu, cujo olhar tão cheio de alegria
 Basta para aterrar o inteiro inferno,
 Ó Rainha dos ceos, sacra Maria,
 Ó doce Esposa, ó Filha, ó Mãe do Eterno !
 Teus sacrosantos Olhos volta pia
 Sobre o Brasil, e abate o negro Averno :
 Não desmintas, te-rogo, nesta idade,
 Teu grande amor, e sem igual piedade !

LXXXIX.

— Quantas desgraças negrejando vejo
 Por sobre esta nação, que eu guardo, e velo,
 Só podem ser de um infernal desejo,
 Que tornal-a infeliz tem por desvelo !
 Frusta, Senhora, o infernal manejo
 Com teu amparo poderoso, e bello ;
 Pois quem teu patrocínio alcança terno
 Não tem que receiar furias do inferno !

XC.

— Olha per toda parte entre esta gente
 O como se-elevando fazem vulto
 Soberbos Templos ao teu Nome ingente !
 Como, para fazer ao Averno insulto
 Por toda parte cresce reverente
 O teu eterno, magestoso Culto !
 És do Brasil a guarda verdadeira
 A esperança, o refugio, a Padrocira !

XCI.

— Mostra que é teu poder grande, e profundo,
 Que de balde não é que fuma o incenso
 Em teus louvores pelo inteiro mundo ;
 Que basta um teu querer p'ra que o Immenso
 Confunda tramas do Abysmo fundo !
 E que do orbe dos christãos extenso
 Preciosos te-são preces, e votos
 De caros filhos, de fieis devotos.—

XCII.

Em quanto o Anjo assim devoto orava,
 Tranquillo junto delle, e docemente
 Das preces o Anjo puro o-contemplava,
 Com seu semblante placido, e ridente ;
 Do piedoso Anjo elle escutava
 Sentida queixa, e oração ardente :
 E de esperanças doces todo cheio
 Ardentes preces recolheu no seio.

XCIII.

Logo que em seu ouvido melindroso
Do Anjo o derradeiro som fenece,
Pejado destas preces amoroso,
Co'a supplica que tanto o-internece,
Em quanto um sancto fogo pressuroso
Em seu celestial esp'rito cresce,
Abre as azas gentis nestes logares,
E n'um impeto vòa álem dos ares.

XCIV.

O meteóro, que, no ceo ardentę,
Passa veloz de um ponto a outro ponto ;
O ligeiro lampejo resplendente,
Um, e outro é do que elle mesmo pronto :
Em um impeto rapido, e vehemente,
E mais rapido ainda do que conto,
E tão rapido como o seu desejo,
Disfere, quasi, seu celeste adejo !

XCV.

Eil-o, vencidos os philtrados ares,
Sempre invencivel, nunca fatigado.
Após deixando mundos a milhares,
Vinga de prompto o ether inflammado :
Esses coos, esses climas singulares
Tudo n'um ponto fica áquem deixado !
Eil-o na Eterna divinal cidade
Junto do Tabernaculo da Trindade.

XCVI.

Onde do Verbo a Mãe entre esplendores
 Nessa Jerusalem sancta desfruta
 Das Potencias do ceo altôs louvores ;
 E brandamente, e piedosa escuta
 Anjos guardas dos tristes peccadores ;
 E aonde, entre os Anjos, se-disputa
 Do sacro culto a forma a mais ufana
 Para a dos ceos divina Soberana :

XCVII.

Das preces o Anjo penetrou jucundo
 Nesse logar de jubilos ditoso ;
 E, tomado de um culto o mais profundo,
 Ante a sublime Virgem respeitoso
 Sua fronte dobrou venérabundo,
 N'um suavissimo som, som melindroso
 Seus joelhos curvando, assim dizia :
 (Qual Gabriel outr'hora)—Ave Maria!—

XCVIII.

O Anjo então alli supplice falla,
 E curvo aos pés da singular Maria
 As preces que escutou férvido exhala :
 Cheio de santo ardor, e de energia
 Nem-uma circumstancia o esp'rito cala ;
 Pois tudo supplicar lhe-competia :
 A Princeza dos ceos com ar piedoso
 Approvou co'um sorrir doce, amoroso.

XCIX.

Um seu mimoso, um seu celico aceno,
Um seu mais leve olhar, um seu sorriso,
Que brilhe no seu rosto puro, e ameno ;
Um desejo, inda longe, um seu juizo,
Ainda o mais ligeiro, o mais pequeno
Entende todo vasto Paraizo !
E p'ra cumpril-os movem-se os Archanjos,
Cherubins, Seraphins ; todos os Anjos !

C.

Gabriel, o feliz nuncio primeiro
Da ditosa embaixada d'outra edade,
É o selecto nuncio lisonjeiro
Da de Maria singular bondade.
A cumpril-a deixando o ceo ligeiro
Descende prazenteiro á humanidade :
E dividindo o turbilhão dos ares
Busca do terreo globo estes logares.

CI.

Das borrascas descendo ao vasto aprisco,
Por esse ar que é todo ampla veréda,
Da terra dos mortaes procura o disco ;
Em a sua estrondosa, horrivel queda
É menos prompto o rapido corisco ;
E involto em celeste labareda
Os que ardentes deixou ares immensos
Tremólam raios de clarões intensos !

CII.

Dos ceos á terra o Archanjo portentoso,
 Quaes da noite os brilhantes luminares,
 Deixa um sulco de fogo luminoso ;
 Desta sorte se-viu arder nos ares,
 Em Ethão, sendo noute, o milagroso
 Signal ao povo Hebreu, para os logares,
 Que promettêra a Abraham, o Omnipotente :
 A columna de fogo refulgente !

CIII.

É elle na primeira hyerarchia
 Puro celicultor, bello, e formoso,
 Que n'outro tempo cheio de alegria
 Embaixador do ceo se-viu ditoso,
 Para dar á feliz, Sacra Maria
 O annuncio mais doce, e grandioso,
 Que para ser a Mãe do Auctor da vida
 Tinha sido ante seculos escolhida.

CIV.

Lhe-arfam d'ouro finissimos cabellos,
 Sua tez vence a neve na brancura,
 Scintillam côr dos ceos seus olhos bellos,
 Tem ares de mancebo a formosura ;
 Do bello são seus membros os modelos ;
 Seu rosto em chamma angelica fulgura ;
 Nitidas azas candidas distende,
 Dúlia fragancia de seus labios pende.

CV.

O gentil Paranympo de Maria,
 Gabriel, o feliz Nuncio do Eterno,
 Cheio de uma celeste galhardia
 Chega ao Anjo, e lhe-diz de um modo terno,
 Nadando nessa candida alegria
 De que transborda o Alcáçar sempiterno :
 — Deos te-salve, ó amigo verdadeiro,
 Guardador deste reino Brasileiro. —

CVI.

ANJO DO BRASIL.—Deos te-salve, brilhante potestade
 Excelso Embaixador do Esp'rito-Santo ;
 Salve ao que vem da mystica cidade,
 Que Deos adorna de perenne encanto !
 Vieste talvez meu mal, minha anciedade,
 E os receios em que ora me-aquebranto ?
 Sabes acaso quanto o ceo encerra
 Sobre os destinos desta vasta terra ?

CVII.

GABRIEL.—Anjo, tem visto o ceo tua agonia,
 Tuas preces tambem ao ceo chegaram ;
 Ellas diante da eternal Maria
 Ditosa compaixão, graças acharam.
 Seus Olhos cheios de brandura pia
 Sobre ti docemente se-inclinaram ;
 E a ti me-mandou p'ra vigorar-te,
 Para avisos te-dar, p'ra consolar-te.

CVIII.

—Sabe que todo o inferno conspirado
 S'ergue contrario á Brasileira terra !
 Quanto de crimes, quanto de malvado
 Em seu bojo medonho o Abysmo encerra,
 Se-tem no mesmo ponto congregado
 Para ao Brasil fazer cruenta guerra !
 Um combate será renhido, e novo ;
 Põe-te em guarda, e defende este teu povo.

CIX.

—Firme em seu odio fero, e sempiterno
 Em funesto concilio se-reuniram
 As potencias crueis de todo inferna ;
 Alli fremindo, irosas decidiram
 Contra o Brasil armar o inteiro Averno :
 Após blasphemias com furor bramiram,
 E neste intento iniquo, e scelerado
 Deste solo a ruina teem jurado.

CX.

—Seja embora de sangue sobre um lago,
 Ou por sobre montões de cinzas frias ;
 Entre cadaveres seja em campo vago,
 Depois de sanguinosas mil porfias ;
 Entre o crime, o horror, a morte, o estrago,
 Effeitos das mavorcias tyrannias ;
 Intenta o Despotismo entre este povo
 O seu throno cruel erguer de novo.

CXI.

— Ergue-se ardente em fervida ousadia
Para amparo lhe-dar o infausto Abysmo !
Não temem a Discordia, e Anarchia
Nem de ti, nem dos teus todo heroismo.
Voaram dos Infernos a porfia ;
Dirigiu-se a Lisboa o Despotismo ;
Voa a Anarchia do Brasil ao norte ;
E no resto a Discordia adeja forte.

CXII.

— Maria a immaculada, a pura, a bella,
Que goza do Brasil o inteiro culto ;
Maria, que por ti constante vela,
Te-deseja salvar de tanto insulto !
Agora, Anjo feliz, põe-te em cautela
Contra o inimigo que te-ataca occulto ;
Vela pois : os contrarios teus demanda.
Maria isto por mim dizer-te manda.—

CXIII.

Fallou, sumiu-se. O Anjo agradecido
Assim levanta aos ceos a voz tão pura :
— Ó tu do ethereo assento esclarecido
Rainha, encanto, gloria, e formosura,
Eis-me, grato a teus pés me-vês rendido
A tão grande favor, tanta docura ;
Dá-me contra o Inferno alta victoria,
E mais um brilho augmenta á tua gloria !

CXIV.

— Este povo ao teu culto tão propenso,
 Enlevado em seus prosperos destinos,
 Para mais inda honrar a Mãe do Immenso
 Entoar-te hade novos puros hymnos !
 Grato ~~fumegará~~ sagrado incenso
 Em teus Altares aos teus dons divinos :
 E pois, abate do Inferno o odio:—
 Tal dice do Brasil o Anjo Custodio.

CXV.

Esses immensos globos, que librados
 Discorrem nesse espaço sem-medida,
 Não foram pelo Eterno só creados
 P'ra darem luz, ou terem reflectida
 D'outros, que sem cessar são inflammados ;
 Nem são só a belleza esclarecida,
 Que brilha magestosa sobre os ares,
 E da noute brilhantes luminares.

CXVI.

É peça cada um de um grão systema
 Formando a universal maga belleza !
 Esse maravilhoso todo **emblema**,
 Em parte, do **Immensissimo** a grandeza !
 Do Senhor a **Eternal** **Mente** **Suprema**
 Quando tirou do cahos a Natureza
 Caminhos ~~lhes-traçou~~, d'onde brilhantes
 Não poderão sahir, nem por instantes.

CXVI

Os mais sublimes destes, mais ligados
 À cidade de Deos aos climas santos
 Acham-se inteiramente povoados
 De sempiternos, divinaes encantos :
 Estes mundos celestes habitados
 Inteiramente são por Anjos, quantos
 Mandados por Decretos Soberanos
 Vem velar sobre a sorte dos humanos.

CXVIII.

De cada Anjo Custodio é esta a estancia,
 Ou seja de nação, ou de ente humano ;
 E d'alli em perenne observancia
 Les-indicam o bem, mostrando o damno :
 'Stão aqui em continua vigilancia
 Os que se-agitam brandos n'um arcano ;
 São esses de nossa alma os predilectos,
 Que nella regem os fieis affectos.

CXIX.

São os Anjos de Amor, e da Amizade,
 Da Razão, da Justiça, da Innocencia,
 Da Candura, da Gloria, da Verdade,
 Do Talento, do Bem, da Sapiencia,
 Da Poesia, da Paz, da Liberdade,
 Do Prazer, da Piedade, e da Prudencia,
 E outros, oppostos ás paixões mais-rudes
 Doces Affectos, candidas Virtudes !

CXX.

Aquí, com angelical suavidade
 Oscila doce brisa, e susurrante ;
 É um sopro eternal da Divindade,
 Que estremece, e suspira a todo instante ;
 Despontando da celica Cidade
 Meigo affaga este globo fulgurante ;
 Fragrancia divinal prende os sentidos ;
 Em que os Anjos estão sempre embebidos.

CXXI.

Entre tão grandes, immortaes encantos
 Resoam de continuo mil trinados
 De mellicos, suaves, dulcios cantos !
 São os Anjos, que em Deos sempre enlevados
 Psalmeam sem cessar seus hynnos santos,
 Suas preceçs, seus votos arroubados !
 Nasce do firme bem firme alegria,
 Eterna luz diffunde eterno dia !

CXXII.

Aqui o Anjo do Brasil entrava,
 E o Anjo buscou da liberdade ;
 Conta-lhe ao vivo o quanto se-passava,
 E qual era do Inferno a má vontade ;
 O denegrido plano que intentava
 Cumprir do Despotismo a crueldade :
 O Gabriel a praeza embaixada ;
 E o favor da Mãe inviolada !

CXXIII.

— Olha (dest'arte o Anjo continua) :
 Distende a vista pelo longo plano
 Dessa terra infeliz, que já foi tua,
 Solo, que hoje se-chama americano !
 Aqui reinou a influencia crua
 Do negro Despotismo tão tyranno !
 Existem inda ahi seus monumentos,
 E a lembrança fatal de seus tormentos !

CXXIV.

Aonde o ilhe está da natureza
 Primitiva, sublime, e excellente,
 Cheio de magestade, e de belleza,
 O homem, esse ser independente ?
 Aonde existe pois tanta nobreza ?
 O que se-ha feito desse illustre ente ?
 O primeiro peccado, e atroz verdade !
 Aniquilou a sua liberdade !

CXXV.

Miserando ! perdeu sua excellencia,
 E fraco baqueou sem magestade
 Perdeu a sua cara independencia,
 E a nobre absoluta liberdade.
 Assomou sobre a terra a preferencia,
 E della se-ausentou leda egualdade !
 Foi senhor o feliz soldado bravo,
 O infeliz arrastrou grilhões de escravo !

SANTO VI.

CXXVI.

Si n'um paiz, n'um tempo, bafejava
Teu halito feliz, doce, e divino ;
O Inferno feroz, que o detestava,
Vinha-o logo turpar com desatin
Si n'um paiz a paz doce imperava,
Da guerra a-afugentava o sp'rito ind'ino ;
Eram manejos do sanbido Abysmo,
Traçados pela mão do Despotismo !

CXXVII.

Assim, foi longo tempo bafejado
Por ti o doce clima americano ;
Assim, por tanto tempo abençoado
Gozou da paz o sopro soberano ;
Mas o poder do Averno conjurado
Tanto bem transformou em tanto damno !
Ergue-se o Despotismo nesta terra,
E negreja, e a-devora infausta guerra !

CXXVIII.

Quando as do torpe Averno iras insanas
Conspiram contra a triste humanidade,
Certo mui pouco são forças humanas
Contra a do Inferno torva crueldade :
Só dos Anjos as forças soberanas
Resistem a tão grande iniquidade :
Eia, armemos-nos pois contra o Abysmo,
E calcuemos o collo ao Despotismo.

— Em quanto ao Despotismo não se trata
O impio fogo airoz de civil guerra ;
Em quanto o Despotismo não se trata
Seu poder, e al
Em quanto a Santa
Tão doce Protectora
Convem que aq
O que dizes

Dice: e ambos os ares attendem
Do centro do mundo regido aytarem
Ambos os ares se uniram aytaram
Do Amazonas se trata a plaga efferea :
Seus aytos de pois ambos aytaram,
Toda de aytos aytos aytaram aytaram :
E assim que esses ares per aytaram
De Santa Cruz na terra emfim poisaram.

CXXXI.

Em quanto entre os dous Anjos se-passa
Estas cousas, já tinha o negro Abyssmo
Tudo disposto: e aos homens concitavam
A medonha Discordia, e o Despotismo,
E os animos com furias agitavam ;
Desfallecia a paz n'um paroxysmo,
E per entre a geral desconfiança
Minorava nas almas a esperança !

CXXXII.

As Juntas das provincias receidas
 Consideravam Pedro mal contente,
 E criam que nas luctas c'lamitosas
 Amparo dêsse á Lusitana gente
 Algumas, desta sorte cautelosas
 Obedecer negavam-se ao Regente ;
 Pois da Desconfiança o esp'rito ousado
 Finha n'aquelle esp'rito penetrado !

CXXXIII.

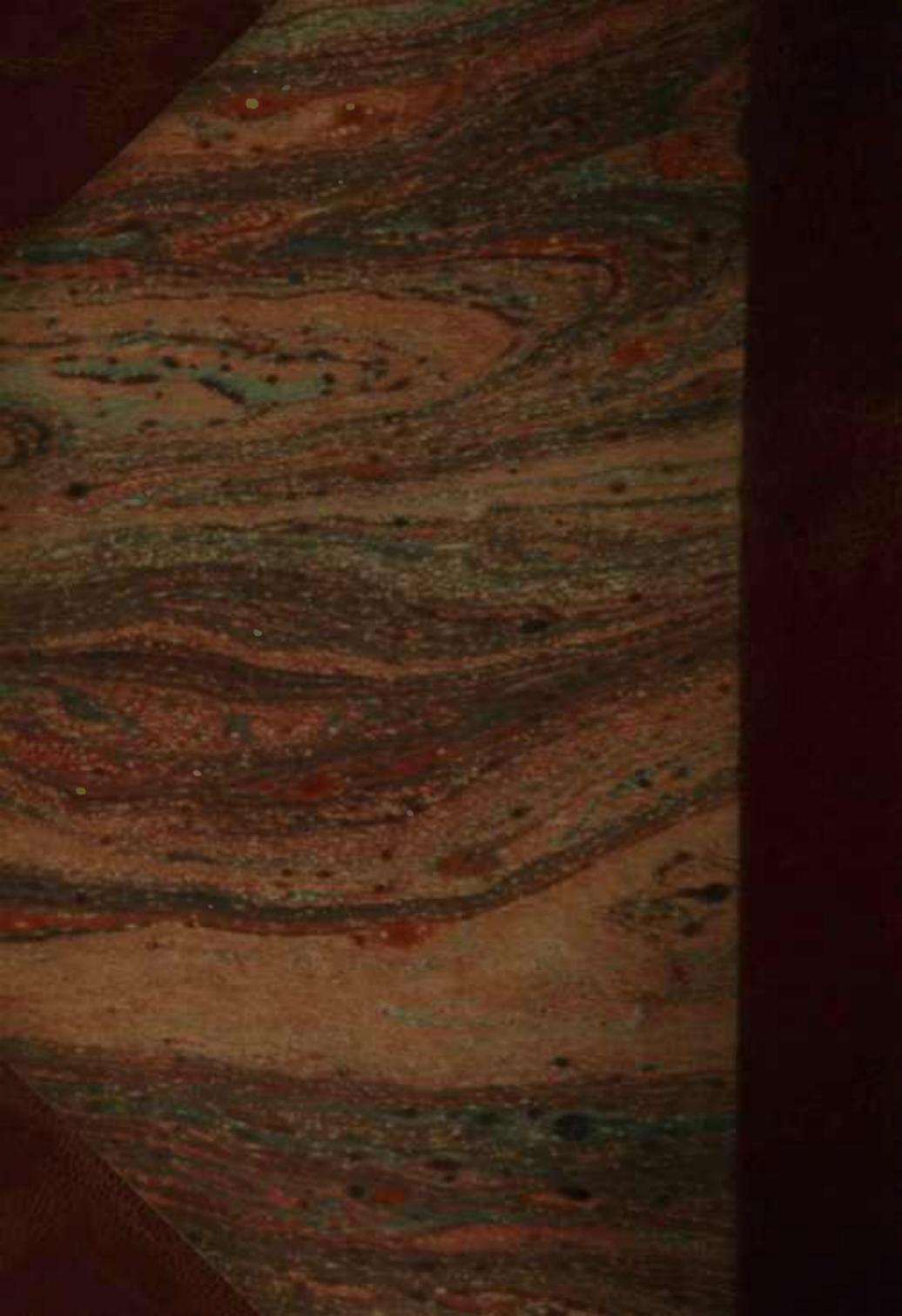
Chegaram pois aos ultimos apuros
 Muitas provincias da Brasilea terra !
 Involviam-se turbidos futuros
 Já com o manto da intestina guerra ;
 Entre tristes destinos mais que escuros
 Em seu seio o seu germen já se-aferra :
 Falta um signal p'ra as luctas c'lamitosas,
 E arderão mil pelejas sanguinosas.

FIM DO CANTO VI.









BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).